

EFEITOS COLATERAIS DE UMA VIDA

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Publicado por Editco Comercial Ltda.
Rua Padre João Manoel, 100 • Edifício Horsa I • salas 221/222
Conjunto Nacional • Cerqueira César • São Paulo/SP • Cep: 01411-000

Tel: (11) 3881.9229
grace.marquez@uol.com.br
gotadeluz@gotadeluzdosol.com

São Paulo, 2005.

GRAÇA MARQUES IBIAPINA

© 2005 de Graça Marques Ibiapina

Título Original em Português:
Efeitos colaterais de uma vida

Coordenação editorial: Valéria Rocha
Revisão: Josias Aparecido de Andrade
Capa: Graça Marques
Editoração eletrônica: Vivian Valli
Impressão: Gráfica e Editora Vida e Consciência
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Elaborado pela autora)
Ibiapina, Graça Marques.

Efeitos colaterais de uma vida / Graça Marques Ibiapina. - - São Paulo
: EI - Edições Inteligentes, 2004.
ISBN 85-7615-114-6
1. Câncer - Pacientes - Biografia 2. Ibiapina, Graça Marques
3. Memórias autobiográficas 4. Psicoterapeutas - Biografia 5. Sucesso
profissional I.

Título _____04-7383 CDD-616.9940092

Índice para Catálogo Sistemático

1. Mulheres com câncer: Autobiografia 616.9940092
É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a permissão, por escrito do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

AGRADECIMENTOS

À Terra, ao Sol, Lua, todos os Planetas;
Ao mar, minha Estrela Azul;
Aos meus Mestres;
Aos meus professores de psicanálise;
Aos meus pacientes;
Aos amigos e inimigos, minhas fontes de inspiração para escrever o belo e o feio...
Mustafá, Mohamed, Ashtar, Domingos, Miotto, Lelé, Clarita, Marisa, Tiseko, Conde, João, Carla, Eleonora, Roberto, Eduardo, Misael, Ricardo, Sandra, Chaer, Karen, Judith, Márcia, Alexandre, Claudia, Gisele, Ana, Denise, Luiz, Antonieta, Zé Roberto, Miriam, Greice, Meire, Charles, Tosto, Sandra, Raul, Sinara, Herrera, Andréas, Clara, Ruy, Marisa, Diniz, Jô, Zizo, Flavio, Madalena, Valle, Beto, Migliolli, Manoel, Everson, Angela Bouskella, Nise, Zé, Vânia, Miguel, Silvana, Yolanda, Pérola, João, Orlando, Mazzetti, Ralph Cândia, Flávia, Tato, Rogério, Mário, Verane, Michelle, Luiz Antonio, Eduardo, Carlos, Felipe, Sorrentino, Sonia, Munir, André, Maria, Josefa, Ruiz, Sandra, Pedro, Vick, Fabiola, Karl, Liliana, Roselli, Neto, Pablo, Celso, Cristina, Stiphen, Naiomi, Maria, Robert, Homens de Bem, Isaac, Shirley, Naufal, Margarida, Julieta, Patrícia, Ernesto, Walkiria, João Luiz, Carlos Eduardo, Nonato, Rick, Ingo, Albert, Mirela, Gustavo, Nelson, Carlos Eduardo, Fernando A., Lu, Você.

DEDICATÓRIA

Às minhas filhas Fabiolla e Vanessa, e à filha da minha filha que passou tão rápido sob nossos olhares famintos do seu amor e se foi para a eternidade... Maria Jaci!
17 de abril de 2003

*“O tempo é a distância entre
a conduta e a retribuição”
Rabi Yehuda Berg*

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| PORQUE ESCREVI ESTA HISTÓRIA | 11 |
| CAPÍTULO 1 | |
| CÂNCER, POR QUE AGORA? | 17 |
| CAPÍTULO 2 | |
| A DOR DE UM CÂNCER ME FEZ VIVER | 35 |
| CAPÍTULO 3 | |
| SABER QUE SOU MORTAL, RESSUSCITA-ME | 51 |
| CAPÍTULO 4 | |
| POR QUE DEVO FICAR VIVA | 67 |
| CAPÍTULO 5 | |
| QUANDO TUDO NÃO É O SUFICIENTE | 73 |
| CAPÍTULO 6 | |
| ACORDEI MINHA MEMÓRIA CÓSMICA | 97 |
| CAPÍTULO 7 | |
| MORRI PARA AS FUTILIDADES DA VIDA | 113 |
| CAPÍTULO 8 | |
| NÃO ESTOU PARA NINGUÉM ABAIXO DE DEUS | 123 |
| CAPÍTULO 9 | |
| REVENDO-ME EM UM NOVO ESPELHO | 133 |
| CAPÍTULO 10 | |
| UMA OBRA FICA PRONTA PARA EU FICAR VIVA | 145 |
| CAPÍTULO 11 | |
| UM ANJO ME AJUDOU A CRUZAR O RIO | 157 |
| CAPÍTULO 12 | |
| TANTAS HISTÓRIAS PARA CONTAR | 163 |
| CAPÍTULO 13 | |
| UMA PALAVRA BASTA PARA MUDAR | 175 |
| CAPÍTULO 14 | |
| PENSEI QUE TINHA CHEGADO AO FIM | 179 |
| CAPÍTULO 15 | |
| 340 DIAS DE SOLIDÃO: DEPOIS DISSO EU VI DEUS | 185 |
| CAPÍTULO 16 | |
| A FALTA QUE VOCÊ ME FAZ | 195 |
| CAPÍTULO 17 | |
| REFLEXÕES PSICOTERÁPICAS | 197 |
| CAPÍTULO 18 | |
| QUANDO EU VOLTAR PARA CASA | 205 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 221 |

INTRODUÇÃO

É uma história de vida, um auto-retrato onde conto minha experiência pessoal diante da agonia de ter um câncer, sabendo bem o que significava o câncer nesse momento da minha vida, do meu *corpo inteiro*... tudo por fazer, tudo para aprender, tudo para viver...

De forma poética, este livro explana uma narrativa desde o momento em que recebi o diagnóstico da neoplasia maligna, passando pelos lugares da minha história onde cada momento lembrado relaciona-se com o evento da **iminência** da morte, ao mesmo tempo, sempre tive a certeza da minha FORÇA DE VIDA, potencializada em cada célula do meu corpo. Registro os detalhes dos conflitos e paradoxos intrínsecos da mente humana que luta contra **o mito câncer e o estigma da morte** que o acompanha impiedosa e inexoravelmente em todo o processo do tratamento— seja um grande ou um pequeno câncer. O que este câncer representa é que faz toda a diferença. Conto o que significou viver esta experiência, mesmo sabendo tudo o que sabia sobre as previsões inquestionáveis das estatísticas de mortalidade (a partir do diagnóstico até passados os dez anos ameaçadores da provável recidiva do câncer no mesmo lugar ou em outros órgãos), em mulheres com câncer de mama, e como fiz para resignificar os prognósticos instituídos cientificamente.

Através de palavras claras e de forma coloquial o livro conta o que um câncer pode causar de desespero, angústia, revolta, raiva e culpas nesta seqüência evolutiva, até o momento da recuperação das forças para lutar pela vida sem cerimônias, numa história de amor de uma mulher pela vida.

Confesso toda minha Fé inabalável no Divino e conto como foi determinante a convicção da existência de Deus em minha vida para *virar o jogo* e vencer... Meditando e orando uma hora por dia, no mínimo.

Este livro pretende ser um modelo de esperança para as pessoas que estiverem passando pelo mesmo processo e para aquelas que poderão passar.

Eu mostro na prática, como fiz para transformar o câncer em uma obra social que hoje ajuda milhares de pacientes carentes no Brasil – Napacan.

Também deixo claro que o câncer não é de modo algum uma doença imbatível e que a nossa capacidade de refazer nossos planos existenciais é do tamanho da nossa força de viver, e que nosso potencial de saúde é imensamente maior que qualquer doença.

Sobretudo, insisto no pressuposto de que uma doença grave como o câncer é uma solução para problemas reprimidos que vêm à tona para buscar saídas. Sempre é uma *guerra enfrentar este encontro* com o medo da morte ou da mutilação, mas sempre saímos mais fortes se entendemos *a mensagem*.

Eu conto como venci este *jogo doido*, e quero ensinar, se for possível, os passos a serem dados para quem quiser aprender.

Este é um ensaio que o Senhor inspirou-me a escrever para compartilhar com milhares de pessoas que precisam de Milagres e não sabem como usar a Fé que Deus plantou em nossas mentes na hora do nascimento.

Eu sou uma mulher de Deus, sempre soube e sempre falei disso.

Com nove anos de idade, já dizia aos meus familiares que eu viveria para abençoar nossas vidas e mudar minha história. Esta afirmação já era uma convicção inabalável da presença de Deus em minha vida.

Cresci, estudei, fiz teatro profissional, estudei comunicação social e psicologia. Fiz formação em psicoterapias e psicanálise e toxicodependências (clínica das

dependências químicas). Sou escritora de três livros – um publicado em 1998, um na gaveta e outro a caminho da publicação. Casei em uma Igreja Batista, tive duas filhas especiais, divorciei-me e continuei crescendo na Palavra de Deus, sempre procurando meu horizonte pessoal e profissional. Nunca fui de igrejas e jamais frequentei uma por mais de dois meses, sempre preferi falar com Deus do altar do meu quarto, do meu consultório, pelos caminhos que fiz, sempre cheios de árvores, dentro dos meus rios e igarapés... E por infinitas vezes supliquei ao Senhor que nunca me abandonasse e fizesse de mim um instrumento de mudança nas vidas humanas e animais que passassem por mim. Minhas filhas sempre me fizeram enxergar a misericórdia de Deus em minha vida, lembrando-me todos os dias como eu sou abençoada e cheia da Graça do Senhor.

“Mami, você tem milagres para contar para o resto de sua vida se quiser, conte para as pessoas quem é esse Deus de Amor que sempre esteve te guiando mesmo nas horas mais críticas e misteriosas... conta que Ele te resgatou de um lugar de onde poucos saíram com vida e com dignidade, de um lugar onde mulher, sem nome, sem terra, sem teto, sem pão... ou virava prostituta de luxo dos *Coronéis da Borracha* (Rondônia) ou traficante de drogas, ou morria de fome, se acaso não topasse casar com o amigo da escola primária.

Conta que você bebia café em uma caneca de lata de leite moça e sonhava que um dia teria xícaras de porcelanas inglesas... Mami, o teu nome é Graça! Você é da Luz!.” Minhas filhas são meus instrumentos de crescimento, bênçãos de Deus em minha vida! Assim eu escrevi este livro, aos tropeços, vivendo ao mesmo tempo as dores e as alegrias de receber os milagres vistos a olhos nus. Escrevi tudo o que escrevi sob fortes emoções e fui construindo idéias com um forte desejo de ser clara e profunda para que você leia e entre na minha história com a mesma emoção que escrevo e vivo esta história.

Procuro o meu caminho das Águas Sagradas e continuarei procurando porque a inquietação leva ao movimento, que leva ao questionamento, que leva ao crescimento. É um caminhar eterno que perpetua lutas inteligentes para se auto-preservar e se auto-suprir. Não quis ser acadêmica e nem esgotar velhos ou novos conceitos, mas fazer uma reflexão séria e poética para tornar este livro uma leitura agradável e uma referência para o paciente que não teve câncer, para o que já teve e para o que tem e pode libertar-se dele.

Não sei ainda se achei o meu TAO (caminho) definitivo, mas é nele que refrigero minha alma e descanso das minhas batalhas, porque sinto que nele e por ele vivo (busca de auto-conhecimento).

Eu estou curada de muitas doenças, mas sei que tenho que orar e vigiar eternamente. Tenho ministrado a Palavra de Deus por onde ando sem preconceitos, finalmente.

Sou mais tranqüila hoje falando abertamente de Deus e todos os seus significados. Deus está em tudo que pensamos, por toda a eternidade e a eternidade cabe em um só pensamento.

Não ter doenças é mais do que não ter sintomas, é ser sarado de pensamentos, de espírito. É ser limpo e purificar-se eternamente, no corpo e na alma. A morte é merecimento, é renascimento, não é o fim, é o recomeço. Muita gente está morta pensando que vive. Sou Grata por ter a sorte de ter chegado mais perto de mim nesta hora.

Minhas referências são meus sonhos, mas estudo e leio como um dever de quem pretende ser uma boa professora da vida – tudo o que faço é ensinando.

Este livro é autobiográfico e nada aqui é ficção, mas se alguém preferir entender que seja, será uma questão de grau de compreensão.

Quero deixar claro, metaforicamente e textualmente, EU ESTOU FALANDO DA VIDA e renascimento NESTE LIVRO!

São Paulo, 01 de dezembro de 2002.

Este livro ficou por sete meses (março a setembro de 2003) em uma editora enquanto eu viajava pela Inglaterra para estudar e curar minha alma ao lado de minha filha Fabiolla.

Muita coisa mudou em minha mente desde então, só não mudou a certeza de que Deus cuida de mim como de uma filha muito amada. Passei pela maior e mais profunda dor da minha vida neste período de abril a setembro de 2003, pensei que não suportaria mais uma vez, fiquei mais forte.

Um dia eu contarei esta dor quando já puder falar sobre ela e minha filha estiver mais forte.

Apreendi mais sobre alimentação, meditação, corpo e dança e aprendi a contar histórias para curar a alma. Acredito que rejuvenesci uns anos e fiquei mais alegre, mesmo diante das dores e aborrecimentos.

Conheci melhor minha família e experimentei uma intimidade espiritual com meus antepassados que me levou a viver o profundo sentimento do perdão espiritual seguido de uma libertação indescritível. Finalizei a construção do meu homem interno, tornando-me mais feminina e amorosa. Morar em Londres, Forest Row e Oxford, foi um exercício de sobrevivência único e transmutador. Ainda hoje acho que viveria em Londres para sempre se pudesse, sou outra pessoa lá!

Entretanto, agradeço às pessoas que me ajudaram a voltar ao Brasil, sem depressão e com tantos projetos novos para minha vida e minha profissão.

Um deles é este livro, que trabalho para editá-lo desde março de 2003 a setembro de 2004. Claro que estou fazendo acertos em seu conteúdo porque o tempo passou e meu discurso mudou, alguns personagens já não têm nenhuma importância e minha conversão ao Judaísmo (graças a minha família paterna Marques e Carvalhal), é meta de ouro. No entanto, sou messiânica pela força do Johrei, que me ajuda a vencer as barreiras físicas, emocionais e mentais mais duras da minha vida e da vida dos meus pacientes. Um dia eu falarei sobre o Johrei – é a prece em ação!

E Nam-Myoho-Renge-Kyo é a Lei que rege o Universo.

Graça Marques Ibiapina

São Paulo, abril de 2004.

"Eu gostaria que as pessoas reconhecessem que as doenças são solucionadoras de problemas", disse Carl Simonton, "e que o câncer é um dos principais solucionadores de problemas. Gostaria que as pessoas se dessem conta de que o câncer, em grande parte, é um colapso da resistência do organismo e que, em grande parte, a recuperação da saúde consiste em reconstruir essa resistência básica do corpo. Dessa forma, não se daria ênfase à intervenção médica, preferindo-se em seu lugar, dar apoio ao indivíduo enfermo. Além disso, gostaria que as pessoas percebessem que a célula cancerosa não é uma célula forte, mas uma célula fraca." (CAPRA, Fritjof – Sabedoria Incomum)

CÂNCER, POR QUE AGORA?

Estou na Av. Brasil, esperando o semáforo abrir. Distraída, olho para o painel eletrônico na esquina da Av. Rebouças, que anuncia um seguro de vida. As luzes do painel invadem meu cérebro, deixando-me hipnotizada.

Volto no tempo para lembrar de minha tia sempre dizendo que tempo é vida e saúde vale ouro.

O velho da esquina da minha rua, Rua José de Alencar, dizia que no fim da rua tinha um pote de ouro enterrado pelos ingleses. Nas noites de lua eu andava do começo ao fim da rua, pensando como eu era pequena diante deste Universo misterioso. Quando eu voltava para casa, estava inteira vermelha do pó da terra que cobria até as árvores no verão. Minha melhor amiga se chamava Carolina. Seu pai era um militar sério e calado. Sua mãe fazia tapioca e contava histórias de fadas para nós duas. Carolina vestia o sutiã da mãe e enchia de papel para fingir que tinha peito. Depois saíamos as duas para passear na praça do bairro. Os meninos riam muito porque era visível que com a nossa pouca idade de nove anos ainda não tínhamos peito natural. Ela ficava brava e jogava pedras neles. Todos os dias brincávamos muito até o Sol se pôr.

Um dia o pai da minha amiga foi transferido para o Rio de Janeiro e nunca mais vi minha querida amiga. Chorei de saudades por uns meses e nunca esqueci Carolina, minha primeira amiga inteligente e corajosa, que topava caçar camaleão comigo nos dias de chuva.

Ouçõ a voz da minha mãe me chamando para tomar banho tarde da noite. Eu volto correndo suja de barro com os joelhos sangrando dos tombos que levava, apostando corrida de bicicletas com os meninos.

Nesta brincadeira, eu era a única menina aceita no grupo dos meninos. Lembro de um dia que a corrente da bicicleta comeu o pedaço da minha perna e eu tentava costurar com agulha para minha mãe não ver. Ela nunca via nada mesmo. O dia seguinte era domingo e eu ia cedinho para a missa com meu vestido de fustão azul e um laço de cetim nos cabelos. Ela dizia que eu me parecia com a *miss* Brasil.

Começa a cair uma chuva fina e o dia fica frio.

Ouçõ buzinas de automóveis e me assusto, atrapalhando o trânsito. O semáforo abriu e eu não vi.

Piso no acelerador e saio em direção ao hospital onde estou indo fazer um exame para investigar o que já sei. Estou com um nódulo na mama esquerda que dói muito, sei que é um câncer (não é o nódulo que dói, mas a mama). Há 18 dias ando fazendo vários exames para se fazer um diagnóstico formal da suspeita de um câncer de mama que apareceu dia 10 de abril de 1999, durante o meu banho noturno.

Dia 10 de abril é o dia do meu aniversário, e este ano fui passar em Salvador com um amigo da adolescência — mestre da União do Vegetal — Nonato Marques. Logo cedo ele me levou para um almoço no núcleo Salvador, onde conheci centenas de pessoas queridas. Foi um dia lindo, iluminado. O Sol brilhava tão dourado, que minha

pele branca ficou vermelha e meus olhos, cor de mel. Eu estava bem e parecia que uma onda de vida irradiava de meus gestos, palavras e sentimentos. Nesse sítio há um lago para onde fiquei olhando durante longos minutos, pensando que se toda aquela água transbordasse dali, poderia me levar de volta para o lugar de onde eu nunca deveria ter saído. Eu me imaginava nadando naquelas águas como quando eu nadava nos meus igarapés de águas geladas.

Um dia eu saí de casa bem cedo para aprender a nadar nua nos igarapés de Vila Murtinho e esqueci de voltar para casa. Eu tinha 11 anos e meu corpo já estava se transformando num corpo de mulher, isto me assustava. Eu pensava: "Vou perder minha liberdade só porque meus seios estão aparecendo e meu corpo já começa a ter pêlos, que pena, eu queria ser menina sempre... "

Sei que nadei o dia todo e me alimentei com os cocos verdes e castanhas-do-pará que ali se colhia à vontade. Quando voltei para casa, minha mãe berrava no portão como se eu tivesse ido para a guerra sem me despedir dela.

Levei uns tapas nas orelhas e uma ordem para tomar um banho e dormir. Mas eu havia passado o dia num banho, por que outro banho?

Já fazia um ano que minhas glândulas mamárias vinham crescendo e chamando a atenção dos meninos, e do Nasser também, que tinha o cuidado de me lembrar de vestir uma roupa menos transparente para não parecer vulgar. Eu nem sabia o que era ser vulgar. O Nasser tinha 24 anos e cuidava de mim como um pai. Ele era tenente do Exército e servia no Batalhão de Engenharia de Porto Velho. Dizia para minha mãe que quando eu tivesse 18 anos ele casaria comigo, se eu me comportasse como uma menina boazinha. Isto porque eu vivia na rua apostando corrida de bicicleta com os meninos do bairro. É claro que nunca cheguei a ser a menina dos sonhos do Nasser e um dia ele voltou para Juiz de Fora antes mesmo que eu completasse 13 anos.

Estou lembrando destas cenas e ouço a voz do Nonato dizendo para os amigos que eu era uma boa menina e que usava as minissaias mais curtas da cidade, mas que o tempo havia me transformado em uma mulher serena e madura.

O lago refletia a luz do Sol dentro dos meus olhos e minha vontade era de pular nas águas e sair nadando até a minha casa.

Eu havia me transformado em uma mulher séria e cheia de responsabilidades, o que me incomodava toda vez que sentia vontade de pular num rio e nadar sem roupas. As roupas foram cobrindo minha pele a ponto de se tornarem uma segunda pele.

O dia passou, a noite chegou trazendo estrelas cheias de luz. Voltamos para a cidade com um monte de gente alegre, falando e rindo o tempo todo. Eu fiquei em silêncio pensando como foi naquele dia em que eu nasci. Senti um cheiro de vinho tinto e queijo assado. Foi assim que festejaram meu nascimento, com vinho e queijo assado ao som de muito samba.

Durante o banho da noite, antes de dormir, passando a mão na mama esquerda, achei um nódulo do tamanho de uma bola de gude. Examinei com cuidado para ter a certeza de que não estava sonhando e toquei de novo o nódulo. Ele estava lá e apareceu do dia para a noite.

Dormi logo que pude e bem cedo liguei para São Paulo querendo falar com minha médica, mas ela estava viajando.

Guardei comigo minha descoberta e ainda fiquei três dias tentando passear com os amigos. Na véspera do meu retorno a São Paulo, fui beber o chá com os manos no

Apuí. Foi uma sessão muito alegre, cheia de esclarecimentos. Em algum momento olhei para o chão aos meus pés e vi um inseto morto sendo arrastado por milhares de formigas. Fiquei olhando aquela tarefa árdua das formigas de devorarem o inseto até ele desaparecer. Desliguei-me daquilo para dormir uns minutos até a hora de voltar para casa.

No dia seguinte estava chegando a São Paulo às 14:00h para ter tempo de ainda resolver assuntos de trabalho.

Era um dia frio e cinzento, típico de outono, não consegui fazer quase nada. Veio o fim de semana e deixei para marcar a consulta com meus médicos uma semana depois. Com isso já estávamos chegando ao fim do mês e eu pensando o que faria para enfrentar o diagnóstico de uma neoplasia maligna na mama esquerda.

Eu acho que dormi mais de 12 horas num sábado e umas 15 num domingo, e assim o tempo foi passando.

Quando, enfim, consegui uma consulta com um dos médicos, ouvi o *verdicto* já esperado: "Vamos investigar através de uma mamografia e de uma biópsia.

Se for o que supomos que seja, o procedimento será uma mastectomia total..."

Eu escutei em silêncio a *sentença de morte* e saí dali para outro médico, depois para outro, e mais outro, e três dias depois, para a minha médica. Ela é uma amiga daquelas que a gente tem a foto no álbum. Trabalhando juntas no mesmo consultório, ela ficou sem palavras... Bem, o câncer era simples, mas pode ter contaminado os gânglios linfáticos e ter espalhado para a corrente sanguínea e aí pode ter chegado em algum órgão vital...

Na verdade, o medo do câncer de mama era nenhum, o fantasma mesmo encontrava-se no mito do *espalhou-se*, e se *se espalhou*, é grave, e se resolver parte, ainda tem a ameaça da recidiva por 10 anos!!! Aí a mulher já pensa como será o funeral e onde será sepultada... (eu já escolhi: em Guajará-Mirim-RO, ao lado de minha mãe).

Acordei do transe do dia do meu aniversário e *gritei*: "Não, ninguém vai tirar minha mama! Eu decido o que fazer e sem um peito eu não vivo meu peito é meu símbolo de vida feminina desde que eu nadava sozinha para que ninguém visse que eu não era mais uma menina. Não vou fazer mastectomia e não vou morrer certo?". Minha médica dizia que era grave, *um ano depois era simples*.

Depois disso continuei trabalhando e vivendo em *flashback*. Toda a história da minha vida voltava a cada minuto e o único jeito que eu encontrei de transformar e canalizar esta energia avassaladora, fora o meu trabalho psicoterápico, foi cantando mantras, fazendo tela mental da minha cura e escrevendo minhas reminiscências na forma de associações livres e abstraindo cenas da minha história para *pintar* uma tela subjetiva.

Cheguei a ficar noites inteiras acordada, escrevendo e meditando. O pouco que eu dormia, sonhava com símbolos ligados ao meu processo de vida e morte iminentes. Por uma semana sonhei com todas as casas da minha infância, minhas árvores queridas, minhas cachoeiras, meu rio e igarapés. Sonhei com o nome do homem que me auxiliaria a encontrar o meu tratamento natural complementar.

Por que tenho um câncer? Para saber que a força da minha vida é maior que um câncer! Pensando antes de dormir, compreendi que este câncer representava uma tarefa que eu havia deixado de cumprir. Só me restava descobrir qual era a tarefa, esta era a parte mais difícil, mas não impossível.

Podia passar sem este câncer, mas missão grande, dor grande... (meu Mestre já dizia). Este câncer é do tipo que mais mata mulheres no mundo, e sempre resulta em recidivas infundáveis aos 2, 3, 4, 10 anos.

Eu sonhei durante dez anos que estava voltando para a faculdade de psicologia para terminar um estágio e fazer umas provas que nunca acabavam. Era um pesadelo

recorrente que me intrigava. Bem, faltava uma tarefa cheia de provas para concluir na escola da vida, isto estava claro agora.

Estaria atenta aos movimentos do Universo para captar as mensagens sobre a tarefa e me prepararia para desempenhá-la com força e competência.

Passei outras noites acordada, pensando no porquê de ter deixado de cumprir uma tarefa tão importante que hoje me vira do avesso para dar conta de algo que eu prometi que faria, custasse o que custasse. Esta consciência nascia devagar em mim, mas que tarefa meu Deus?! Talvez servir a Deus, e em seu nome, ensinar o caminho da Luz para quem quiser saber.

Chorei como uma criança revendo meus álbuns de fotografia onde em cada foto, desde minha infância, só os meus olhos *saltavam* aos *olhos* de quem os *via*. Sempre tive um belo corpo, pele de pêssego, cabelos de índio, mas os seios pequenos. Aliás, sempre tive medo de ter seios grandes, *ficariam flácidos* depois de amamentar. O meu cirurgião plástico, que faria a reconstrução mamária, dizia que era uma *pena* o fato de eu ter seios quase perfeitos na minha idade, porque ele não teria recursos técnicos para tirar de um lado para preencher do outro... *o perfeito dá trabalho*.

Deitei no tapete da sala, com centenas de fotos e adormeci. Acordei cinco horas da manhã de um dia chuvoso e frio. Fiz um chá verde e fui para a varanda olhar a névoa que encobria a árvore centenária que está plantada bem na frente do meu prédio. É uma árvore tão grande que toma todo o terreno da esquina em frente, não deixando ver as casas que estão embaixo dela. Durante dez anos meditei olhando esta árvore de inverno a inverno. Dela sempre tirei uma sensação de estar plantada no chão, recebendo a seiva da natureza que corre em meus vasos sanguíneos.

Minha tia grita do fundo do quintal para eu ir tomar banho enquanto a minha prima estava no banheiro. Eu tinha 5 anos e a Helena já tinha uns 16 anos. Ela sempre me dava banho quando chegava da escola e eu sempre ficava olhando os peitos dela e pensando: "Meu Deus, tomara que eu não tenha peitos tão grandes como os dela". Eu tinha medo de ter peitos grandes e caídos. Minha mãe vem para a cozinha trazer uma panela de sopa de tambaqui e mandioca. Canta baixinho sua música preferida e eu tento decorar a letra. Perco-me, distraída com o latido do meu cão Rex que também queria jantar. Minha avó Esther dizia sempre a mesma frase: "Graça, coma devagar mas não durma antes de acabar toda a sopa." Todos riam de mim dizendo que eu vivia no mundo da Lua, que eu era de algum planeta colorido, cheio de lança-perfume. Isto

porque eu era uma turbina de avião num momento e um monge Zen noutra.

Minha prima Arlete brincava de encher o sutiã de algodão para impressionar seu namorado. Eu subia no galho mais alto da ingazeira para ver as corujas de noite.

Meu pai não dizia nada. Lembro de um dia ter dito que estava fazendo força para crescer logo e fugir daquela casa.

O telefone toca alto muitas vezes até que volto dos meus devaneios para perceber que são oito horas da manhã, e no telefone uma pessoa me pergunta se estou bem, se preciso de algo... Eu digo que preciso de um colo do tamanho do mundo, mas que está tudo bem. Minha filha Fabiolla liga de Londres para dizer que está triste e ansiosa passando por momentos difíceis. Eu procuro ajudá-la e não digo nada sobre a doença.

Ela pergunta se está tudo bem comigo e eu digo que sim.

Tomo um banho e vou trabalhar. Os meus pacientes não percebem nada e meu trabalho continua como sempre.

O meu consultório é dentro de um instituto de oncologia de minha amiga e minha médica. O que está mudando é que eu entendi porque vim trabalhar com ela, a princípio para desenvolver um trabalho psicoterápico com o paciente com câncer, depois para ter um câncer perto de alguém que me assistiria constantemente, depois para ser preparada para assumir o comando de um *barco que dará carona para muita gente que anda cansada de pedir ajuda sem ser da, sem ser respeitada...* [Depois de tantos anos, não tenho dúvidas quanto ao comando do barco, hoje já superei as dúvidas].

Hoje estou indo finalizar a bateria de exames solicitados pelos médicos, inclusive a biópsia.

Entro no hospital como se estivesse indo para uma reunião de trabalho e me dou conta na mesa da médica de quem sou uma paciente como todas. Ela pergunta se eu não vi o tumor antes. Eu digo que ele só apareceu 35 dias atrás, mas desconfiava de um erro de diagnóstico de um mastologista que pediu os mesmos exames e fez uma biópsia há dois anos e deu o diagnóstico de simples nódulos grosseiros sem presença de células cancerígenas. Agora estou entendendo que a incompetência dele não o deixou ver o nódulo esquerdo e ele puncionou o quadrante superior. São os ditos erros médicos.

Ela finaliza o exame e manda pegar o resultado 3 dias depois.

No dia 19 de maio de 1999 saiu o resultado do exame. Deu carcinoma ductal, com receptores para estrógeno e progesterona, T1 n0.

De volta para casa, com o trânsito lento, eu tenho tempo de lembrar da música que minha mãe cantava sempre:

"Aos pés da Santa Cruz, você se ajoelhou, em nome de Jesus você jurou, jurou, mas não cumpriu, fingiu e me enganou, pra mim você mentiu, pra Deus você pecou, um coração tem razões..."

As lágrimas escorrem dos meus olhos. Sintonizo a rádio Eldorado e encontro a Gal cantando:

"Você é meu caminho, meu vinho, meu vício, desde o início estava você, meu bálsamo benigno, meu signo, meu guru, porto seguro onde eu voltei, meu mar e minha mãe, meu medo e meu champanhe, visão do espaço sideral, onde o que eu sou se afoga, meu fumo, minha ioga, você é minha droga, paixão e carnaval, meu bem, meu Zen, meu mal..."

Estou querendo entender o que fiz de *errado* para ter um câncer. Sou toda cheia de natureza e práticas meditativas. Não uso drogas, devia ter usado e bebido até ser mais um *ser vagante* neste planeta!

Bate a primeira crise de dor cheia de revoltas, ai que merda, tudo igual, a mesma dor de todos, os mesmos medos!

Choro até ficar sem sal no corpo. Tomo um banho e durmo enrolada como um gato dentro de três *edredons*. Acordo 12 horas depois cheia de dores pelo corpo todo. Sento nas minhas almofadas para olhar dentro de mim enquanto canto meu mantra preferido.

Canto até *ficar verde* e assim sinto as dores saindo do meu corpo como se fossem fiapos de luzes amarelas claras. Enxergo o tumor disforme como uma amora velha.

Toco-o com a mão direita falando para ele ficar paralisado ali no lugar até desaparecer.

Ouçõ a voz do meu inconsciente que diz:

“Nada pode ser maior que sua força de vida, a doença não é maior que a saúde, um câncer não pode lhe matar se você quiser viver. Cante e beba muito líquido. Olhe a vida com novos olhos, mude seu roteiro, pinte novos quadros, mude seus pensamentos, o cérebro é holográfico, parte dele reflete o seu todo... (CLOW, B. H. A Agenda Pleiadiana), estude tudo sobre câncer e ajude a todos que lhe procuram pedindo força.”

Começo a entender boa parte deste capítulo de minha vida. Peço a Deus que me dê clareza e força para *nadar até o outro lado do rio sem me afogar*.

Afinal o que mais fiz na vida foi nadar rio abaixo e rio acima. Antes mesmo de chegar ao consultório, recebo no celular uma ligação de um paciente em surto psicótico pedindo socorro. Peço que vá ao consultório imediatamente para eu vê-lo ainda hoje.

Tudo começa a se agitar de repente como se todas as forças estivessem se dirigindo a mim com o objetivo de me testar ou de me mostrar que *atendendo ao outro, me atendo*.

Fico em pé o tempo todo fazendo o possível para atender aos naufragos e tenho a sensação de estar envolvida por uma Luz que me alimenta noite e dia.

Minha médica planeja sessões de quimioterapia.

Meu cirurgião prefere operar imediatamente para evitar riscos de metástases.

Eu banco a decisão de tentar o tratamento quimioterápico antes de operar porque, como já disse, não vou perder meu peito para o primeiro medo de morrer. Prefiro morrer a fugir desta batalha sem saber o que o *inimigo pretende* comigo.

Apesar da pressão da família e dos médicos, eu decido que faço o tratamento antes e depois penso na cirurgia conservadora.

Corro atrás de um novo cirurgião oncologista mastologista e de um cirurgião plástico que me dê perspectivas de retirar o tecido cancerígeno e conservar a mama sem retirada de pele como se pratica na Europa em alguns casos de câncer de mama.

Recebo a primeira quimioterapia numa sexta-feira da semana seguinte ao diagnóstico, 28 de maio de 1999.

Por cinco horas fico sentada na mesma poltrona onde atendo meus pacientes com o braço gelado, assistindo a cada gota da droga entrando em meu corpo como um exército armado invadindo meu mundo.

Tenho náuseas, dores, tonturas, fadiga e bebo um litro de chá verde. Minha filha Vanessa vela ao meu lado, tentando falar de tudo para não falar do seu medo diante da possibilidade de minha morte. Foi uma experiência dolorosa que finalizou com um choque térmico em meu corpo, cujos ossos pareciam que estavam sendo triturados por hélices de gelo.

O enfermeiro correu pedindo ajuda à médica, minha filha ficou paralisada e eu brigava com meu corpo para encontrar calor em algum lugar o mais rápido possível. Deitaram--me em meu divã, ligaram aquecedor, aplicaram massagem, falaram para eu ficar calma. Eu disse que estava calma, mas que só sentia dores e frio. Rezei meu mantra baixinho e fechei os olhos para enxergar por dentro onde estava o ponto de equilíbrio. Quarenta minutos depois eu estava inteira, com calor e com fome.

Comi um lanche que minha filha trouxe da padaria, bebi o chá que a Margarida, nossa ajudante de cozinha fez, passei um batom vermelho, arrumei os cabelos (neste dia ainda os tinha na altura dos ombros) e descii para ir embora. Na recepção, as pessoas olhavam para mim e, curiosas perguntavam: “Está tudo bem, doutora? A senhora não passou mal? Já vai embora assim? Fique mais um pouco e descanse...”

Eu tinha pressa de ir embora. Ainda deveria passar na casa de uma amiga para entregar uns documentos.

Minha filha brigava comigo, pedindo para eu relaxar e dormir. Brigava para eu não dirigir o carro, brigava para não eu entrar em seu pânico que já estava estampado em seu rosto.

Pobre criança! Mal sabia ela que eu estava lutando contra a morte e a depressão. Era esta a minha maneira de enfrentar um câncer e suas adversidades. Naquela noite ainda enfrentamos um trânsito infernal na região dos Jardins, em São Paulo, e só chegamos em casa depois da meia-noite.

OBS: Aqui eu faço um corte e pulo 2 capítulos.

O dia seguinte estava silencioso e vazio. Sozinha, eu pensava nas promessas que me fiz por tantos anos... Seria possível cumpri-las agora ou eu teria que desistir de tudo? Sentia dores insuportáveis em todos os ossos e sentia dificuldades para andar e falar.

A depressão havia chegado com força total, me paralisando por um dia e uma noite. Para não ser vencida, eu pensava sem parar em tudo que pudesse mudar as cores das minhas emoções. Sentada em minha velha poltrona, olhava para o infinito procurando um arco-íris ou um sinal da presença de Deus por perto. Acho que fiquei olhando para esse lugar por umas oito horas até o Sol se pôr.

Muitas vezes ainda pensei que estivesse sendo sacudida para enxergar algo importante de minha vida sem muita clareza.

Senti muita raiva e quis largar tudo e sair pelo mundo com uma mochila nas costas para viver o pouco de vida que me restava, sem dores ou tristezas, quimios e radioterapias e seus efeitos colaterais.

Ter câncer dá muito trabalho, tira o sono, dói, assusta, faz pensar, exige mudanças radicais.

Eu não queria ter câncer porque o tratamento é caro, difícil, cheio de mistérios, dúvidas e muitas picadas de agulhas...

Refletindo minutos depois, sempre concluía que não dava para fugir de mim mesma e que de alguma forma esta experiência estava sendo importante para alguma batalha que surgiria em meu caminho uma hora destas.

Seriam esses diálogos infundados e silenciosos recursos mentais para me manter viva e motivada para fazer o tratamento indicado? Talvez! Se não fossem, bastava-me a lucidez que nascia sem constrangimentos como uma nova vida fazendo-me humana e senhora de minhas decisões, trazendo uma nova luz para o corpo, para as palavras e para a mente!

Lembro de ter lido inúmeras vezes que nós "somos a soma de nossas decisões". O cineasta Woody Allen disse, meu Mestre disse e eu mesma escrevi a respeito desta verdade em meu livro ***Quando Não Fallo, Adoeço*** em muitos parágrafos. E, claro, eu vivo esta verdade desde criança e creio nela.

Neste momento só estou procurando compreender qual é esta decisão.

Ano passado vi um filme que falava sobre o tal do livre-arbítrio, e hoje estou pensando se estava certa quando escolhi viver esta vida... Deve haver uma razão para insistir na coragem de se auto-superar da forma que eu venho vivendo desde a hora que dei o primeiro choro nas mãos do velho médico Ari Tupinambá, naquele hospital branco e frio de Porto Velho.

Nesse hospital eu desmaiei várias vezes por causa do cheiro de éter e fui amarrada em uma mesa por dois enfermeiros selvagens para cortar, sem anestesia, um tumor sob minha axila direita quando eu tinha 9 anos.

Já comecei a vida cortando pedaços delicados do meu corpo.

Estou cheia de raiva e irritação por ter que me submeter aos tratamentos oncológicos inevitáveis.

Chego a sonhar que sou criança de novo e posso bater o pé e pedir que me ponham no colo na hora de tomar uma injeção. Eu não quero fazer as químios, elas adoecem as células sãs.

Ah, que vontade de ter uma mãe protetora para me segurar pela mão e dizer que nada vai doer e tudo vai passar!

Que vontade de ter pessoas fortes e amigas para me dar colo e enxugar minhas lágrimas!

Não tem jeito, todos ficam frágeis e confusos quando convivem com uma pessoa com câncer!

Apenas eu e Deus nestes dias todos e nestas noites infindas.

A médica sempre me dizia que era um câncer simples, mas mesmo assim não entendo porque eles queriam retirar minha mama. Será mania de médico mutilar pessoas?

Marco na minha agenda todas as sessões de quimioterapia até a cirurgia e as que viriam depois da cirurgia, só assim vejo o tempo passar logo e termino este capítulo.

A DOR DE UM CÂNCER ME FEZ VIVER

"...Qualquer dano físico como aneurisma ou câncer pode ser curado se você mudar o comportamento que o mantém na sua forma. Há muitas evidências científicas de que o cérebro humano é holográfico. O neurofisiologista Karl Pribram e o físico David Bohm chegaram a essa conclusão, independentemente um do outro, na década de 1970."

(TALBOT, *Holographic Universe*, p. 1)

Portanto, o dano em uma parte do cérebro pode ser curado, e uma mudança de pensamento pode mudar o padrão geral. Outra parte do cérebro até pode exercer a função da parte prejudicada, em alguns casos, porque o cérebro é holográfico: cada parte reflete o padrão total... "Salvar uma vida constitui a possibilidade de descobrir como criar pensamentos puros..." "...Muitos cientistas já sabem que o pensamento cria a realidade e que o pensamento pode curar. Entretanto, todo mundo está ganhando muito dinheiro com máquinas e drogas e ninguém ainda conseguiu descobrir como cobrar pelo pensamento."

(CLOW, Bárbara Hand – *A Agenda Pleiadiana*)

Parece paradoxal, mas apesar de doer muito, aceitar o fato de que tenho um câncer e não ter como fugir disso, faz com que eu lute pela vida e até pense que fui sorteada para um grande prêmio (ainda não está claro).

Sabendo que o câncer foi diagnosticado precocemente e tratado em tempo, tenho tranqüilidade suficiente para fazer o tratamento sem o pânico da morte. Estou fazendo a última sessão de quimioterapia antes da cirurgia para a retirada do tumor da mama esquerda hoje, dia 9 de julho de 1999.

Preparo minhas anotações para entender o que está para acontecer comigo. Sou uma paciente cheia de perguntas e ansiedade como qualquer paciente leiga na hora de ser atendida, mas muito empenhada em saber tudo sobre a validade do tratamento e sobre o significado do câncer feminino.

Procurando literatura sobre o suporte psicológico ao paciente com câncer e por todos os lugares aonde andei não achei nada além de *folders* dizendo frases vazias do tipo: "Estou com câncer e agora? Você não está sozinho, procure apoio...."

Onde? Há dois ou três serviços psico-oncológicos em São Paulo que, embora o atendimento não seja caro, têm uma fila de meses de espera. Os gratuitos não são divulgados efetivamente.

E como fica o paciente que não pode pagar?

Como sobrevivem ao medo do desconhecido aqueles que não encontram respostas para suas dúvidas e apoio para sanar suas dores?

Andei navegando pela Internet à procura de informações por muitas noites até o dia amanhecer e quase nada encontrei, ficando sem respostas para as minhas

perguntas (há muita coisa, só que em inglês, alemão, francês e italiano). Estudei muito nesses sites, e de lá retirei muita coisa importante para minha clínica e minha vida.

Consultei livros de oncologia e encontrei um universo infindo sobre o câncer em linguagem para profissional apenas.

Visitei sites localizados em países desenvolvidos e me encantei com informações claras em linguagem para leigo, mas são na Europa e nos Estados Unidos. E como fica a pessoa que não tem acesso à Internet e nem lê em inglês?

— Não tem informações.

Fico impaciente e revoltada com esta limitação e brigo com minha sombra para passar o tempo. Mas me sinto desafiada a mudar este panorama...

Falo com meus médicos e meu psicoterapeuta sobre minha angústia de não saber e todos interpretam meu momento desconfortável diante da iminência da morte. Não falo de uma morte agora, mas de uma morte lenta e fantasmagórica que existe na expectativa da recidiva por dez anos!

Isso eu mesma já interpretei, eu quero um continente esclarecedor e não acho. Corro para Deus pedindo Luz e Força para suportar tanta angústia, e uma bússola para me guiar nesta escuridão.

Sou socorrida com novas compreensões que me tranqüilizam por uns dias: Estou sendo preparada para aprender uma nova arte da vida para ajudar as pessoas. Estou iniciando novos estudos, tendo que viver o aprendizado no corpo e na alma, para ensinar com amor e maturidade tudo que me for permitido na hora da dor do paciente que sofre solitário e nunca consegue traduzir em palavras sua angústia.

Sempre que experimento alguma revelação psíquica ou estou para ter uma, sinto muito sono e necessito dormir muito para processar os dados (saio do corpo físico em direção a outra dimensão).

Como a noite chega logo, adormeci dia 14 de julho, acordando por algumas horas para me alimentar e escrever por poucas horas, e só acordei completamente no dia 17 cedo.

Nestas horas em que dormi, sonhei como sonho há mais de 25 anos, que estava com pessoas amigas e familiares em um lugar à margem do Rio Madeira, entre Porto Velho e Guajará-Mirim. Não é uma cidade, mas sim um vilarejo de nativos, quase desabitado onde só existe o rio, a selva e uma estrada de ferro deserta. As casas são metade sobre a terra e metade sobre o rio com jiraus imensos que avançam rio adentro.

Lá só tem a luz do sol e à noite a luz da Lua ou das estrelas.

À noite, as águas do rio brilham como espelhos refletindo a luz da Lua como se fosse dia. A impressão que dá é que mergulhando nestas águas vou entrar em um mundo mágico e místico. Quando entro nas águas a parte do meu corpo mergulhada fica transparente e translúcida. Neste momento encontro com meu Mestre e recebo uma transfusão de energia vital que me ressuscita.

Volto a ser criança e acredito no

Divino que habita em mim. Fico forte e redefino minhas metas com inteligência e autoconfiança absoluta.

Alimento-me de peixes, frutos silvestres, ervas e raízes regeneradoras. Recebo abraços amorosos incondicionais e durmo envolta em roupas de algodão puro que renovam minha pele.

Neste lugar misterioso as pessoas me recebem e me amam como se eu fosse uma rainha. Sinto que volto para casa quando estou em Shambala (caminho das águas), é assim que eu chamo este lugar que me é tão familiar e tão cheio de vida!

Sempre volto de lá cheia de saudades e certa de que estive lá por alguns anos e não por apenas algumas horas.

Segunda-feira retorno à minha vida em São Paulo, intrigada porque voltei mas sei que ganhei vitalidade para lutar com autoconfiança pela minha vida. Começo a escrever minhas cantilenas que já misturei com as minhas reminiscências para organizar melhor **meus pensamentos e limpar minha alma ferida.**

Hoje eu acordei pensando em mim

Chorei quando lembrei que minha mãe não vive mais
Lembrei do dia em que ela chorou quando me viu chegar bonita
Ouvi Marina contar que estava grávida de Deus
Pensei no dia em que Deus mandou um recado para mim
Voltei no tempo para escutar o diagnóstico de um câncer na mama
Senti meu corpo cheio de leite
O telefone tocou e fui ouvir a voz do meu homem ideal
Espero por esse homem há 500 anos
Estou cansada de tanto criar idéias novas para o mundo
Meu mundo está cheio de imagens em branco e preto
Senti uma dor no coração quando vi a criança pobre dizendo que tinha fome
Sofro com a miséria humana
Meu pai é um mito que não paro de redefinir
Meus mitos são silenciosos mas me esmagam
Sinto-me esmagada pela força dos covardes
Fico covarde quando você me tira para dançar
Lembro do dia em que a morte veio me dizer que aqui já havia acabado a festa
Passei debaixo de uma ponte procurando o arco-íris
Pulei no rio para pegar os peixes dourados
Meu vestido de baile está rasgado
Fiz 18 anos e não lembro
Quebrei o salto dos meus sapatos de debutante
Perdi minha tiara de prata com flores violetas
Meus cabelos ficaram vermelhos
Minha cama anda vazia porque não sei o que colocar nela
Minha colcha de retalhos que minha avó me deu pegou fogo
A casa onde moro tem cheiro de amoníaco misturado com canela
Esqueci o leite no fogo porque fui ver a banda passar
Meus amigos ficaram velhos e eu quero andar de patins
Meu cão Rex aparece nos meus sonhos latindo em dó maior
Não sei tocar piano e sofro por isso
Apreendi a cartilha no jardim-de-infância de puro medo da professora
Andei pelas ruas escuras do meu bairro anos infintos
A porta do cemitério estava sempre aberta
Noite passada entrei para ver quem me chamava pelo nome de Tereza
Meus fantasmas andam de avião
Entre no avião cheio de homens e me senti menina
Cheguei em Brasília para lembrar de quando fui Rainha da União
Deitei no sofá do restaurante para respirar
Minha saia levantou e um negro me chamou de dama
Deixei meu sorriso nos quadros do palácio para me tornar imortal
Escrevi um livro contando o que sou e o que fui há muitos séculos passados
Meus amigos não entenderam e me pedem autógrafos

Eu só quero entrar nos trilhos para voltar à casa do meu pai
Entrei na União para beber o Vegetal e dei de cara com meu passado
Fiquei prisioneira de uma palavra que me encanta
Naquela terra do planalto havia um império que desapareceu há 1999 anos
Os homens são os mesmos e me mantém prisioneira de uma sociedade secreta...
Estou pensando como será o nome deste livro que escrevo com as gotas do meu suor,
misturadas com lágrimas... *Medo de viver?*
Não sei, penso que esta história nasceu madura assim como ***Quando Não Fallo, Adoeço***, que escrevi em 1997 e publiquei em 1998, resultado do despertar da minha consciência cósmica milenar
Será que alguém pode imaginar a dor de escrever sobre uma dor que dói enquanto escrevo?
Talvez. Talvez alguém já tenha vivido esta experiência, condenado à morte em alguma prisão ou num exílio na Sibéria.
Com certeza, se teve a oportunidade de contar o que estava sentindo, morreu livre.
Claro que sim. Eu mesma lembro de quando morri enforcada na Idade Média, sem direito a dizer adeus ao meu grande amor...
Hoje escrevo sobre o que é estar viva e como se pode ser mortal diante da vida
Acho que vivo de teimosa que sou, pois já estive a um passo da morte por muitas vezes, na verdade, nasci morrendo.

Com dois anos de vida, fui desenganada pelos médicos com uma pneumonia rara ou um vírus desconhecido.

Quando eu tinha 11 anos, andando por uma rua de terra em Vila Murinho, uma cobra papagaio voou em minha direção para atingir a minha nuca bem no momento em que resolvi me abaixar para pegar um grampo que caiu dos meus cabelos. A cobra passou a uns 30 cm de mim e os homens que viram a cena correram com porretes para cima dela.

Neste mesmo ano e lugar eu **tive malária e fiquei fora do ar por dois dias** e tive febre com frio de morte por 10 dias. Minha mãe me curou com quinino (??).

Depois, em 1978, fui surpreendida por *um arrastão de selvagens* no centro de São Paulo, que corria e invadia lojas e agências bancárias, destruindo tudo com tijoladas. Eu estava ali no meio deles sem saber para onde correr, vendo os tijolos voarem por cima de minha cabeça, e como num filme de terror, fiquei paralisada pensando como fazer para escapar.

Uma porta *mágica* se abriu no meio daquele inferno e eu entrei em transe, sem saber se havia morrido e se *ali era o céu*.

Mais uma vez continuei viva.

Em 1974, meu carro foi engavetado entre vários carros pesados em uma auto-estrada que liga São Paulo a Bragança Paulista. Eu estava grávida de sete meses, e o estado do carro foi de perda total. Eu saí sem um arranhão.

Numa noite quando voltava com minhas filhas de uma reunião de amigos e parentes de um grupo de terapia, fui abordada na Marginal Pinheiros por quatro policiais armados com metralhadoras apontadas em minha cabeça, fazendo uma *blitz* à procura de bandidos. Eu levei as mãos à cabeça chamando Deus. Ainda hoje penso que foi um filme de terror!

Nestes 10 anos passei por momentos assustadores e saí de todos de uma forma inexplicavelmente inteira...

Continuei viva.

Por isso, acredito que nasci para fazer algo grande, e continuar viva deva ser um compromisso meu com Deus. Assim, eu entendo que a qualidade de vida que se

tem é o que na verdade importa e não a quantidade de anos vividos. A consciência da vida que se vive faz toda a diferença. Saber da minha razão de viver, do quanto posso ser útil, lúcida e ética me faz forte.

Então, depois que tive o câncer, venho entendendo que cada dia vivido é uma oportunidade para descobrir mais um pote de ouro, e que nenhum detalhe deve ser desperdiçado. Quando a missão é grande, a purificação, o trabalho e a dor são grandes!

Eu volto para minha analista e ouço frases difíceis de aceitar, mas aceito o fato de ter brincado de guerrilheira para me sentir viva, de ser uma pessoa que funciona sempre sob pressão e que corre atrás de desafios cada vez mais sofisticados e de alto risco para ser reconhecidamente vencedora dos meus auto-impostos tributos e de sentir o fascínio pelas quedas livres de grandes alturas.

Eu sempre precisei crer em algo que me possibilitasse viver com paixão e responsabilidade. Uma mistura complexa, mas é a minha forma de existir, não vivo por menos. "O Homem vive e morre no que vê, mas vê apenas aquilo que sonha." (Paul Valéry)

Eu devo ter sonhado que era uma mulher biônica, invulnerável e imortal. Estou ficando humana, sabendo que é isso mesmo que está acontecendo, não é sonho.

O mundo fica verde quando lembro do colo macio de minha mãe.

Estou na sala de espera do médico boliviano em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia, esperando minha mãe passar por uma consulta. Ela usava uma saia verde e eu tinha seis anos de idade. Para garantir que não me perderia dela, lembro de ter memorizado que a saia verde era da minha mãe.

Horas depois eu cambaleava de sono por um corredor imenso, procurando por ela.

Cansada, com fome e com sono, avistei a saia verde. Confiante, deitei e adormeci. Algumas horas depois, acordei assustada, ouvindo sua voz me chamando para ir embora. Olhei para o alto e vi minha mãe saindo da sala do médico. Eu havia dormido no colo de uma mulher de saia verde, pensando ser o colo de minha mãe.

No dia 18 de julho começo a arrumar minha mala e os documentos para ser hospitalizada dia 24 cedo, para a cirurgia.

Tenho a sensação de que estou indo para uma viagem longa que me marcará para sempre. Separo meias de algodão, camisetas brancas e lenços para enfeitar minha cabeça, hoje quase sem cabelos por causa da quimioterapia.

Os meus cabelos começaram a cair logo que iniciei a hormonioterapia, e com a química, caíram um pouco mais. Para não assistir à queda total, cortei bem curto, deixando apenas um centímetro e pinteí de vermelho intenso.

Os curiosos olhavam para mim como se eu fosse uma alienígena, desafiando a previsibilidade dos efeitos colaterais do tratamento do câncer. Era como se eu estivesse quebrando o protocolo de um evento previsto e imutável!

Como fiz tratamento ortomolecular, fitoterapia e homeopatia desde o início e usei o carbo planctonis, um carvão mineral do fundo mar, meu organismo ficou fortalecido, apesar do bombardeio inevitável da química. Tomei megadoses de vitaminas, aminoácidos e silimarina, além de fazer uma dieta alimentar baseada em vegetais, soja e arroz integral. Bebi muito chá verde e água de coco todos os dias rigorosamente.

Todos os dias cantei mais de 3 horas os meus mantras, meditei... Nam-Myoho-Renge-Kyo...Om Tare Tuttare Ture Sôha Om Zambani Mohi Sôha.

Esta prática fortaleceu meu organismo para minimizar os efeitos colaterais da quimioterapia.

A mala está arrumada e meus documentos em ordem.

Alguém há de perguntar como eu mesma fiz tudo sozinha.

Primeiro sempre estive com Deus e meu Mestre, depois, se eu não cuidasse dos meus detalhes, perderia minha autonomia e a intimidade com minha alma.

Tudo aquilo que eu posso fazer por mim, faço.

Quando se está numa guerra a quilômetros de distância da família e da civilização, mesmo com uma perna quebrada e quase cega, tenho que cuidar de mim para me manter viva até encontrar socorro.

Quem disse que nunca estive numa guerra?

Do dia 19 até o dia 22 de julho, trabalho e faço compras no supermercado para abastecer minha cozinha com os alimentos de que preciso.

Vou à psicoterapia e sou interpretada duramente, faltando pouco para ser considerada culpada por ter adoecido e ainda ter que cuidar de mim. Sou, até onde sei que posso resgatar minha vida, mas culpada não posso ser. Sou responsável sim, mas quero apoio.

Sou responsável pela minha saúde, pela minha ressurreição, pela minha liberdade, pela minha vida! Por mim sou sempre forte na presença de Deus, meu Senhor... isto em psicanálise é onipotência, um terrível sintoma.

Mas não dá para fazer de outro modo, é o meu instinto de sobrevivência gritando dentro de mim.

Tudo isso é trabalhado na sessão psicoterápica, porque posso arrumar minha mala e fazer meu supermercado e ainda sorrio uma hora do dia. Mas eu choro também, e peço a ajuda de amigos, da filha (só uma estava no Brasil) que me acompanha a toda sessão de quimioterapia e telefona (...) vezes ao dia para saber se estou bem.

Acontece que dou pouco trabalho aos outros e tenho energia para me cuidar, sou minha excelente companhia e minha melhor amiga.

Tenho muitos amigos e irmãos na União (www.udv.org.br). São mais de 80 pessoas olhando para mim, e pelo menos uns 20 amigos de verdade. A cada 15 dias nos encontramos aos sábados para vivermos momentos doces e iluminados.

Tudo pronto. Minha parte eu fiz, e agora quem comanda o barco são os médicos: dois cirurgiões oncológicos, um cirurgião plástico, o médico anestesista e minha médica oncologista.

Preveni ao médico-cirurgião oncologista de que, se ao abrir minha mama fosse caso de mastectomia total, que ele me acordasse para eu pensar no que fazer.

Durante as consultas que fiz aos médicos, deixei claro que não perderia minha mama, para a ansiedade deles e que bancava a decisão de fazer uma cirurgia conservadora sem cicatrizes, sem medo de nada.

Bancava a decisão de fazer quimioterapia pós-cirurgia e radioterapia (27 sessões), mas queria minha mama no lugar.

Este procedimento cirúrgico é chamado pelos médicos preparados para fazê-lo de mastectomia parcial subcutânea, mas já se pode chamar de lampectomia.

Esta luta é minha e vou insistir até onde houver coerência científica e a certeza do milagre. O milagre é o resultado do rigoroso trabalho mental que pratico diariamente nas viagens mentais: meditações, visualizações, cromoterapia, relaxamento profundo, uso de mantras do budismo tibetano, leituras sobre os arquétipos femininos que habitam nosso inconsciente e a revisão de minha fé no Divino... Deus está em tudo o que penso e vivo.

E muito trabalho, muito mesmo! Não parei de trabalhar um dia, e de planejar tarefas importantes para o futuro próximo e distante.

Assim, eu positivo meu futuro no presente e me comprometo com ações inteligentes.

Uma carta que escrevi para minha filha Fabiolla, que mora em Londres, em cima da hora.

Resisti muito a escrever, mas foi necessário. Antes de seguir para a cirurgia, me pareceu sensato partilhar com ela esta história antes de minha morte.

Minha querida Fabiolla,

Estive adiando o dia de escrever-lhe esta carta,

mas hoje chegou o momento e quero fazê-la da melhor forma possível.

Rogo a Deus para que eu seja inspirada e use as palavras certas para escrever o que tenho para lhe contar. Não se agite e leia a carta até o fim, sem tomar nenhuma atitude impulsiva.

Você deve lembrar bem de tudo que lhe ensinei sobre vida e morte e o que significa a morte para mim – renascimento! Talvez não lembre o que significa a doença grave e fatal – um espírito trevoso procurando Luz, uma purificação do corpo e do espírito! São máculas espirituais de antepassados e minhas, que surgem na forma de doenças.

Eu sei que você deve estar se perguntando por que eu não lhe falei logo. Não falei porque primeiro quis entrar no tratamento para depois lhe contar quando tudo estivesse sob controle. E já está!

Eu estou com câncer na mama esquerda e já vou operar. Fiz quimioterapia e vou fazer radioterapia após a cirurgia que farei dia 24 agora.

Estou segura de que, qualquer que seja o resultado desta cirurgia, estarei no caminho da Luz. Meditei em Deus, Anjos, Mestres e meu grande Sol de Sírius– Ashtar, para me dizer em sonho tudo o que eu pudesse fazer por mim para me salvar das trevas da dor, da depressão e da destruição.

O seu pai e a Vanessa passaram maus momentos e quiseram desde o início lhe avisar mas eu insisti que só avisaria quando estivesse a um passo da solução. Não quis lhe causar um sofrimento desnecessário e nem correr o risco de plantar em sua mente a idéia de voltar ao Brasil.

Eu estou me purificando, dói, mas tinha que ser assim. Não nasci para repousar em verdes campos, você sabe disso. Sou uma guerreira e me comprometi com Deus quando tinha 9 anos, que se Ele me desse força, sabedoria, serenidade e Luz, eu pagaria pelos erros de meus antepassados bem como pelos meus para deixar um caminho limpo e iluminado para minhas filhas e meus filhos, netos, bisnetos das minhas filhas e de seus filhos e netos destes filhos...

Eu tenho conseguido um pouco com orações e meditações, ajudando o próximo, sendo ética e útil e o resto fica nas mãos de Deus!

Se você estiver se perguntando se não tive medo até hoje, lhe digo que já passei noites em claro em pânico, mas no dia seguinte a Força e a Luz chegam e eu retomo à vida. Todos que me encontram e sabem da doença, ficam perplexos pelo meu estado físico geral. Estou com boa aparência e quem não sabe, nem imagina que eu tenha recebido 3 sessões de quimioterapia.

Agora que estou começando a sentir um certo cansaço, e meu cabelo está começando a cair um pouco.

Eu estou bem, trabalho, vou à sessão da União, vivo normalmente. Não estou feliz, mas seria muito se assim o fosse. Mas dá para encarar os meus fantasmas sem perder o ar.

Toda a minha vida volta dia a dia em flashes constantes mostrando cada passagem importante que eu nem lembrava mais. Isto é o que mais dói.

Agora por que a doença? Por tantas razões, mas não importa, já estou no meio do caminho. Há dois anos (faz agora em 1º de agosto) perdi minha mãe da forma mais dolorida e humilhante. E quinta-feira terei consulta com o cirurgião para marcar a cirurgia. Sei que ele marcará a cirurgia para dia 24 de julho.

Billa, eu estou em paz e muito segura de que o melhor para mim acontecerá. Sei que Deus ainda me reserva muitos planos e este episódio se realizou para me fortalecer e fortalecer vocês: seu pai, você e a Vanessa.

Não nego que sinto sua falta em muitos momentos, mas sei que é melhor assim. Quero que você continue fazendo seu curso e realizando o seu sonho.

Vocês não terão jamais que desistir de suas vidas para olhar a minha história de fome, dor e sofrimento. Não.

Vocês seguirão, inclusive, utilizando as ferramentas que aperfeiçoei para construir uma vida com solidez, serenidade, alegria, saúde, paz, prosperidade, sabedoria, força e Luz!

Perdoe-me por não ter falado antes, mas as razões são fortes e estão todas aqui. Creio que você há de entender.

Amo você, Deus lhe abençoe e proteja sua vida.

Mami

São Paulo, 30 junho de 1999.

SABER QUE SOU MORTAL, RESSUSCITA-ME

"Ninguém nasce mulher, torna-se mulher."

(Simone de Beauvoir)

Talvez a minha incapacidade de criar um modelo feminino suave, tenha-me levado a perseguir um ideal romântico de perfeição inexistente, daí eu ter me tornado um ser inteligente que pensa uma forma de existir e vive um estereótipo de mulher que sonha com o amor ideal. O feminino suave fi cou por conta da minha arte ao escrever, pintar, bordar e representar. Sou atriz formada e sindicalizada. Trabalhei pouco em teatro, mas foi o sufi ciente para me certifi car de que me confundiria com os personagens vividos. Abandonei o palco quando estava tentando um papel na primeira minissérie da Globo "Avenida Paulista". Minha paixão ainda é o palco e a música. Ainda não aprendi a cantar mas canto para lavar minha alma.

Dormi de ontem para hoje, sábado, dia 24 de julho de 1999, cantando mantras para entrar com coragem para a cirurgia. Como em todos os momentos difíceis de minha vida, durante o sono vou estar em minha cidade misteriosa Shambala. Recebo os cuidados necessários para me fortalecer e volto de lá cheia de paz com o coração violeta.

Quando durmo procurando respostas para minhas perguntas, medito e sonho com meu Mestre. Ele me entrega um trecho da minha história...

Um coração com Luz violeta em meu caminho de auto-conhecimento?

Eu tinha muito medo de cruzar o lago na escuridão da noite para buscar minha vida virtuosa que meu Mestre havia me dado... Pensei, chorei e recuei, sentindo-me impotente diante de tão grande missão...

No silêncio da noite ouvi a voz do Mestre:

"Se você renunciar a um direito que lhe é dado pelo Divino, como poderá plantar suas virtudes preciosas nesta encarnação? Lembre-se de que você veio desta vez para cumprir suas tarefas mais árduas e as mais importantes... Vá! Seu coração espera por você do outro lado do lago..."

Eu lembrei desta verdade e vi no espelho d'água a frase que escrevi na vida passada! O Mestre pegou em minhas mãos e fechou meus olhos para eu ver melhor... Minha vida verdadeira só poderei vivê-la se puder viver a entrega sem reservas, sem medos...

Mergulhei em minha alma indo em direção ao outro lado do lago... Está sendo uma longa viagem, mas tão preciosa como o é voltar para a casa do Pai!"

Chego ao hospital às 9 horas da manhã. No apartamento onde vou ficar já estão todos me olhando como se fosse a última vez.

Sou preparada, vestida com um uniforme verde, meu sangue é retirado para exames e sou deitada em uma maca fria.

Minha filha olha para mim e chora. Os médicos ficam entre neutros e emocionados. Eu choro em silêncio.

Do meu apartamento até o centro cirúrgico leva uma eternidade.

Não *estou para ninguém abaixo de Deus*, falo baixinho e olho para a Luz!

Enquanto os enfermeiros me conduzem, falando o tempo todo para me distrair, eu canto meus mantras, lembrando do meu Mestre e da noite passada...

Om tare tuttare ture soha om zambani mohi soha, Nam-Myoho-Renge-Kyo... 20.000 vezes, até o anestesista, Dr. Nelson Mizumoto, avisar que vai me fazer dormir.

Na rua principal da cidade onde nasci havia um casarão antigo, estilo inglês, onde morava o rapaz mais doce e gentil que eu conheci aos 13 anos. Luiz Felipe tinha uns 16 anos, neto de um casal de descendentes de ingleses que passava suas férias duas vezes ao ano neste casarão com os avós.

Eu passava todas as tardes em frente à sua casa e via-o de longe sem me deixar ver. Ele parecia um lorde, sentado na varanda da casa tomando sorvete de graviola. Eu sonhava com seus beijos e palavras de amor. Acho que ele nunca me viu, apesar de eu ser amiga de seu primo e ter entrado em sua casa umas duas vezes para trocar fantasias de carnaval.

Eu amei Luiz Felipe por um ano em silêncio até o dia em que saí da minha cidade e nunca mais o vi. Hoje ele deve ser um filósofo ou um diplomata vivendo em Londres ou Paris e não sabe da minha existência ou do meu amor por ele.

Nove horas depois eu retorno do centro cirúrgico e encontro minha filha aflita no corredor do sétimo andar onde ficaria no pós-cirurgia.

Quando eu voltei da anestesia, tudo em mim doía e mal dava para respirar. Sentia-me presa por sondas e faixas até o pescoço.

Para meu desespero, verifiquei que não podia mexer o braço esquerdo e as duas mamas estavam intocáveis.

Estava viva, e apesar das dores e imobilizações, cheia de fome e sede. Os amigos olhavam para mim e riam, dizendo que eu era imbatível mesmo, e que era só Deus para me segurar. Minha amiga Shirley foi buscar um *sushi* para meu jantar e conversamos até tarde da noite.

Na madrugada começou o pesadelo das dores e o endurecimento do músculo do ombro e das costas. Apesar de ter um soro instalado no meu braço, perguntavam se eu queria um analgésico, um relaxante muscular, um... Eu não queria nada, apenas não ter dores.

Foram quatro dias de luta contra as dores, e os médicos entendiam que era melhor eu tomar todos os relaxantes e antiinflamatórios a ter que sofrer.

Eu argumentava que meu estômago e fígado eram muito sensíveis às drogas prescritas.

Minha filha Fabiolla, que também mora em Londres, chegou na manhã seguinte à cirurgia. Ela olhava para mim e não dizia nada. Certamente devia estar se perguntando como eu me deixei surpreender por um câncer. Sempre fui tão cuidadosa com meus hábitos de vida. Sempre fui tão naturalista...

Nem ela, nem eu sabemos ainda o que houve (*stress* acumulado de muito cansaço e excesso de ginástica?).

Em casa, cinco dias depois, eu já podia me movimentar um pouco mais, apesar de doer muito o braço e a mama reconstruída. A outra doía também porque o cirurgião plástico colocou uma prótese de silicone para igualar ao tamanho da esquerda. Iniciei a fisioterapia (reabilitação pelo movimento) no braço esquerdo no oitavo dia após a operação.

Meus amigos já se foram todos. O Rubens foi, o Amora, minhas tias, minha mãe, meu pai, o Rogério, a Sissi, meu irmão, o Apoena... Estão todos na eternidade planejando novos *scripts* para renascerem, e eu estou aqui, me sentindo perdida em uma estação, esperando por um trem que não sei para onde vai.

No dia em que entrei no trem que me levou para Vila Murтинho, contei todas as árvores que enxerguei pelo caminho e senti verdadeiramente que aquela viagem era um grau a mais em minha escalada vida acima. Eu só tinha dez anos e estava deixando para trás todas as minhas fantasias de fadas e duendes que colecionei sob as minhas árvores do fundo do meu quintal. Estava deixando no passado as noites de conversas inesquecíveis que tive com Joelma, minha amiga 9 anos mais velha, que me ensinou como cuidar da pele. “Nunca durma de maquiagem e sempre use um bom creme hidratante no rosto e no pescoço...” — ensinava-me a ser feminina como uma mestra.

Por muitas noites fiquei sentada no alto do morro da Vila, olhando a maria-fumaça chegar apitando tão alto que ainda hoje ouço o apito daqui.

Do alto do morro, olhando por sobre a estação ferroviária, eu via o Rio Madeira nas noites de lua, correndo macio e sincrônico, despertando minha memória cósmica. Sei que estive em estado alterado de consciência por muitas noites e madrugadas conversando com a força das águas, aprendendo a orar.

Da minha casinha atrás da Capela, eu guardo a saudade de ter experimentado momentos de reflexões indescritíveis, e da minha goiabeira que me dava goiaba fora da época.

Do rio, ficou a sabedoria e a coragem de remar numa canoa velha, que não ia muito longe, usando dois remos de madeira, enquanto observava os peixes e botos rosados saltarem à minha volta.

É uma arte saber viver naquele lugar e ter coragem de sair de lá.

A maria-fumaça apita avisando que estamos chegando à Estação de Vila Murтинho. Olho pela janela e me vejo no Velho Oeste americano, com uma cartucheira na cintura, uma arma em cada mão e um chapéu de couro encobrindo meu rosto barbudo. E penso: “Por que outra vez, meu Deus? Já aprendi esta lição! Quero aprender a dançar como uma rainha... quero ser menina, mulher... nem que seja de novo uma espiã em Paris, mas uma mulher!!!”

De longe, minha mãe grita meu nome, dizendo para eu descer do trem ou vou parar em outra estação.

Com fome, corro em direção ao boliviano que vendia *saltenhas* e *tortillas* empanadas como se fosse algo muito familiar. Minha mãe grita meu nome tão alto que a província toda fica sabendo que eu cheguei... “Tenha cuidado com estas comidas bolivianas, elas são muito apimentadas, coma com calma!!!”

Sinto que tenho contas a acertar por aqui, nem que seja comigo mesma. Por motivos políticos vamos passar dois anos aqui, pois o partido de esquerda, do qual minha mãe era militante, havia perdido e ela foi punida com uma transferência circunstancial.

Uma herança ancestral é o fato de eu e minha mãe aceitarmos, inconscientemente, prosseguir com a chama acesa da luta pelos desfavorecidos. No momento entendemos que só é possível mover algum sistema por meio de posturas políticas e éticas fortes ou por meio da oração. Fazemos as duas coisas.

MINHA ORAÇÃO DE ADORAÇÃO A DEUS

Hoje é 31 de agosto de 1999 e faltam 500 dias para o novo milênio.

Meu coração vai se acalmando enquanto rezo uma nova oração que nasce dentro de mim com o Sol que nasce nesta manhã iluminada.

Pai Santo, Deus Eterno, Sábio e Todo-Poderoso, perdoa meus pecados!

Espírito Santo de Deus, Senhor da mais pura inteligência, guarda minha vida, minha saúde, meu trabalho, meus sonhos, meus projetos, meus caminhos, meus amores, minhas filhas, meus amigos, a humanidade!

Espírito Santo, Deus do mais puro amor, conceda-me uma inteligência que Te conheça, uma sabedoria que Te encontre e salva minha alma no caminho da santificação;

Quero Tua presença em minha vida para que eu viva a verdade de Tuas palavras sábias e eternas!

Deus da mais pura Luz lembra-me o que vim fazer aqui em Teu nome!

Meu Grande Senhor deste Universo, olha por nós, Teus filhos amados, ouve minhas preces de súplicas e de agradecimentos que nascem em meu coração toda vez que preciso reafirmar que tudo posso em Ti que me fortalece;

Permita que meus olhos enxerguem a Luz que a natureza nos presenteia todos os dias; Que meu coração adoce e serene como um Sol poente; Senhor meu Deus da Luz, da Via-Láctea e seus trezentos bilhões de estrelas iluminando-me todos os dias, horas e minutos desde o nascer do nosso Sol central desde 38milhões de anos a.C.

Virgem Santa, Mãe de todos, Senhora do mais puro amor misericordioso, ouve a adoração que faço ao nosso Deus do Eterno, da Luz, do perdão, da compaixão e sabedoria! Mãe Santíssima me faz generosa e sábia para que, apesar de todas as dificuldades e todas as tristezas, eu tenha força para reconstruir minha vida com alegria, verdade, delicadeza, pureza, amor e liberdade;

Que eu jamais desista dos meus sonhos, dos meus planos, das minhas metas, dos meus deveres nesta vida e por toda a eternidade!

Que minha alma seja limpa e transparente para nunca ter que pisar na lama da miséria, da mentira, da injustiça e da covardia;

Que a generosidade, a paciência, a serenidade e a compaixão sejam virtudes indestrutíveis em minha alma em todos os dias da minha existência;

Que eu tenha tempo para cultivar a arte de viver com amor e respeito ao lado de minhas filhas, dos meus amigos e dos meus amores;

Que eu possa enxergar os detalhes do caminho que faço todos os dias, reverenciando cada árvore que encontro brilhando, como se fosse um sorriso para mim;

Que a Estrela de Davi ilumine meu caminho para que eu possa chegar à casa do Pai sem me perder por entre as dúvidas que nublam minha mente quando acredito que estou só;

Que eu tenha sempre a certeza de nunca estar só, mesmo quando eu não enxergar um rosto amigo;

Que o inimigo nunca me atinja e que eu tenha pureza no meu coração para livrar-me dos planos ardilosos do mal;

Que eu tenha Luz Divina em minha mente para proteger-me dos ataques das trevas;

Que Deus, meus mestres, anjos e Arcanjo Miguel, Gabriel, e seres dimensionais guardem minha vida, minha saúde, minhas filhas, meus amores, meus amigos, meus sonhos, meus planos, meus projetos, meu trabalho, minha casa, meus caminhos...;

Deus da mais infinita bondade toma conta de tudo o que me cerca e mostra-me o caminho da verdade e da vida — o meu caminho das águas sagradas

— Shambala.

Conceda-me a força dos guerreiros para que eu possa superar as dificuldades da vida;

Permita Senhor, que eu tenha o dom de perdoar e sentir compaixão por aqueles que me magoarem;

Envolva-me com Tua Santa Bênção e conceda-me a sorte de merecer realizar as tarefas mais nobres para o bem comum do Homem;

Deixa-me viver debaixo de Teu nome, protegida pela Tua palavra de libertação e santidade;

Planta a misericórdia em meu coração para que eu possa enxergar Luz, mesmo onde haja trevas, serenidade onde haja angústia, generosidade onde haja avareza, amor onde haja ódio... E que a pureza de Teu amor sagrado seja sempre meu pastor para que nada me falte e tudo eu possa multiplicar, levando alento a todos que sofrem. Faz de mim um instrumento de transformação, de realização, de crescimento na Luz por todos os lugares por onde eu andar.

Põe Luz nos meus olhos para que eu possa enxergar o que é certo sem auto-engano, sem paixão, sem desejos frívolos, sem vaidade. Para que eu possa enxergar as armadilhas egóicas que nos aprisionam e limitam nosso crescimento emocional e espiritual.

Senhor de todas as coisas perfeitas e imperfeitas deste mundo, Criador de todas as coisas, Onipresente, Onisciente... Meu amado, meu Pai, meu Tudo, Amado Jesus, meu Senhor Avraham!

Rogai por nós, Teus filhos amados, e brinda-nos com Tua magnanimidade celestial para que possamos crescer diante da dor da morte e da vida.

Dá-me sabedoria para escolher os passos que darei, para ter as palavras certas na hora certa;

Guarda-me dos ataques das trevas, dos demônios, dos homens malditos e mentirosos; Põe a Tua vitória sobre todas as lutas que eu tiver que enfrentar pelo bem dos seres humanos, e honra minha vida e meus passos com Tua Bênção e Tua palavra santa!

Ilumina-me com Teu amor e coloca-me no caminho da misericórdia e merecimento para dedicar-me a Ti e ao próximo, incondicionalmente com sabedoria Divina!

Perdoa-me na hora da morte e mostra-me o caminho da Eternidade para que eu não me perca de Ti;

Perdão, Perdão por tudo que sei e o que não sei mais! E obrigada Pai pela vida que me deste, quero continuar merecendo suas Graças e boa sorte por toda eternidade!

Segura na minha mão e não me deixa sozinha nunca, meu Pai!

Nam-Myoho-Renge-Kyo, Nam-Myoho-Renge-Kyo, Nam-Myoho-Renge-Kyo, Nam-Myoho-Renge-Kyo, Nam-Myoho-Renge-Kyo, Nam-Myoho-Renge-Kyo, Nam-Myoho-Renge-Kyo...

E que esta oração seja uma Luz que possa potencializar meus pensamentos, sentimentos e desejos amorosos no presente imediatamente para o meu bem e o bem da Humanidade!

Que eu possa alcançar as pessoas e situações a quem dedico esta oração por meio do pensamento na forma da Luz Violeta!
Amém!

Esta oração foi inspirada no dia em que acordei, sabendo porque tenho que continuar viva.

Recitada duas vezes ao dia com os meus mantras prediletos — OM TARE tuttare ture soha OM zambani mohi SOHA, e **Nam-Myohô-Rengê-Kyô**, cantados 2.000 vezes sem intervalos ao nascer do dia, me recicla espiritualmente. Recebi esta mensagem de Deus como um presente, para ser gravada na minha lápide quando eu partir para a eternidade, e para dedicar a todas as pessoas que necessitam de palavras iluminadas e amorosas. Aqui está, é de domínio público.

Estou mais forte e com isso, acho que vou ficando por mais algum tempo.

Criei coragem e retirei da parede os quadros que o João Pio pintou para mim há 18 anos. Não me dizem mais nada. Ainda choro quando vejo a pobreza vestida de trapos, desfilar pelas ruas da cidade, procurando restos de comida no lixo. Passo tão mal que muitas vezes paro o carro numa calçada qualquer para chorar.

Apesar de saber que cada um está colhendo o que plantou para si, não suporto essa desigualdade social onde vivo. É de dar náuseas assistir aos abastados vivendo luxuosamente, contando em alto e bom som que a festa oferecida à sua Excelência, o Presidente do Brasil, custou 500 mil reais e seus sapatos foram feitos à mão, em Paris. Eu tenho que procurar compreensão, embora seja difícil entender estas diferenças! Está tudo errado mesmo, pois o Inca – Instituto Nacional do Câncer fica no Rio de Janeiro; lá se localiza o centro de atendimento de excelência e toda a verba do câncer, sempre mal distribuída por razões geográficas, políticas e corruptas, se concentra neste órgão, e o paciente com câncer está carente de atendimento. As regiões Norte, Nordeste e Oeste fazem uma via-sacra para encontrar um leito em hospitais do SUS – Sistema Único de Saúde. O Brasil vai além das divisas do Estado do Rio de Janeiro, e o doente com câncer está morrendo pelo Brasil todo, sabia? Eles dizem que não têm verba para o câncer...

Estou ficando com raiva do sistema que massacra o pobre numa fila infundável nos hospitais à espera de uma consulta ou um exame oncológico e por saber que quando chega sua vez de ser atendido, já está com metástases em vários órgãos e não tem mais remédio.

É neste mundo de injustiça que eu devo continuar vivendo...

Vou procurar oxigênio no parque mais verde da cidade e ouço música árabe por umas horas. A música ilumina meu cérebro, e o verde do parque me acalma.

Sempre que preciso de novas conexões nervosas em meu cérebro — de inspiração e prazer — ouço música árabe. É a música que me ressuscita e faz vibrar todos os átomos do meu corpo.

Ah, depois de muitas escolhas para fazer minha cirurgia da mama, fiquei com o Ruy, meu amigo que entendeu meus anseios.

Obrigada, Dr. Ruy Beviláqua, pelo cuidado e carinho que teve ao cortar meu peito.

Mesmo assim, já fiz duas plásticas para chegar perto do que era antes, mas já deu para posar nua e aplaudiram de pé!

Ruy, querido, *thank you, tante grazie, gracias, arigatô.*

Ao meu querido amigo e irmão, cirurgião plástico,

Dr. Charles Yamaguchi, a quem tanto devo pela reconstrução das minhas mamas e pelas três plásticas, *arigatô! Arigatô, Arigatô, Arigatô!*

Ao Dr. Nelson Mizumoto, que nunca me cobrou nada pelas anestésias, obrigada!
Ao querido amigo Dr. Silvio Donatangelo que cuidou de mim todos os dias, obrigadíssima.

POR QUE DEVO FICAR VIVA

Eu não havia lido a *Odisséia*, de Homero e nem sabia que ela havia sido escrita na forma de poemas épicos da Grécia, por isso quando uma amiga perguntou como eu conseguia escrever assim, na forma de poemas, passando do futuro para o passado e voltando ao presente, sem me confundir, eu disse: — “Esta é minha *odisséia*, sei como contá-la com segurança, eu a vivi!”

“A *Odisséia* narra as viagens e aventuras de Ulisses em duas etapas. A primeira compreende os acontecimentos que, em nove episódios sucessivos, afastam o herói de casa, forçado pelas dificuldades criadas pelo deus Poseidon! A segunda consta de mais nove episódios que descrevem sua volta ao lar sob a proteção da deusa Atena. Jaz com razão punido esse perverso; todo que o imitar, como ele acabe! Mas a aflição de Ulisses me compunge. Que, há tanto longe dos amenos lares. Em ilha está circúnflua e nemorosa. Lá no umbigo do mar, onde é retido. Pela filha de Atlante onisciente...”
(*Odisséia* – Homero, Ed. Martin Claret)

Dia seis de setembro de 1999 vou ao Hospital Sírio Libanês fazer a primeira sessão de radioterapia.

Por duas horas fico esperando a minha vez de entrar naquela sala fria como um túmulo e deitar em uma cama dura e desconfortável, sem mudar de posição e sozinha, para receber a dose de rádio, necessária na mama esquerda para garantir que nenhuma célula cancerígena sobreviva.

A sessão durou 10 minutos e saí de lá me sentindo exausta e tonta. Pensei no quanto deve ser doloroso para o paciente que recebe a mesma radiação na cabeça ou no estômago.

Meu médico radioterapeuta era muito engraçado e via minha história como uma sorte por ter sido *tão leve* o câncer que tive. Ele dizia que eu era forte e tiraria de letra o tratamento de 27 sessões diárias.

Eu ficava furiosa porque tinha que esperar por duas horas todos os dias e depois ir trabalhar, caindo aos pedaços de dor e cansaço.

Todos os meus ossos doíam como se estivessem sendo triturados por um moedor de carne. Houve dia em que acordei fazendo força com as mãos para abri-las, e sentia que nunca mais teria mãos ágeis e fortes para *segurar minha espada*.

Tive medo de ficar lesada, sem forças, sem coordenação motora, sem pernas para andar. Diziam que as dores dos ossos, mãos e pernas não eram conseqüências da rádio, mas da quimioterapia. Minha médica dizia que não era da química, e eu não sabia para onde correr.

A imunologista que cuidou de mim assegurou que eu já estava com uma artrite reumatóide. Iniciei o tratamento com drogas específicas e muitos soros ortomoleculares para segurar a onda da rádio.

Foi uma *barra de aço* levar este tratamento até o fim. Briguei com o mundo, e todos riam de mim achando que eu estava fazendo o gênero da garota temperamental, mas não entendiam porque eu não me abatia.

Para continuar viva enquanto cuidavam de mim neste mar de drogas pesadas, eu estudava e pesquisava na Internet tudo sobre câncer de mama, pulmão e outros. Prevenção, diagnóstico, tratamento, alimentação especial, estudos genéticos, vida emocional (psico oncologia) e espiritual do paciente e da família, programas de educação, cura do câncer, tratamentos naturais, direitos do paciente... E assim, passei muitas noites e madrugadas (mais de 480 horas) acordada, trabalhando no que viria a ser um projeto de apoio ao paciente carente com câncer. O Napacan – Núcleo de Apoio ao Paciente com Câncer e a Casa do Napacan. Este novo conceito de suporte mudará a história do tratamento de pacientes carentes com câncer no Brasil.

É isto mesmo! A minha maneira de existir faz com que eu tenha acesso ao conhecimento na hora da dor porque sigo minha intuição, sem dúvida, e percorro caminhos marcados pela força de premissas básicas dos grandes mestres espirituais da nossa história, desde antes de Cristo. Acredito ter chegado até aqui para e pela minha salvação espiritual, para deixar um caminho limpo para meus descendentes passarem e para purificar as máculas que meus antepassados deixaram em mim. Eu tenho claro em minha mente que sou um espírito em evolução que escolheu viver esta vida biológica, social e política para me purificar.

Estou aprendendo a cuidar do paciente com câncer, e quando procuro alternativas de qualidade de vida para ele, encontro qualidade para mim.

Eu tive um câncer para despertar um potencial de *know how care* (saber cuidar), para transformar a doença em um projeto social com o objetivo de educar e defender o paciente. Para ficar forte e limpa!

Eu tive um câncer porque não encontrei o especialista certo que diagnosticasse minha disfunção hormonal grave: uma hiperinsulinia pós-refeição, uma hipoglicemia crônica desde a infância e um hipotireoidismo que se iniciou silenciosamente, seguido de recentes miomas uterinos, tratados com acetato de noretisterona por tempo demais e progesterona artificial, um colesterol alto, sem remissão do quadro em nenhum momento e muita ginástica pesada todo dia... Foram muitos os motivos e nunca terei certeza absoluta de nada, mas sei que a cura está em aprender a viver uma nova vida.

Eu tive um câncer porque não suportei a dor de ver minha mãe morrendo, sem que eu pudesse fazer algo para salvá-la.

Eu tive um câncer porque doeu muito quando minha filha foi viver sua vida longe do meu olhar. Doeu mesmo sabendo que eu a preparei a vida toda para seguir seus caminhos com liberdade e autoconfiança.

Meu peito dói quando olho as fotos de minhas filhas e lembro quando elas brigavam comigo por ter sido uma mãe rigorosa e extremamente cuidadosa com hábitos e costumes, até com os miligramas de legumes e cereais necessários para uma boa alimentação.

Elas foram em busca de sua maturidade porque eu abri mão do meu apego materno, mas doeu.

A Vanessa partiu depois que fiz a última quimioterapia e mandou cartões dizendo que estava feliz.

Eu lembro do dia em que ela nasceu.

Minha filha Vanessa

No dia em que você nasceu,
Chegou com uma cara vermelha de guerreira, soltando o seu grito de guerra,
Marcando seu terreno no chão deste planeta,
Deixando claro que chegava para questionar,
chutando pra longe as mãos que tentavam te segurar,
Agarrando-se à vida para se salvar, olhando o mundo com o olhar de um espírito
velho.
Que sabia dos pedaços doídos por onde ia passar...
Passou por cima da minha vaidade,
Quebrou meu ego infantil,
Recusou meu peito petrificado de leite,
Pixou meu colo sem vida, desafiou meus dons maternos,
Pagou todos os seus pecados, libertou-se da sua cruz...
Rolei abismo abaixo, vítima de meus próprios fantasmas,
Prisioneira de minhas maiores culpas,
Vencida por minhas pendências passadas,
Precisei de uma vida inteira para resgatar uma história de perdas, dor, sangue e
abandono que só clareou quando a morte chegou perto de mim...
Morri há três meses depois de agonizar,
Sentindo a maior dor que pude sentir,
No mesmo peito que, cheio de leite, petrificou quando você nasceu...
Renasci quando revivi o nascimento da menina linda, vermelha e guerreira,
Que veio ao mundo para me ensinar que sentiu infinitas dores sem nunca sucumbir
Para me lembrar que mais que uma filha,
Fora minha irmã gêmea que me amou como não pude lhe amar ao nascer...
Minha filha, minha ponte para o passado meu diamante bruto,
Meu desafio, meu espelho,
Meu instrumento de crescimento, minha Luz!
Você é minha maior herança espiritual,
É a certeza de minha imortalidade, meu retorno às minhas origens,
À minha casa materna!
Viva para sempre com a alma livre, certa de que veio desta vez para salvar duas vidas,
A minha e a sua.

Deus abençoe sua vida!

QUANDO TUDO NÃO É O SUFICIENTE

“A palavra nuclear significa nova claridade, tudo ficará claro. O Sol regula o senso do eu de cada pessoa na Terra, e uma vez estando completamente dentro do Cinturão de Fótons entre 2000 e 2012 (final do calendário maia d.C.), homens e mulheres se tornarão harmônicos. Entrar no Universo significa simplesmente aprender os caminhos de um mundo mais amplo e a forma de relacionar-se com tudo isso.

Os primeiros humanos sentiram que esse era um desafio profundo e premente. Possivelmente, durante 300 mil anos e, certamente, pelo menos por mais 40 mil, os humanos reuniram-se durante a noite para meditar sobre os caminhos do Universo, para descobrir o seu próprio caminho. Se um ser humano tem a sensibilidade de reagir a uma inteligência que varre a Via-Láctea, uma inteligência que organizou trezentos bilhões de estrelas por dez bilhões de anos, uma inteligência, cuja forma e funcionamento está for de qualquer coisa articulada pelas técnicas cuidadosas e empíricas da astronomia moderna, podemos imaginar que esse ser humano precisaria criar uma imagem fantástica e poética do Universo e seus caminhos...”
(CLOW, Bárbara Hand – A Agenda Pleiadiana)

Tudo estava acontecendo muito rápido e ao mesmo tempo em minha vida. Nós estamos vivendo a Era da Luz, tudo anda mais rápido e nada permanece escondido por muito tempo, a verdade virá à luz em horas. Por isso tudo é tão rápido, tão claro!

O tempo voava e eu me sentia como se estivesse sendo levada por uma força gigantesca em direção ao novo, e ao mesmo tempo ao velho caminho para fazer algo grande para a nossa história com consciência.

No entanto, quanto mais eu fazia, mais tinha por fazer e menos eu sabia. Trabalhei noite e dia no meu velho computador, produzindo roteiros de idéias que nasciam em minha mente como grama na primavera.

Pediram que eu escrevesse sobre os direitos e deveres do paciente com câncer para um simpósio sobre dor e cuidados paliativos, que não chegou a acontecer. Pediram, ainda, que eu ajudasse com o envio de *e-mails* para a formação de uma frente parlamentar da cancerologia. Entre enviar e reenviar, corrigir e redirecionar, escrevi mais de 780 mensagens. Mandaram-me para Brasília para encontrar com os primeiros deputados e presidentes de entidades que apóiam o pacientes com câncer.

Li sobre protocolo parlamentar: como andar em Brasília, o modo de falar, a forma de se vestir e sorrir; como não me confundir e parar para tomar um café com um lobista e o cuidado de não esquecer minha agenda na mesa do restaurante (porque agenda em Brasília *vira dinheiro ou sangue*). Sentia-me perdida e cheia de perguntas sem respostas. Meu amigo jornalista dizia com frequência que eu tinha que ter calma e *não tentar andar sobre as águas* naquele lugar, ou eu *afundaria* em meses!

Mas quem teve a inspiração para iniciar este movimento articulado no Brasil foi minha amiga. Eu estava sendo até aí um instrumento em lapidação, uma protagonista do seu filme.

Eu sempre quis, mesmo que apenas em sonho, ser cantora de cabaré em Paris. Aliás, sempre disse para meus amigos que me questionavam sobre minha seriedade, que se desse, eu preferia ser cantora de um belo cabaré parisiense, seria menos tenso. — O que estou fazendo aqui em Brasília, tendo que proteger meu estômago do desconforto de conviver com certos políticos que fedem a urina de porco velho?

— Será que devo passar por este teste também para merecer a salvação na eternidade?

— Será que Deus me escolheu para, desta forma me capacitar para conduzir um exército verde que plantará a igualdade e a ética no mundo para o ser humano se humanizar e viver com dignidade até na hora da doença?

Eu só posso estar sonhando acordada para sentir tanta dor e medo ao andar por entre este tão falado poder que cheira podre. Eu tenho que estar em transe para conseguir andar e encaminhar assuntos sérios no meio das feras que gerenciam apenas seus interesses e esquecem dos pobres que nem sabem que têm direitos publicados na Constituição brasileira, mas quase nada praticados.

Certamente que tem de haver uma razão para toda esta odisséia, e até o fim desta história eu saberei.

Às vezes me sinto um pequeno grilo falante com asas verdes enormes que decorou o verso de um poema que é a senha para abrir todas as janelas das casas de uma imensa floresta negra.

Uma noite, já de madrugada, por volta das 3:00h, enquanto navegava na Internet — minha maior fonte de buscas e conhecimentos para este estágio de minha vida — parei e fiz uma oração chamando meu Mestre. Falei para Ele que estava sendo preparada para uma guerrilha e precisava de todas as armas psíquicas possíveis. Estou sendo guiada por um poder superior e quero consciência para saber onde estou pisando agora! Cantei minha prece habitual, meu mantra e depois de um banho quente, fui dormir.

Amanheceu o dia e eu ainda sentia as dores causadas pela radioterapia, quimioterapia e cirurgia, porém, certa de que queria prosseguir de coração aberto aos ensinamentos necessários para esta nova vida.

Tudo isso ainda era insuficiente para meu coração cheio de pesares e esperanças, jamais compreendido por homens ambiciosos e egoístas, mesmo com a intuição de que Deus me colocava no caminho do meio para acertar detalhes da minha história, que seria referência para outras pessoas vivendo momentos parecidos também querendo se acertar. Eu sentia que uma estrela olhava de forma diferente para mim nas noites de meditações e caminhadas solitárias pelas ruas do Campo Belo.

Uma noite eu vi um meteoro *surfando* lentamente no céu, brilhando em todas as cores como se fizesse uma demonstração de sua presença ali, me assistindo, olhando (eu e minha amiga Verane gritávamos, saudando-o, e ele ouvia e mudava de cor).

Senti umas repuxadas fortes nas costas e nos braços e naquela noite transpirei, tendo que trocar três camisetas.

Eu pensava como quando escrevia ***Quando Não fallo, Adoeço***, isto é, que estava sendo usada por uma inteligência alienígena milenar que queria falar coisas novas para os seres humanos naquela situação que eu estava vivendo para suscitar novas conjecturas (verdades ousadas) sobre toda a saúde e cura que está dentro do nosso corpo... “..ame a doença e agradeça a mensagem que ela veio trazer e realize sua missão!”

No dia 26 de setembro de 1999, com a força de um grupo de amigos, fundamos o Napacan, o primeiro passo de uma gigantesca jornada que só se iniciava.

Com a mesma força, iniciamos o projeto do Programa de Educação Continuada para o paciente com câncer, que incluía um manual, uma cartilha de direitos e deveres

e uma *homepage* na Internet – www.napacan.org.br com informações importantes, atualizadas num formato para leigos.

Orientada por este grupo, organizei um café da manhã para apresentar aos empresários o projeto e pedir apoio financeiro para o Programa por um ano.

Em 25 de novembro de 1999, instalamos a primeira Frente Parlamentar da Cancerologia, com 64 deputados federais (hoje são 118) em Brasília, com a presença de empresários, representantes de entidades que apóiam pacientes com câncer, representantes do governo e amigos. Ao todo devia ter ali umas 300 pessoas. Mas nunca fizeram nada... Hoje trabalham para seus interesses próprios! A imprensa esteve presente e todos perguntavam como esse movimento nasceu sem ninguém saber.

Até alguns que estavam presentes na mesa do plenário estavam perplexos. É claro que alguns estavam ali para preencher a mesa e cumprir horas de trabalho. Outros estavam para aparecer bonitos na foto, mas não moveram um dedo para construir esta Frente, que hoje é inexpressiva. *O poder não deixa o sistema mudar.* O *Estado* e o *Jornal do Brasil* cobriram o evento e todos falaram palavras ensaiadas e bonitas.

Quem fez e porque fez (todo este movimento no Brasil naquele ano) algum dia saberão se for o caso.

Importa mesmo é que foi feito, e assim a pauta que salva vidas e muda comportamentos foi para o ar por meio de *e-mails* e de nossa *homepage*, TV, jornais e revistas. A **ISTOÉ** produziu uma matéria de duas páginas comigo com foto e muito respeito, em fevereiro de 2000. Claro que isto chocou aos incrédulos que diziam nos bastidores que eu seria mais uma *sem-terra-sem-saúde-sem-direitos-sem-pátria* que estava procurando um lugar ao sol para a glória pessoal e que acabaria posando nua para a revista Playboy. Se fosse o caso eu posaria nua sim, nada contra, mas não era e não é o caso. Não é impossível eu aceitar um convite interessante e um bom cachê para posar, o corpo é meu, a vida é minha. Pecado e vergonhoso é fazer campanha política com dinheiro do povo, mentir para se eleger!

SAÚDE

Virada de jogo

Cilene Pereira

Depois de lutar contra o câncer, a psicanalista Graça Marques cria em São Paulo um núcleo de apoio e de representação das vítimas da doença. A psicanalista Graça Marques, 43 anos, é uma dessas pessoas obstinadas pela vida. Nascida em Porto Velho, desde cedo conviveu com a adversidade.

“Quando não tinha o que comer, ia para o rio, pescava e levava o peixe para o jantar”, lembra. Hoje, Graça continua com o dom de transformar o ruim em algo muito bom. Psicoterapeuta, trabalhando com pacientes com câncer, ela teve diagnóstico de câncer de mama recebido há cerca de um ano. Não se deu por vencida. Lutou, venceu a doença e a utilizou para iniciar um movimento de apoio ao paciente. Ela é a presidente do Núcleo de Apoio ao Paciente com Câncer (Napacan), criado com a finalidade de abrir espaço para as necessidades do doente. Uma das iniciativas do núcleo é distribuir manuais pedagógicos com endereços onde o paciente pode pedir ajuda. Graça falou a ISTOÉ sobre o Napacan.

.....
ISTOÉ – Por quê?

Graça – Tinha de consultar pelo menos três médicos e depois tomar uma decisão. Mas no segundo ouvi a mesma barbaridade. Cheguei ao terceiro e ele me disse a mesma coisa. Respondi que faria um tratamento e não operaria enquanto não sentisse que devesse operar.

ISTOÉ – *O que a fazia tomar essa decisão?*

Graça – Meu coração. Se prego tanto no meu trabalho psicoterápico que trato da alma do paciente, consigo salvá-lo das enrascadas da vida, na hora em que vivo um momento desses tenho de ter essa mesma verdade. E tomei alguns cuidados. Fiz quimioterapia e um tratamento complementar. Usei produtos considerados alternativos, como megadoses de vitaminas, orientada por uma profissional, e meditação...

Copyright 1996/2000 Editora Três
20 DE FEVEREIRO DE 2000

.....

NOTA DA AUTORA: diante de tanta pressão do *oculto* quero fazer uma anotação importante aqui para que não reste dúvidas sobre meu papel social que é diferente do pessoal, e demonstrar através de citações que o paciente de uma doença crônica como o câncer inicia sua cura no momento em que vislumbra um motivo para viver e muitas ações para mudar de vida.

Curar-se é um processo que envolve essencialmente o autoconhecimento que leva ao desbravamento de si e de tudo em torno de si. Eu sou uma lutadora pela vida e pela alegria de viver, sinto-me no dever de plantar esta idéia na mente humana através da minha história, mas sou uma mulher que conta com o desconhecido e o imprevisível,... a recidiva é um eterno imprevisível que *aponta uma arma para minha cabeça*.

Não sou santa ainda e quero vencer *estas muralhas* e por isso sou uma dedicada aluna do bem e da psicanálise.

Crendo em minha cura, me curo. Criando ações iluminadas para mim e meus próximos encontro razão para mudar de vida e viver! [“Cartas de um sobrevivente” é o relato e a análise de uma experiência única: a recuperação da saúde (e da vida) de um paciente de câncer, diagnosticado como terminal]. Reid Henson encontrou no programa de recuperação do Dr. Carl Simonton, **na sua própria fé e força interior**, os elementos que o mantém vivo e saudável até hoje.

O método Simonton baseia-se no princípio de **que as crenças, as atitudes e as emoções desempenham um papel importante na determinação da qualidade de nossa vida e saúde.** ([*Cartas de Um Sobrevivente – Dr. Carl Simonton, Summus Editorial – Título original: The Healing Journey - The Simonton Center Program*]).

O tempo está sendo o meu juiz e os *lobos* continuam uivando de espanto, querendo saber se sou uma visionária ou uma *Bruxa* de Avalon. Não, eu quero só mudar o *status* do paciente com câncer no Brasil, que vai além das divisas do Rio de Janeiro.

Um dia uma amiga me escreveu perguntando como foi possível o Napacan nascer vestido e andando. Eu respondi que o projeto já estava pronto no plano espiritual e só faltava materializar. É uma tarefa divina e tem potencial para andar com as próprias pernas, abençoado por Deus.

Educando para ter saúde é o nosso grito de independência para mudar a realidade do paciente que ainda morre na fila à espera de um atendimento especializado.

Só não morre quem tem padrinho, como disse um velho amigo que joga nas várias posições do poder.

Isto terá fim mais cedo do que podemos imaginar.

Eu quis muito dar voz ao paciente e defendê-lo em seus direitos, obviamente porque eu nasci num lugar onde a saúde pública é precaríssima. Nem tive assistência médica digna de um ser humano e muito menos conhecimento sobre os meus direitos.

Minha mãe, que trabalhou a vida toda em hospitais públicos, morreu por falta de recursos médicos especializados.

Os hospitais da cidade nunca têm leitos suficientes para o número de pacientes, e o paciente com câncer morre por falta de recursos médicos e pela falta de hospitais equipados para as necessidades do lugar.

Eu não tive atendimento na infância, mas quero ajudar a criar atendimento para o paciente carente.

Certamente, por ter sentido na pele esta realidade, seja muito mais fácil para eu reconhecer as faltas e as injustiças do que aquele que tem padrinho ou recursos financeiros para receber atendimento médico e hospitalar particular na hora que necessita.

Eu sei que não morro enquanto não mudar esta realidade, mesmo que seja parcialmente.

— “Estou ficando bem, venha ver de perto o que faço para resgatar minha vida com saúde e alegria contando as estrelas no céu, procurando o meu caminho de volta para casa.” Respondi rapidamente e fui procurar um canto para sentar enquanto escrevia minhas cantilenas.

Chamam-me de a *vedete da radioterapia*

O Carlos Eduardo lembra do dia em que andei pela faixa de ônibus da Nove de Julho

Encontra-me no restaurante do Sírio e pergunta se estou viva

Sou um fantasma para muitos

Minhas filhas viram eu *ficar verde*

Quase viram minha morte

Tropecei num câncer para acordar viva

Estou cheia de responsabilidades quando quero brincar

Não sei mais brincar de pega-pega

Deixei meu livro de geografia no muro da escola

Chorei quando o Papa morreu

Chorei quando minha mãe morreu

Chorei quando minhas filhas partiram para longe

Sorrio quando encontro meu amigo no trânsito pedindo meu autógrafo

Canto bem cedo a mesma canção

Como sempre, as mesmas coisas

Ando pelas ruas desertas de volta para casa, pensando porque faço isso

Pergunto-me sobre o que vim fazer aqui que nunca acaba

Meu telefone toca e eu digo que não estou

Escondo-me para cantar desafinado

Nunca, nem que o mundo caia sobre mim, nem que Deus mande, nem mesmo assim, as pazes contigo eu farei, nunca...

Meus cabelos ficaram curtos para exibir meus olhos grandes

Minha amiga disse que estou agitada

Vejo no espelho minha imagem desfocada

Meu espelho está embaçado

Meus amigos me cobram uma força que eles nunca tiveram

Estou cansada das pessoas confusas e apressadas
O mundo está desabando e não sei o que fazer
Estou parada na Rua José de Alencar, procurando minha ingazeira
Minhas bananeiras morreram todas
Tenho saudades da casa da Dodó
Choro quando lembro das suas saias coloridas
Nado no Rio Madeira e encontro com meu *site* na Internet
Minha cara está exposta para o mundo ver como sou
Perco a hora para ir ao hospital
Sofro deitada sozinha naquela cama fria todos os dias
Saio correndo de volta para a rua enquanto penso nos dias de liberdade
Uma vida passada veio bater na minha porta para me despertar
O homem que trouxe o pacote de seda azul era minha ponte
A chuva caía forte aos meus pés enquanto ele implorava para eu ficar
Na minha mala só cabia um casaco de lã e uma bota de couro
Nas minhas mãos eu levava minhas filhas
Subi na carruagem e os cavalos me conduziram por muitos dias
Nas montanhas havia neve e um santo acendeu uma fogueira para me aquecer
Bebi água na cuia velha e comi pão envelhecido
Dormi sobre folhas secas
Saquei da bainha minha espada e lutei com forasteiros
Venci todas as batalhas e por isso me chamam de guerreira
Só como carne de glúten com *shoyo* natural
Bebo vinho tinto seco no gargalo da garrafa
Chamam-me de bruxa
Faço magia sem parar lutando para ficar viva, mesmo sem saber por quê
Uma criança diz que sou a pessoa mais diferente que ela conheceu
Dá-me um pirulito e canta um mantra em tibetano
Eu choro em silêncio por reconhecer o meu filho que abandonei há 1499 anos
Meu ventre se enche de vida para meu corpo vibrar novamente
A banda do coreto toca uma marcha fúnebre quando eu olho pela janela
Mando o Sol se esconder e corro para o colo da minha mãe
O mundo fica verde para eu existir
Bebo chá amargo para conhecer o doce que tenho na alma
Faço uma chamada pedindo força e vejo meu Mestre sorrindo para mim
O Sol brilha dourado bem dentro dos meus olhos para eu sentir a vida de volta
Meu irmão cobra minha presença e diz que faço falta
Sinto-me amada como se fosse uma rainha
Meus inimigos estão cercando minha tribo
Eu canto alto para afastar os maus espíritos
Durmo querendo acordar
Sonho com meus anjos azuis
Os castelos da minha cidade desaparecida têm as torres douradas
Entro na cozinha para lavar as panelas
A mulher diz que estou atrasada para a viagem
Vejo Gabriel, o Pensador na TV e grito na janela que gosto de suas letras
O guarda me pára na rua escura para me pedir ajuda
Tiro do bolso meu anel de brilhantes que ganhei da minha madrinha
Olho a foto do Papa na gaveta da minha mesa e penso na minha filha
Ela foi ao Vaticano por minha mãe
Tenho um terço vermelho que herdei da minha avó
Rezo um Pai Nosso em sânscrito e canto um mantra em tibetano
Hoje cantei um baião olhando a foto da Billa

Escrevi um cartão-postal e a Vanessa ligou de Londres
O Caetano vai cantar no teatro para os ingleses e minhas filhas vão gritar o seu nome em português
O sol da tarde queima meu rosto, deixando meus cabelos mais vermelhos.
Minha pele está branca, coberta de roupas
Lembro do dia em que tirei a roupa na festa de Guajará Mirim e pulei na piscina
As mulheres morreram de inveja por não terem a minha coragem.
Fiquei nua dentro d'água nadando com o meu namorado
Meus amigos me vestiram com um paletó cinza e mentiram para os jornalistas.
A sociedade sorriu amarelo quando eu passei na carruagem do rei
As árvores da praça curvaram-se com elegância
Eu voltei voando para Natal
O Roberto guardou uma jarra de chá do preparo passado
Uma Força estranha invadiu minha alma
Assisti de camarote o filme da minha vida
Passei fome para chegar à frente de muitos
Plantei um *enxame* de estrelas no teto do meu quarto
Queimei meu álbum de fotografias
Lambi o chão dos palácios para dormir em lençóis de seda
Ninguém imagina a dor que sinto quando vejo meu peito cortado
De madrugada ouço meus passos no sótão de uma vida passada
Fiquei sozinha quando os alemães invadiram minha cidade
Puseram correntes pesadas em meus pés para me segurar
Um índio me levou em sua canoa para o outro lado do rio
Sentada sobre uma melancia, fico imaginando o que há do lado de lá
Uma estrela cai em minha mão
Nem a radioterapia me tira a alegria de viver
Meu médico ri de mim e diz que eu venho com minha babá para o hospital
Não, eu venho sozinha e não quero que me sigam
Bebo um suco de tomate antes de cair desfalecida
O dono do bar forra o balcão para eu deitar
Paro na Paulista para escrever uma frase que escorre do meu cérebro
Passo por cima da lixeira
Uma lata de refrigerante corre atrás de mim
Tudo que eu queria era ter uma amiga
A minha amiga insiste em me interpretar
Talvez eu seja um livro indecifrável para ela
Acho que pode ser por puro medo de mostrar seus sentimentos
Ando com pressa de escrever meus pensamentos
Subo na calçada para anotar meus recados, meu casaco caiu do cabide
Surge um altar à minha frente e vem um padre me doutrinar
Brigo muito com o mundo que vive errado
Os homens têm medo de mim
Falo o que penso para chocar os fracos
Fui fraca quando fiquei sem palavras perante o Coronel
Finquei uma cruz no meio da rua
O Xerife disse que eu era *fora-da-lei*
Mostrei o pacote de pó que ele traficava quando prendeu meu irmão para esconder seu pecado
Minha mãe me manda rezar
A professora me põe de joelhos no milho
Adoro comer pamonhas feitas na hora
Limpo o fundo do quintal para a festa de São João

Choro de saudades do meu pé de café
Fujo dos búfalos e atropelo uma escola de samba
Desfilei na avenida e não lembro quem pegou minha grinalda de flores
Cheguei atrasada para meu casamento
Meu noivo me espera há 280 anos
Preciso de uma mousse de chocolate para ficar de pé
Parei uma procissão na porta da igreja com minha minissaia curta
O padre Mário gritou me excomungando
Eu disse que não arredava o pé dali até Deus mandar
Ele disse que eu era profana
A Joana correu com um manto para cobrir meu corpo
Todos saíram nas janelas para olhar minha cara pintada
As pessoas bebem minhas palavras
Impressionam-se com minha paixão
Lutam para tirar minha razão, rotulam, roubam os pedaços da minha canção
Examinam meu suco de melancia
Desconfiam porque não gosto de açúcar
Procuram erros no meu discurso
Dão voltas para perguntar se uso drogas para escrever
Não olham dentro do meu coração
Só serotonina, alguém sabe o que é?
Meu cérebro produz cinco miligramas por dia
Eu escrevo mil palavras por dia para ser lembrada depois da morte
Minha gaveta está cheia de cartões-postais
Meus amigos estão salvos no meu catálogo de endereços
Recebo uma carta escrita com caneta-tinteiro
Respondo por *e-mail*
Sou do século passado e vivo no século que vem
Olho minha foto no jornal assinada pelo Picasso
Sei que vão me perguntar se dormi com ele
Nada mais importa, deixe que falem
Eu não sou de ninguém
Bebi café, sentada na mesma cadeira que ele sentou no café de Paris
Abro a porta do meu quarto e dou de cara com New York
Minhas malas estão prontas
As meninas morrem de inveja por tudo
Andam falando mal de mim
A *tia* faz *cara* de *boazinha* para fingir que quer cuidar de mim
O meu *louro* espalha a notícia na cidade que ela quer é *queimar meu filme*
Falta seriedade entre os humanos
Falta Luz no coração dos dissimulados
Vou para o espelho passar meu batom
Encontro com o rosto do homem que protagoniza meus sonhos
Mergulho nesta imagem
Faço amor no fundo do mar
Tenho muitos filhos em Israel
Sou mulher por vocação, tenho o peito cheio de leite
Fico criança quando sinto fome
Falta glicose no meu sangue
Bebi muito chá de mangarataia
Fiquei picante como gengibre
Passo em frente ao Maksoud
Para escutar a voz da Nise dizendo que sou forte

Sou seu espelho, ela é minha bússola
Tenho a assinatura de meu pai na gaveta
Tenho a foto do Papa que a Billa me deu
Tento assinar um novo contrato com a vida
O Ricardo me olha com cara de mau, mas patrocina meu projeto
Entreguei grandes idéias para os medíocres
Escrevi todas as pautas dos programas que fiz
Ninguém sabe ninguém viu!
As histórias jorram de meu cérebro como se fosse um derrame
Escrevo poemas para meus amigos
Eles pensam que li Cecília Meirelles
Tem um poema dela que é a minha cara – “Tenho fases, como a lua. Fases de andar escondida, fases de vir para a rua... No dia de alguém ser meu não é dia se eu ser sua...”
Atropelo-me dizendo o que penso, vou ao passado e encontro com o futuro
Sonho que estou mudando de casa
Vejo uma estrela no céu
É meu Mestre iluminando meus caminhos
Reencontro com meu Rei via Embratel
Trinta anos se passaram e ele nunca me esqueceu
Foi por ele que voltei para a União
Só por ele saio da União
Salvo a vida do rapaz da moto
Jogo o carro em cima do seu agressor
Pulo com os dois pés no peito do homem mau
Grito no meio da avenida fazendo o trânsito parar
Ligo para a polícia contando o que vi
Torço pelo galã do filme na TV
Ele não matou sua mulher
O Xerife quer ficar famoso prendendo o Harrison Ford
Tem gente que nunca aprende a lição do jardim-de-infância
– seja honesto, seja justo, seja limpo, seja forte, seja vivo, seja livre, seja a Luz!
Fico curada bebendo um líquido azul
A Lua aparece na varanda da minha casa
Para contar que minha doçura altera minha bioquímica
Quando durmo, estou repousando em Shambala
Todos choram no meu funeral
Depositam flores amarelas com purpurina no meu túmulo
Eu morri para as besteiras da vida
Estou mais viva que você
Minha árvore da vida está cheia de frutos violeta!
Eu rio da sua cara furando a fila errada
Saio nua no corredor para jogar o lixo fora
O homem do andar de cima espia pelo buraco da fechadura
Eu quase furo o olho do santo com minha agulha de tricô
Ainda guardo a mensagem no *bip* do dia que você me chamou de Penélope
Minhas palavras expressam uma pintura surreal
Uma cigana leu a minha mão para dizer que fui casada com um padre
Jogo minha aliança no fogo
Fico viúva antes de casar
Quero uma lua-de-mel na Grécia
Canto o Hino Nacional fantasiada de índia
Dou voltas pelo mundo procurando o fim da minha estrada

Enxergo um canto do mundo que quer me abraçar
Abro os braços para receber o meu lugar no céu
Limpo as escadas para ter grau antes de encontrar com Deus
Chamo Caiano para me dar Força
Fico púrpura de emoção
Conto as árvores que encontro no meu caminho
São oitenta e cinco me vendo passar todos os dias
São oitenta e cinco abraços, alegrando meu coração
Toco no violão minha canção preferida
Vejo Roberto Carlos dos meus sonhos de menina
Escrevo no papel de seda a sua poesia: "quero ser sua canção, eu quero ser seu tom,
me esfregar na sua boca ser o seu batom, o sabonete que te alisa embaixo do
chuveiro, a toalha que desliza no teu corpo inteiro..."
Sou muito romântica para viver neste mundo.
Quero uma bolha de sabão para voar por aí.
Vou plantar um pé de alegria no fundo do meu quintal
Posso chamar o Freud para analisar este meu gesto
No sonho de 1989 eu estava deitada em seu colo
Só ele pode me assinar o meu certificado de psicanalista
Nem sei porque insisto nisso
Passo as noites procurando um arco-íris no nascer do dia
Quando eu nasci o Rio Madeira transbordou de felicidade
Minha arara lembra do dia em que caí da jaqueira
Quebrei meu jirau só com meu grito
A cacimba secou, a seringueira morreu, o mato queimou
Fui ver o Advogado do Diabo
Ele me pediu proteção
Eu vi que o *glamour* seduz e escraviza nossa alma
Pedi socorro para meu oráculo
Entendi que minha forma de viver estava pondo à prova minhas virtudes
Sobrevivo ao holocausto de meu superego
Quero a verdade na minha tela da TV
Preciso ouvir a voz da minha filha para lembrar que sou mãe
Quero ver se vou comer tapioca na casa do índio
Encosto o ouvido no trilho do trem para saber a hora que ele chega
Sento no último banco do carro 16 para ouvir o apito do trem de longe
Fico longe do meu passado para não morrer de saudades
Desço em Vila Murtinho para morar dentro da Capela
Acordo todo dia cedo ouvindo o barulho do trem nos trilhos
Perdi os trilhos do meu caminho
Apesar de ter visto um trem chegando e partindo
Toda semana pela Estrada de Ferro Madeira-Mamoré
Que marcou minha infância com o apito da Maria fumaça
A fumaça da chaminé da padaria me causa enjôo
Eu tenho o estômago fraco
Fico tonta nadando no mesmo oceano
Sempre sozinha para me ver melhor
Pilotei uma motocicleta 450 cc para ter equilíbrio
Chamavam-me de Penélope Chamosa
Se você levar o seu amor embora
Leve também o vazio que existe em mim
Eu quero ficar abraçada com o meu urso
Tomar um sorvete de pitomba, sentada no banco da praça

Esperando você passar, fingindo que não me vê.
Espero um tal de livre-arbítrio chegar para decidir se volto para casa.
E vivo os efeitos colaterais da vida.
Tatuado no meu peito ferido.
Por quê?
Porque fui ver a miséria do mundo capitalista.
Vi meu espírito velho acendendo uma lamparina
Escutei minhas cantigas de ninar
Revi meus contos de fadas
Tive vontade de dançar
Assisti a biografia da minha vida passada
Fiquei sentada no mesmo lugar até o dia nascer
Levantei correndo para levar *flores ao meu túmulo em Paris*
Fazia muito frio, meus pés congelaram
Volto na primavera para plantar orquídeas em Montparnasse
Minha vida está ficando muito séria
O meu lugar é em seu coração
Desenho uma boca no meu bolo de noiva
Para mostrar o beijo que você me deu
O Rogério, que foi meu primeiro amor, morreu a 250 quilômetros por hora
Seus olhos azuis aparecem no céu quando estou com saudades
Mas os meus brincos de ouro ficaram em suas mãos
Ainda os procuro nas mãos que me tocam
Uma mão macia segurou forte na minha
Eu fugi da igreja fingindo que tinha pressa
Ele ficou me olhando do altar como se eu fosse uma santa
Mas posei nua para todos lerem meus símbolos, a revista foi *queimada viva*
Minha filha escreve um poema para contar sua história
Leio cada palavra com emoção por ter lhe dado a vida
Sinto-me em dívida com meu futuro
Tenho 20.000 pés de samaúma para plantar e meu quintal está cheio de violetas
Vou dormir para encontrar com meu Mestre.
Eu quero Luz por todos os caminhos que eu andar
Eu quero Luz nos corações humanos
Eu quero amigos verdadeiros
Eu quero Justiça!
E um lugar para renascer!

Ainda falta muito para eu sentir que está tudo certo, e é aqui mesmo que vou ancorar meu barco, dormir sossegada e certa de que estou fora de perigo. Que o mal, o deslumbramento e o ego não estejam me pregando uma peça! É, eu sinto que tudo vem mudando tão rápido que desconfio se não estou vivendo uma sedução e quero crer que sou o *Batman* do ano 2000, combatendo o mal que invade a vida das pessoas carentes. Por isso eu medito e oro todos os dias e faço de tempo em tempo vigílias longas, de semanas, **canto mantras e orações** pedindo lucidez e sabedoria para me enxergar sem coloridos.

Mas ainda não é suficiente.

ACORDEI MINHA MEMÓRIA CÓSMICA

“Quando um Homem sente imperiosamente a necessidade de respeitar a si mesmo, ele ouve um tímido sussurro do seu Eu Superior. Daí em diante começa a procurar meios e maneiras de merecer esse respeito. Isso inicia sua busca.”

(BRUNTON, P. – *Idéias em Perspectiva*)

Na transformação e crescimento de todas as coisas, há um toque de Luz que desperta todas as células de um planeta. Eu vivi milhares de minutos a experiência de mergulhar na dor do outro para mensurar a cota de sementes do fruto da alegria a ser repartido entre todos nós.

Não é suficiente saber conquistar sementes de Luz a cada dia de minha vida para meu crescimento espiritual, com disciplina e muito trabalho para mudar até as células do meu corpo. Não é suficiente saber que Deus está me dando um crédito em anos de vida para que eu possa me purificar e provar que sou uma discípula obediente e dedicada nesta vida para merecer uma vida melhor em outra dimensão, não mais renascendo aqui.

Eu necessito entender cada símbolo que surge diante de meus olhos todos os dias do ano. Eu fico olhando o mundo através de uma lente de aumento para enxergar todos os sinais. Converso com Deus quando acordo e quando vou dormir sobre todas as imagens, cores, luzes, seres da natureza que percebi ou senti que me diziam algo. Para me certificar de que Ele mesmo falou comigo, consulto meus livros de meditação, orações e meu mais novo livro: *Um Curso (caminho) em Milagres*, que chegou às minhas mãos de uma forma mágica. Medito, medito, medito e falo para compreender o que aprendo e ensino. Tudo o que faço é ensinando — uma premissa básica do existir com consciência.

Contudo, eu sei que Deus me escolheu neste momento para me capacitar a ser generosa com inteligência, sabendo porque devo ajudar e como ajudar.

Eu sei que estou nesta roça, plantando sementes de frutos nutritivos para alimentar as células que estão em meu corpo e em milhares de outros corpos neste planeta. Porque todos são meus fragmentos e isto me ajuda a lembrar de minha origem alienígena e porque vim parar aqui.

Em sã consciência, eu negocie com Deus no dia da minha cirurgia para retirada do tumor da minha mama. Eu lhe disse que só me deixasse viver se eu pudesse ser transformada em um instrumento de Sua inteligência e amor, para contribuir com a mudança de *status* do paciente carente e desinformado, em nosso sistema capitalista desumano, imoral, injusto e antiético, para contribuir para a mudança dos seres humanos em sua forma de existir!

Em um dia quente e chuvoso, saio correndo de casa, tropeçando nos meus chinelos de borracha rasgados, respirando fundo para ter forças e chegar em tempo na casa da amiga rica de minha mãe para lhe pedir um

dinheiro emprestado para comprar café e pão para nosso jantar. Bato palmas no portão com minhas pequenas mãos de 9 anos de idade até todos os cães da rua latirem em minha direção como se eu fosse uma ameaça àquela casa guardada por muros altos.

A empregada da casa sai para perguntar o que eu desejo. Eu digo que quero falar com dona Tereza com urgência. Ela avisa que vai ver se dona Tereza vai poder me atender naquele momento, porque a família está jantando. Eu sento na calçada, decidida a não sair dali sem falar com dona Tereza.

O tempo passa e horas depois vem dona Tereza, cheirando a perfume francês, com um saco de pão velho e algumas frutas, dizendo com um sorriso nos lábios que o meu problema devia ser fome. Eu seguro o saco nas mãos e digo que tenho fome sim, pois minha mãe, meu irmão, todos temos fome, mas eu quero um dinheiro emprestado até o fim do mês para comprar também uns mantimentos para alguns almoços e jantares e uns medicamentos que minha mãe precisa tomar.

Ela enfia a mão no bolso e tira uns trocados, dizendo que eu tomasse cuidado com tudo aquilo que ela me entregava e que voltasse correndo para casa, pois já passava das 21 horas. Eu agradeço, dizendo que Deus lhe abençoará por sua bondade. Ela sorri

e passa a mão em minha cabeça e diz: — “Sua mãe deve ter muito orgulho de você por sua coragem, menina. Vá logo, vá...”

Eu volto correndo, falando com Deus para me segurar em pé até chegar em casa sem desmaiar por hipoglicemia causada pela fome. Chego em casa trêmula e com a roupa molhada pelo xixi que fiz na calça, de cansaço e de vergonha.

Como um pão com goiabada e café e vou subir para o galho mais alto da minha ingazeira para chorar e orar.

Uma Lua no céu azul me olha como se soubesse de tudo o que se passava em meu coração... Sabia, eu sabia que sim.

Penso no dia em que vou ter minhas filhas e vou poder fazer para elas a comida mais saborosa e farta.

Eu não quero mais sentir fome e ter que pedir migalhas não, não! Grito tão alto este *não* que minha mãe vem correndo com uma lanterna para ver se caí da árvore.

— “Não foi nada mãe, só estava falando com Deus, já vou dormir”.

Desde que minhas filhas foram morar em Londres, eu vivo querendo mudar do Brasil para algum lugar onde eu durma e acorde sorrindo. Um lugar onde eu possa andar pelas ruas de noite ou de dia, sem medo de ser abordada por um assaltante que me leve à vida ou apenas minha carteira.

A partir do momento em que iniciei minhas atividades no Napacan, tenho viajado muito para Brasília e outros lugares brasileiros.

Voltei a Porto Velho para participar da solenidade de entrega de uma doação em dinheiro, feita por uma empresa de telefonia regional para a construção do primeiro hospital para tratamento de câncer do lugar.

Um dia, quando navegava pela Internet, encontro o *e-mail* do presidente de uma entidade de Porto

Velho que representa pacientes com câncer. Mandei-lhe uma mensagem, oferecendo a ajuda e o apoio do Napacan para sua obra social. Ele me respondeu rapidamente, pedindo que eu procurasse em Brasília, por um coronel do Exército que seria o responsável pela formalização da doação das terras do 5º Batalhão de Engenharia e

Construção de Porto Velho, para a construção do hospital. Com a ajuda de uma jornalista, em seis dias o coronel foi localizado, o documento foi assinado e eu fui convidada a fazer parte desta mesa em julho de 2000 diante de dezenas de *flashes* de jornais e emissoras locais de TV. Foi um dia de grande emoção que me fez chorar quando uma jornalista me perguntou como era para uma filha da terra, que foi tão pobre, voltar depois de 30 anos para contribuir com a criação de uma obra tão importante como um hospital para tratamento de câncer para a população pobre.

Eu disse que me sentia honrada com a chance que Deus me deu de ser útil.

Naquele dia eu pensei que o lugar onde eu poderia viver bem até o fim de minha vida seria o lugar onde nasci e onde tantas lembranças me mobilizavam.

Tirei um dia para andar pela cidade e rever todas as casas onde vivi na infância e adolescência. Algumas já não existem mais, apenas o lugar que já está ocupado pelo comércio. Fui até as pedrinhas onde conversava com aquela rocha maior da minha infância, e pouca coisa encontrei que me lembrasse o que foi aquele lugar. A granja onde passei uma boa parte de minha infância é uma grande avenida onde muitas indústrias se instalaram. O meu santuário Teotônio é um vale de pedras ressecadas pelo sol de 40°C o ano todo. O caminho que me levava até lá hoje é uma avenida asfaltada, onde vários conjuntos residenciais foram erguidos. O meu amigo mais bonito da adolescência vive solitário e alcoolizado em uma destas belas casas do lugar.

Parei em frente ao seu portão e fiquei alguns minutos olhando para dentro, imaginando como seria se ele saísse na porta e me visse chorando de tristeza por ele. Talvez perguntasse se eu não o estava confundindo com alguém. Sorte que ele devia estar se curando de uma ressaca da noite passada, largado em uma cama, sonhando com os carnavais de 1970 ou tendo pesadelos com os rachas de carro que fazia nas noites quentes de verão, atropelando cachorros pelas ruas.

Eu continuei meu passeio até a Capela, onde vivi momentos iluminados e inesquecíveis. Sentei sobre uma pedra olhando para o que restou daquilo tudo.

Quase nada havia apenas uma saudade monstruosa em meu peito doía.

Nada mais existe no plano físico, o que ficou está dentro de mim, e para onde eu for, levarei comigo a lembrança do lugar e sua magia. Desenhei no chão de terra o meu nome e disse adeus.

Voltei correndo para o hotel. Tomei um banho frio para lavar minha tristeza e chorei a noite toda até adormecer. Acordei com o som da campainha do telefone.

Era hora do café da manhã, e um amigo me espera no restaurante para me rever e dizer que ainda sonhava com o dia em que se casaria comigo.

A tapioca estava deliciosa, bem como o suco de graviola e o bolo de mandioca. Eu me maravilhava com os sabores fortes destes alimentos que um dia fizeram parte do meu menu matinal por pura falta de opção.

Meu amigo viu a aliança em meu dedo esquerdo e perguntou se eu ainda era casada. Eu disse que sempre fui casada com o mesmo homem com quem casei havia 28 anos. Parece estranho, mas sou.

Meu vôo partiu lotado naquela última madrugada em que estive em Porto Velho.

Eu vim sufocada e cansada, usando um lenço de seda violeta para cobrir minha cabeça para que não me vissem chorando.

Ainda não agüento a dor de reviver tantas lembranças dolorosas e tantas outras mágicas e únicas.

Meu corpo inteiro dói quando retorno a Porto Velho. Minha alma desdobra-se por muitas horas na noite e quase não volta. Com certeza é para retornar aos lugares onde vivi e trazer à minha consciência o significado de ter nascido ali.

Uma certeza eu tenho: minha memória cósmica desperta quando volto a alguns lugares por onde já andei um dia nesta ou em outras encarnações.

Lembro-me de situações importantes, de outras apenas intuo, mas todas eu aplico em meu processo de crescimento.

(Meu papel, ao ir ao lançamento da obra do hospital foi apenas para detectar irregularidades, gritar aos quatro ventos e exigir reformulações. Era uma roubada, hoje lutam para fazer a fundação que eu exigi que fosse criada quando me convidaram para ajudar.)

Estou olhando minha foto de quando estive na Bolívia e sinto vontade de voltar para lá. Usava um vestido de linho puro claro e transparente, calçava botas de camurça e usava um boné com um nome americano em vermelho. Eu tinha 41 anos e estava me sentindo uma personagem dos filmes de Pedro Almodóvar e achava que já havia vivido a parte mais importante da minha vida.

Era um dia ensolarado com muita gente nas ruas, e todos olhavam para mim, certamente pelas roupas que eu usava. Minha amiga sensitiva dizia que era pela luz que brilhava em volta de mim. Não importa, eu estava feliz porque estava comendo as *saltenhas* que eu adorava comer quando morava em Vila Murtinho.

Quando voltei para o hotel no fim do dia, encontrei sobre a mesa de cabeceira várias caixas de pastilhas *Valda*, uma foto do meu pai (que eu não via havia 25 anos), sua assinatura escaneada em um papel-cartão com a data de 21 de março de 1971, e uma carta de um irmão, na qual contava o mistério das duas datas de nascimento em minha vida. Revelava o porquê de eu ter sido batizada e registrada com 5 anos de diferença entre uma data e outra. Eu nasci em 1956 e fui registrada com data de 1952 (meus documentos dizem que nasci em 1952, mas nasci em 1955 ou 1956). Minha certidão de batismo diz: **10 de abril de 1957**. Tenho esta assinatura guardada na gaveta da mesa onde sempre sento para escrever à noite. Explicado o fenômeno de eu ser sempre mais jovem do que meus documentos e mais velha que meu batistério, hoje estou olhando para ela e pensando no porquê do meu pai ter deixado esta assinatura para mim. Ele queria contar o mistério e não deu tempo.

Ainda sinto o cheiro dos chicletes bolivianos que ele me trazia das viagens quando eu tinha 6 anos de idade.

Peço desculpas pelos saltos no tempo que dou enquanto conto minha história, mas é que eu quero registrar aqui os meus mais profundos sentimentos, vividos em minha vida antes e depois de ter tido um câncer. Estou procurando me conhecer melhor e vou me revendo enquanto escrevo. Os *insights* surgem em imagens como num filme, e assim vou encontrando os pontos que me compõem, que me deixam mais lúcida e transparente para quem me ler com atenção. Nem quando escrevi meu primeiro livro – ***Quando Não Fallo, Adoeço***, consegui ser tão clara e simples. E meu objetivo ao escrever este livro é o de passar ao leitor por meio das palavras, os meus mais verdadeiros sentimentos e as minhas mais profundas experiências para que possa servir de espelho ou referência para quem procura se conhecer, vivendo o mesmo momento que vivo agora. Eu sou uma pessoa intensa e cheia de emoções, não falo sem expressá-las com paixão.

.....
.....

De madrugada chovia tanto, que minha mãe vinha com a água pelos joelhos, atravessando as ruas escuras do nosso bairro para trazer uma lata de leite

americano que sempre sobrava das campanhas contra a fome que associações americanas faziam periodicamente no Norte, Nordeste e Oeste do Brasil.

No hospital em que ela trabalhava todos falavam que se não fossem os americanos, os pobres brasileiros morriam de desnutrição. Mamãe dizia que aquele leite (5 litros em pó) tinha que durar até o fim do mês.

Eu e meu irmão queríamos comer o leite todo na hora que ela abria a lata, mas entendíamos o significado das palavras dela e obedecíamos sempre. Ou usávamos racionalmente ou não teríamos leite no café da manhã.

Esta rotina se repetia semanalmente com ou sem chuva. Na madrugada ela corria para casa na hora mais tranquila do seu plantão para levar alguma sobra de algum alimento para nós.

Depois, voltava correndo para o hospital. E o leite, o suco, a farinha de arroz e o *neston* que deixava sobre a mesa de manhã parecia mágica.

Eu aprendi a fazer mágica bem cedo, assistindo minha mãe fazer as dela por muitos anos. Lembro que além de trabalhar no hospital dando plantões exaustivos noite e dia, nas suas folgas cozinhava e limpava a casa de uma família inglesa, de Barbados. Eram os barbadianos mais ricos e humanos da cidade. Quando eu não estava na escola, ficava sentada no degrau da escada da cozinha olhando-a trabalhar e esperando para lambar a massa do bolo que ficava no fundo da tigela. Esta era a hora mais alegre do dia.

A outra era quando a dona da casa me deixava ficar olhando a sua cristaleira cheia de xícaras de porcelana.

Eram xícaras lindas, coloridas e grandes. Eu olhava e pensava que elas deviam ter gosto de biscoito de manteiga com chá de canela bem quente.

Um dia eu pedi uma xícara daquelas para mim.

Minha mãe brigou comigo e argumentou que eu nem sabia o que era uma xícara de porcelana. Eu teimei dizendo que sabia sim e que queria uma daquelas para mim. De tanto pedir, um dia a dona da casa me deu uma xícara de porcelana pintada à mão.

Foi uma alegria tão grande que intrigou minha mãe. — “Você bebe leite e café em caneca de esmalte, que história é esta de querer uma xícara para você? Andou sonhando que foi nobre algum dia? Só pode ser leseira sua, nós nunca tivemos nem xícara de vidro... acho que está ficando vaidosa, hein!”

Eu consegui realizar um pequeno sonho dentro de uma casa de estrangeiros e me senti premiada de alguma forma.

Toca o despertador às seis horas da manhã, vamos todos nos arrumarmos para não perder a hora da escola. Afinal, eu estava estudando para passar do segundo para o terceiro ano do primário. Estudar e ser uma boa aluna era o meu passaporte para minha liberdade intelectual e a garantia de ter voz própria para falar na hora de entrar na fila das necessidades ou para desfazer estas filas miseráveis.

Eu queria muito ser um Victor Hugo e poder continuar escrevendo *Os Miseráveis* hoje, um século depois.

Tudo é tão parecido que dá para enxergar os mesmos personagens revivendo a mesma história que se repete. Ele disse que o avô de Hitler era judeu e que o nazista era impotente, e por isso culpava e perseguia os judeus.

Quando o mundo está impotente, ele culpa os marginalizados. Sabemos quem vive o arquétipo de Hitler em cada canto do sistema, e os judeus? Perseguidos e aniquilados, são o nosso povo pobre, analfabeto, sem teto, sem pão e sem direito de

conhecer os seus direitos! São *os miseráveis* desde 1500, vivendo sob o controle e o jugo dos senhores feudais.

Neste lugar da história da humanidade eu sou uma *judia* que vai brigar para libertar o meu povo da escravidão e da ignorância.

O meu álibi para não ser presa e condenada à morte novamente? Sou ex-paciente de câncer que transformou a doença em um projeto social que dá vida e Luz para muita gente.

Mesmo enfrentando uma CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito, no Senado, eu cantei mais forte que pude a música que me move em direção às mudanças e foi um prazer depor naquela sala do Senado sob os olhares atentos de 4 senadores e toda a imprensa presente. **Foi o meu show da vida.**

Sabendo o porquê da dor, pode doer menos... Eles nem sabem que me foi dada uma chance única de cantar em dó maior as verdades escondidas pela cortina de fumaça do *lobby* nos balcões da corrupção do governo.

Minha amiga me ensina os passos desta dança com a clareza de uma mestra e a inocência de um anjo. Ela é um anjo com asas de verdade, pouca gente sabe, mas é. Trocamos confidências pela madrugada adentro, fugindo dos telefones grampeados que nos cercam. Na maioria das vezes foi mais seguro ir ao Maksoud tomar uma sopa e falarmos, protegidas pelo som ensurdecido da fonte d'água que jorra quase sobre nossas cabeças, fazendo estratégicas pausas para descansar nossos ouvidos.

Ali, articulamos e analisamos os planos de mudanças mais ousados que nossas mentes podiam sonhar. Olhando de fora alguém podia pensar que eram apenas duas mulheres se divertindo na noite. Muitas vezes estávamos fazendo nossa refeição noturna quase na hora da ceia. Tomamos as decisões mais importantes e rascunhamos brilhantes projetos que se materializam tranquilamente desde setembro de 1999.

Instalamos nesse lugar uma espécie de QG de onde despachamos, desde assuntos familiares até os novos rumos de nosso País, a cura do câncer e as propostas de emenda à lei dos planos de saúde também (que os relatores técnicos nunca deixaram passar de uma pauta). TUDO SONHO E FANTASIAS NEBULOSAS !!!

E os outros integrantes do QG? Ah, são muitos! Dois amigos do lado saudável do Poder Legislativo e um do Poder Executivo; três jornalistas voluntários para levantar informações verdadeiras sobre os dados em demandas reprimidas dos atendimentos nos hospitais de câncer do País; um conselho formado por 4 médicos para garantir a cientificidade de nossos textos; alguns amigos itinerantes do Brasil e da América do Norte umas dezenas de pacientes e ex-pacientes. Bem, mas quem trabalhava diuturnamente para cumprir com a palavra do Napacan era eu e uma atendente, minha estagiária e modelo Karen, que foi peça importante no funcionamento do núcleo inicial (muito grata amiga Karen).

Eu pilotava o barco e a amiga supervisionava a rota.

Quase um ano depois já mudou muita coisa.

Hoje eu vi duas vezes o filme *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Fiquei sonhando com dias melhores.

No primeiro buquê de rosas que ganho o meu príncipe já sente ciúmes antecipados por um ser imaginário que poderia existir se eu estivesse sozinha por mais um minuto... eu lhe pergunto se não é cedo para sentir ciúmes. Ele diz: "Não. Antes de você nascer eu já sonhava com você..." A dança está em meu sangue. Danço para Shiva e os abutres assistem incrédulos, procurando no meu gene a prova de que sou uma espiã. As luzes de Paris apagam para me proteger dos inimigos. Meu grande amor é russo e eu esqueci meu passaporte polonês em sua cama. Pago um preço alto por uma noite de amor.

Convenço o general que sou de Java. Ele me acusa de ter mandado afundar um navio alemão, não posso provar minha inocência.

Eu pergunto para Ernest Hemingway *Por Quem os Sinos Dobram?* Ele responde que pode ser por mim.

Vou sonhar que é verdade, eu quero ser feliz por mais de dez mil anos!

Hoje, quando arrumo minhas malas para ir à Nova York, atualizar-me, penso que fiz o caminho certo.

Nada fácil, mas certo, só não gosto de falar inglês.

Mandaram-me para Nova York e Califórnia – EUA, em agosto de 2000. Fui conhecer um centro de medicina integrativa do Memorial Sloan-Ketering Câncer Center, de Nova York. Este núcleo do Memorial foi inaugurado em novembro de 1999, para dar suporte ao paciente com câncer por meio de tratamentos complementares em acupuntura, meditação, artes marciais, ioga, fitoterapia, psicoterapia e massagens.

Fui conhecer também Gilda's Club, um suporte emocional e espiritual para o paciente com câncer e seus familiares.

Gostei do modelo e vi o meu sonho realizado. Era assim que eu idealizava a Casa do Napacan. Tirando o luxo característico do americano, o conceito é perfeito, acrescentando a assistência jurídica que temos no nosso serviço.

Aproveitei para passear um pouco pela Broadway e suas paralelas. Senti que Nova York era um lugar bom para viver, estudar e trabalhar. Fiquei alguns dias comendo panquecas, torradas com geléia e café descafeinado.

Fui correndo para San Francisco, para respirar luz em Muir Woods, parque de sequóias gigantes a quarenta minutos da cidade.

O céu deste lugar é violeta e as árvores gigantes falaram comigo por umas duas horas em que fiquei sentada em um banco de madeira meditando. Senti que todos os anjos da minha egrégora¹ estavam lá me assistindo, acordando minha memória cósmica.

Eu tinha a nítida impressão de que fui guiada e protegida por anjos durante estes dias em que fiquei em Nova York e San Francisco. Apesar de estar só, não me senti só um único segundo. No único dia em que senti um frio no estômago quando me vi a sós no hotel em Nova York, sem falar quase nada de inglês, um amigo me ligou do Brasil para me dizer que havia recebido um chamado dos anjos para falar comigo e dizer:

“Fique tranqüila que eles estão ao seu lado, cuidando de tudo...”

[1 Egrégora é a aura do meu planeta de origem, de meu grupo espiritual desde minha primeira encarnação [na Terra]

.....

MORRI PARA AS FUTILIDADES DA VIDA

Depois de um ano, minha mama irradiada ainda tem a mancha escura e ainda não posso tomar sol.

Mas tenho que tomar sol para refazer massa óssea. Refiz a plástica da mama duas vezes para torná-la outra vez natural, e o resultado está sendo muito bom. (Em 2004 farei outra plástica que me dará mamas muito próximas do natural.) Ainda não ficou normal, pois uma fibrose repuxa a mama para cima e só muita fisioterapia relaxará uns 90%. Nada substitui uma mama natural!

A revista feminina (paralela.com), da Editora Abril, me convidou, juntamente com outras sete mulheres que tiveram câncer de mama, para posar seminua.

Dei uma entrevista falando de minha vida pessoal, que só não ficou perfeita porque a jornalista adulterou parte do meu depoimento. Mas valeu muito a pena porque minha intenção foi a de passar para a mulher que teve um câncer de mama, que pode ter uma vida com beleza e sensualidade depois de tudo, e esta idéia ficou clara. Principalmente se ela fizer um diagnóstico precoce e receber um tratamento adequado em tempo.

As fotos ficaram verdadeiras pinturas em preto e branco, e quem as viu não acredita que tive um câncer de mama.

Morri para as futilidades da vida é o título do meu depoimento. Pena que não foi desenvolvido com a profundidade que o seu significado sugere. Contudo, a matéria ficou boa, e a minha coragem de posar seminua me **excitou a idéia de posar nua para a Play Boy, afinal, não tem muita graça viver para fazer filantropia e ser chamada de lobista por desonestos mafiosos. Este Brasil não é sério**, e viver seriamente dá trabalho e desanima. Tentar mudar qualquer sistema é como dar murros em ponta de faca, na saúde pública é mais grave ainda. Cansa muito querer consertar os erros do governo, por isso sinto-me cansada e fantasio que pego minha mala e vou para a China meditar por um ano num Templo Zen Budista!

Enquanto tudo isso acontecia simultaneamente, estive trabalhando noite e dia na implantação do Napacan e na criação de projetos educacionais para o paciente.

A Sandra Galeotti, co-fundadora desta obra, não quer que ninguém diga que sua participação teve importância fundamental na largada do Projeto quando eu não dominava quase nada da linguagem de programas de prevenção e campanhas educacionais, mas é necessário dizer. Sinto que tudo que consegui criar enquanto fazia meu tratamento foi de valor fundamental para minha recuperação total.

Atendendo aos meus pacientes, também com câncer, estive me atendendo e aprendendo a ser amorosa e compreensiva comigo e com eles.

Foi um tempo de mudanças profundas em minha vida, que se fosse vivido em 10 anos sem esta luta, não teria sido tão forte e profundo quanto foi neste ritmo, porque eu tinha um prazo para finalizar minha tarefa nesta vida.

O fim do ano de 1999 chegou e gasto um tempo dos meus dias refletindo e compondo minhas cantilenas e poemas para purificar minha alma.

Sento-me em frente ao meu computador querendo iniciar um diálogo com seu teclado e vêm à minha mente imagens surreais.

Meu velho computador, **meu velho pijama de listras azuis e beges...** Acho que **todas as coisas velhas estão caindo de mim como folhas secas das árvores no outono.**

Ainda não incorporei a idéia de que o inverno já chegou, (este inverno dentro de mim é o da Europa) faz tempo e apesar de o meu relógio interno informar que é hora de recolhimento, sinto-me sempre no outono.

Sou uma mulher-outono.

Sou uma mulher que modela o corpo com emoções.

Recebo fl ores sem cartão do remetente, finjo que não sei quem foi.

Sinto a dor de viver e prazer na morte.

Morro todos os dias em algum lugar de mim.

Doeu me ver partindo mesmo me sabendo eterna.

Acordo chorando em meu funeral.

Esta festa é minha, mesmo que eu ainda não saiba dançar.

Tudo o que eu queria era mais uma calça velha e desbotada.

Meus cabelos foram platinados quando pilotava uma
CB 450 no Guarujá.

Foi um tempo de alegria de uma infância que não quis perder.

Tudo o que vivi foi para me preparar para o que tenho que ser hoje.

Nada foi de graça em minha vida.

Paguei cada tijolo que usei para erguer meus castelos.

Sou uma mulher de Atenas.

Sonho com a volta do homem dos meus sonhos todas as noites.

Sonho com minha filha Vanessa escrevendo seu ano novo em Londres.

As palavras chegam por *e-mail*:

Ano-Novo em Londres

Conheci o novo-ano pelas ruas sólidas,

Guiadas pelo rio...

O futuro é agora,

Desde menina pensei.

Em todas as salas de forró eu entrei,

Dancei até meu suor escorrer pelas veias.

Foi assim que imaginei.

Na sombra do meu coqueiro,

Minha vaidade descansei.

Não me lembro o quanto chorei,

Mas agora parei, eu cheguei!

É 2000, é futuro.

Quanta vida para trás eu deixei!

Por quantas ladeiras rolei!

Agora ressuscitei!

Estou aqui, sutil e valente como o mar.

Posso andar pelas ruas e me orgulhar.

Eu acabei para começar...

Por todos os lugares sem luz, solidão

Eu passei com meu lampião.

Sem verdade, sem maldade,

Só eu e minha coesão, foi fatal.

As saias da minha juventude eu esqueci no varal.

Mas o ano novo chegou, e com ele levou

Tudo o que não bastou!

Andei descalça,

Senti meus pés no chão,

Vivi o minuto que restou...

Tive um colo para ninar.
Todas as minhas crianças
Que insistiam em chorar...
Nunca parei de acreditar
Na coragem que tem um olhar.
Vi tantos olhares pelo mar...
E é lá que eu volto para buscar,
Depois que o futuro passar.
Não vou mais violentar
A minha vontade de lembrar.
Quantas vidas eu tive por lá!
O presente acabou de acabar
E eu não terminei de contar...
Ah que saudade...
Ah que vontade...
Quanto tempo esperei
Esse tal de futuro chegar!
Agora eu tenho a mim, a Deus e todos os destroços que guardei, e é por eles que eu vou rezar,
Amém.

Deus te guarde Vanessa!

Minha rotina de vida um ano depois do câncer é preenchida com trabalho no consultório, no Napacan e escrevendo meu segundo livro. Organizei meu horário de forma que eu pudesse cumprir todos os compromissos profissionais até as 23:00h e desse uma pausa em uma sexta-feira a cada 30 dias. Com isso poderia me desligar e fazer exames de controle a cada três meses, visitas aos meus médicos, massagem, psicoterapias, acupuntura, visitas às lojas, cabeleireiros e supermercados. Vou ter com meu cirurgião plástico a cada 45 dias e procuro um novo endereço para morar.

Durante um terço da semana navego na Internet até de madrugada, pesquisando assuntos referentes ao câncer, novos tratamentos, grupos de apoio e *ongs*. Leio e respondo cerca de 30 *e-mails* a cada madrugada destas e falo, sempre que posso, com pessoas que me procuram para ouvir minha história e saber como eu fiz para vencer esta batalha com êxito.

Contudo, não durmo menos que oito horas por noite e não importa a hora que vou dormir. Se for o caso, durmo até o meio-dia sem constrangimentos.

.....
.....

NÃO ESTOU PARA NINGUÉM ABAIXO DE DEUS

"Na história do "Mary Culhane", o demônio que se apoderou de Mary não pode entrar em nenhuma casa onde haja lágrimas derramadas com sinceridade, pois essas ele considera água benta.

Desde o início da história, as lágrimas cumpriram três funções: chamaram os espíritos para o lado de quem chora, afastaram os que queriam abafar e amarrar a alma pura e curaram os males decorrentes de pactos infelizes. Há épocas na vida de uma mulher em que ela chora e não consegue parar de chorar e, mesmo que tenha o auxílio e o apoio dos seres amados, ainda assim ela chora. Algo nesse pranto mantém o predador afastado, mantém longe a vantagem ou o desejo mórbido que irá destruí-la. As lágrimas fazem parte do conserto de rasgos na psique pelos quais a energia vinha vazando sem parar. A questão é séria, mas o pior não ocorre — nossa luz não é roubada — porque as lágrimas nos tornam conscientes. Não há a menor chance de se voltar a adormecer quando se está chorando. O sono que chega nessas circunstâncias é apenas repouso para o corpo físico. Às vezes a mulher quer parar de chorar, no entanto é sua alma que está gerando as lágrimas, e elas são a sua proteção."
(ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. – Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1994)

Dia 24 de dezembro de 2000, pego um voo para Paris na classe executiva quase vazia. Choro até molhar os pés e não sei o por que. Choro. Sento-me no assento que reservei me vendo sozinha e me perguntando por que estou sempre só quando faço viagens marcantes. Estou indo passar uns 15 dias em companhia de amigas e rever o meu passado quando vivi lá entre 1876 e 1917. É a primeira vez que vou à cidade das luzes depois de 83 anos. Chego na manhã seguinte com frio de menos um grau. Chovia uma chuva fina e gelada. Andei por alguns minutos pelo aeroporto, querendo sentir meus pés no chão. A Greice estava lá para me receber.

Pegamos um ônibus até o metrô e depois muitos passos a pé até chegar na casa da Greice.

Não havia nem sinal do Sol e o dia parecia noite, o tempo estava deprimente. Fizemos um café forte, abrimos uma caixa de suco de frutas e conversamos sobre minha vida enquanto fumávamos. Fazia tempo que eu não fumava. Quando percebi, já passava das 18:00h e havíamos bebido uma cafeteira de café e fumado quase dez cigarros. Senti como se estivesse cometendo um pecado mortal, mas não podia parar de fumar, como se sempre tivesse fumado assim. Não, eu era outra mulher naquele dia naquele lugar.

Paris é o lugar onde eu viveria por mais 100 anos se fosse possível. Tudo lá me é muito familiar e agradável, mesmo o frio e a ausência de sol no inverno.

Passei alguns dias caminhando pela Champs-Élysées e seus cafés abafados pelo aquecimento e fumaça de cigarros; praça Charles de Gaulle, Ilha de St. Louis, Montparnasse... mas foi em St. Germain-des-Près que me encontrei em casa. Na Igreja de St. Germain onde repousa o filósofo Descartes, eu estive muitas tardes em silêncio meditativo, procurando dentro de mim as imagens do meu filme que ainda não tinha assistido.

Muitas lágrimas rolaram dos meus olhos o bastante para esvaziar uma caixa de lenços de papel, mas não as sentia como sendo minhas. Alguém dentro de mim chorava de alegria e saudades. Depois eu saía de lá muito leve e bebia um café num dos cafés mais famoso de Paris — Les Deux-Margots e voltava para casa caminhando ou de metrô.

Após dez dias de magia e beleza, eu estava completamente sem voz por conta de uma rinite alérgica.

Nada devolvia minha voz, e, intrigadas, as pessoas perguntavam o que havia acontecido de tão forte que me tirara a voz.

Sentimentos, velhos sentimentos que me acordavam para uma nova etapa da minha vida.

Retornei rapidamente ao Brasil no dia 10 de janeiro de 2001 e voltei novamente à Paris duas semanas depois. Não sabia porque estava fazendo aquilo, mas um amigo, que me ligou algumas vezes para saber por onde eu andava entre o fim do século e início do novo milênio, assustou-se quando eu disse que estava voltando à Paris para morrer! É, devo ter morrido em algum lugar de mim e minha voz não voltou até hoje ao mesmo timbre.

Bem, na noite em que voava retornando à Paris, eu não sabia, mas meu irmão estava morrendo em Porto Velho, a 6.000 quilômetros, sem se despedir de mim. Ele se foi para sempre, e só fiquei sabendo disso no segundo dia em que já estava em Paris, fazendo uma consulta com um médico francês com quem havia agendado para iniciar um tratamento de prevenção de recidiva do câncer.

O Duraffourd é um médico fitoterápico e um anjo de asas douradas. Quando ele perguntou meu nome e eu disse: — “Graça... apenas Graça...”, ele disse: — “Você é protegida por Deus.” Devo ser mesmo, pensei. Ele deve ser anjo, mesmo porque foi no colo dele que desabei de dor e tristeza ao receber o telefonema do Brasil, informando-me que meu irmão havia morrido. Eu não pude lhe dizer adeus.

Passei os dias em igrejas, orando para me sentir perto de Deus. Estive todos estes dias vivendo só para mim e não estava para ninguém abaixo de Deus. A cada passo que dava pelas ruas da cidade, eu pensava em minha trajetória desde o dia do meu nascimento.

Acho que nunca estive tão perto de mim desde o dia em que saí de Teotônio (meu santuário) aos 14 anos de idade.

Hoje, como nunca, eu tenho certeza de que por nada eu renuncio à minha eternidade outra vez!

Todos os domingos minha mãe me vestia com um vestido novo para eu ir à missa com ela.

Eu rezava tudo que o padre mandava, mas não entendia porque ele ficava de costas para nós. Ou eu dormia, ou tinha coceiras pelo corpo todo e rezava para a missa acabar logo e eu poder voltar para casa.

Ao término da missa, mamãe falava com as amigas e eu me arrastava atrás dela, suplicando para ir para casa. As amigas diziam sempre a mesma coisa: — “A Graça está ficando linda... e como ela cresceu nestes últimos meses. Está estudando? Vai bem nas provas de matemática e religião? Onde estão suas amigas?” Era uma ladainha sem fim. Ou eu ficava muda ou respondia que estava crescendo rápido para fazer o que eu quisesse, sem ter que obedecer a ninguém. Enfim, era estranho eu ter 11 anos e parecer uma criança de oito anos. Depois, eu fiquei sabendo que minha idade sempre esteve errada (tenho duas idades biológicas, uma de batismo, outra de registro. Um dia conserto tudo). Antes de dormir, minha mãe ainda me mandava ajoelhar e rezar um Pai Nosso e uma Salve Rainha.

Eu orei muito desde que nasci e nem por isso criei resistências ao Divino até hoje. Tenho certeza de que assimilei o valor da oração e desenvolvi a consciência da moral e da ética graças a uma vida rigorosamente espiritual.

Só exagerei na prática da autonomia pessoal e perdi a noção da importância da entrega e da vida em grupo. Tenho dificuldades para conviver em grupos e quase sempre faço tudo sozinha e me recolho aos meus retiros espirituais frequentemente. Nisso eu sou mestra e convivo muito bem comigo mesma e sou minha melhor amiga. Defeito ou virtude, eu venci as vicissitudes da minha vida contando comigo mesma e Deus. Tive poucos amigos em 42 anos, embora pareça o contrário. Estive transitando

entre muitas pessoas por motivos profissionais ou de estudos, mas amigos mesmo, conto nos dedos de uma mão.

Com certeza, foi por isso que retornei à União do Vegetal aos 40 anos, 26 anos depois. Eu tinha 14 anos quando bebi o chá (*ayahuasca*) na casa do Mestre Gabriel, em Porto Velho (www.udv.org.br). Poucos conviveram com este homem sábio e simples, semi-analfabeto, seringueiro e pobre, que deixou palavras iluminadas no estatuto desta União.

Fiquei pouco tempo nesta volta, mas o suficiente para despertar um grau de conhecimento que em outra escola levaria uns vinte anos para desenvolver. Na União fiz muitos amigos e reconheci muitos irmãos.

Nunca me senti tão amada e valorizada. Construí laços de carinho e ternura indestrutíveis e convivi com homens graduados em Ciências Sagradas com forte lastro de moral e ética jamais visto em culturas ocidentais.

Estive em casa por dois anos e parti novamente para ganhar o mundo sentindo-me forte e madura.

Este capítulo eu já encerrei, eu sei, mas foi importante para minha visão dimensional do Universo. Sinto que minha estada na União nesta fase da minha vida foi para vestir uma roupa nova, *blindada à prova de bala de canhão* para enfrentar a guerra do mal.

Não sei se voltarei um dia, mas minha presença está marcada na mente dos homens nobres que reconheci na Luz, assim como a presença deles está impressa em minha alma!

No dia 30 de maio de 1999, escrevo uma homenagem ao meu mais querido amigo da União, que conheci na adolescência na casa de Mestre Gabriel.

Foi uma inspiração amorosa que nasceu em minha alma depois de experimentar a verdadeira alegria de conviver em grupo com seres tão raros em pureza e majestade.

É claro que este poema retrata o despertar da minha potencialidade para demonstrar meus sentimentos sem medo e sem falsos pudores. Eu me senti tão bem fazendo isto, que publiquei na Internet, na rede dos manos, um *mailinglist* dos sócios da União onde todos compartilham dos *e-mails* enviados para a rede simultaneamente.

Digamos que todos ficaram encantados e em dúvida se isto era um romance declarado ou um raro amor entre irmãos. Para mim valeu a pena, e não é um romance. É a pura alegria de sentir.

Eu não vou ao aniversário do Mestre Nonato,
eu não vou para a festa,
não vou beber o chá, não vou comer o bolo.
Quero muito ir, mas não posso mesmo.
Eu fiz um lindo vestido,
comprei um sapato novo,
deixei meus cabelos crescerem,
amarrei *um laço de seda lilás*, mas não vou para a festa...
Mas outras pessoas vão,
e mando por meio delas meus abraços e beijos,
mando por meio delas meu sorriso,
minhas palavras amigas de carinho e ternura,
mando todas as flóres do planeta, mando os frutos mais doces
e um *arco-íris para iluminar* o seu caminho.
Mando um pedaço da vida que existe em meu coração
E fico aqui imaginando como seria se eu fosse...
Ah, o Roberto tá lá...

Aurenita, Ricardo, Alexandre, Marcelo, M. Anchieta,
M. Joel, M. Noé e tantos outros...
Só eu que não fui.
Mas meu coração tá lá desde cedo... lembrando, fico rindo das palavras
com tom de absolutismo, sábias e demolidoras *de muros velhos*
que Nonato tão bem sabe articular...
"Meu velho amigo, tô de volta,
cheia de saudades, senti tanto tua falta...
vejo em seus olhos que você cresceu..."
Tocou-me o coração com esta música *no preparo*,
Virou-me do avesso com suas palavras,
seus olhares, seu sorriso, sua firmeza.
Ensinou-me em minutos como *não remar contra a maré*,
jogou-me em alto-mar e soprava um vento forte
só para ver se eu tinha *aprendido a nadar*.
Falou-me verdades que me deixaram *violeta*,
pulei num pé só e me calei para examinar.
Examino hoje e ainda não sei.
O Senhor é quem sabe!

M. Nonato, meu amigo, meu irmão.
Contigo aprendo tudo que posso,
monto vários *labirintos* e uma só palavra sua aponta-me para a saída
e aprendo que *posso mais* do que *sabia poder!*
Um menino, um velho, um homem, uma árvore centenária,
um sábio, Nonato é!
Fico lembrando de quando eu era menina...
Nonato, um jovem jogador de futebol, o campo do Ipiranga, meu irmão,
A Rua José de Alencar, Porto Velho, onde eu nasci...
Eu não lembro bem, mas meu irmão Nonato lembra e me conta:
Era um campo azul, com gramado esburacado,
toda tarde chovia e fazia calor,
todos bebiam tacacá boca da noite,
todos procuravam suas namoradas para desfilar na praça.
As conversas varavam a noite...
Eu não me lembro bem, mas meu irmão Nonato me lembra,
me lembra que os meninos da cidade vestiam as camisas mais bonitas
para conquistar suas namoradas,
e a camisa mais colorida sempre foi a do cearense Nonato.
Sempre foi elegante e galanteador, gentil, teimoso, pensador...
cheio de vontade de *agitar o mar*,
olhando o tabuleiro de tapioca com *olhar pidão*.
Acordando cedo para ver o Sol nascente com seu pai, Vicente, que madrugava
para ensinar o valor da natureza para a vida...
Meu irmão me lembra...
Tinha uma lambreta velha que levava meu namorado toda tarde em casa,
nunca entrava nem olhava pra mim, tinha pressa e afazeres...
Meu irmão me lembra... eu esqueci...
mas lembra até hoje *do tamanho da minha minissaia*,
do salto do meu sapato, da cor do meu batom,
do meu andar elegante.
Meu amigo Nonato,
um príncipe vestido de *caboclo cearense*,

contador de histórias, senhor dos mistérios,
tão simples que fica *complexo*
para as cabeças cheias de *verdades enferrujadas*.
Apertou-me contra as *paredes de meu próprio peito*,
falando da minha vida como se lesse minha alma.
Fez-me *beber água no deserto*, abriu meus olhos,
reavivou meu compromisso com a União
Ensinou-me a viver...
Há quem diga que isto é paixão, não é não... *é mais, muito mais*.
É amor pelo Mestre, amigo e irmão!
Amor de verdade por um irmão que tem o mesmo sobrenome que o meu
e o nome do meu irmão de sangue, é mesmo irmão!
Meu irmão querido, que faz eu lembrar o meu passado tão rico e vivo que me
devolve a verdadeira vida, que mereço viver!
Viva Nonato, o menino, amigo, homem, mestre, pai dos seus filhos, amado por tantos
nesta União!
Viva e prossiga acordando as pessoas que precisam *saber* que estão *vivas*.
Viva e conte muitas histórias para clarear nosso inconsciente cheio de sombras...
Debaixo desse cajueiro hoje *cante bem alto para eu ouvir daqui!*
Cante para eu viver... eu ainda vou chegar aí,
Espere-me com festa e muito chá!

Vamos celebrar a vida que se renova neste dia abençoado por Deus,
o dia do seu nascimento.
Salomão, Deus te abençoa e reafirma a Presença da Luz em sua vida!
Sentimentos fortes foram despertados dentro de
mim na convivência com pessoas tão intensas e transparentes.
Eu sinto imenso prazer em reafirmar que este
reencontro com a União me fez ser mais verdadeira e forte.
Ter a liberdade de sentir e expressar é tudo, e por isso já me valeu esta volta.
Preciso ler o livro do rei Salomão para continuar sabendo
sobre os mistérios que me movem aos cantos do
mundo para encontrar pessoas e situações exóticas.
Preciso ler a biografia da rainha de Sabah para me ver melhor!
Antes de morrer tudo é válido.
Até morrer é válido, porque para mim a morte é a verdadeira vida, aqui, são lutas e
ilusões.

REVENDO-ME EM UM NOVO ESPELHO

Estou passando por uma centrifuga continuamente e não sei se fico líquida ou se solidifico novas idéias a meu respeito. Minhas roupas velhas já não me servem mais, e o mesmo café que sempre gostei, hoje tem gosto de suco de palha verde e não desejo nada ardentemente.

Só quero poder me sentar à beira de um rio ao Sol poente e ficar olhando as águas e os raios de sol. Só quero caminhar por uma estrada de terra debaixo de uma chuva gelada de verão, sentindo o cheiro da terra se renovando... caminhar até sentir meu corpo livre de ataduras sociais e psicológicas que já se tornaram pesadas para minha alma.

Só quero usar um vestido branco de algodão e um tênis macio que não me aperte os pés e que não pesem mais que novecentos gramas. Quero dormir e acordar sem despertador e sair da cama levemente para comer com prazer uma bandeja de frutas amarelas e vermelhas.

Olho para meus armários de roupas e não vejo nada que se pareça comigo agora. Minhas roupas ficaram apertadas ou folgadas demais.

Estou pensando em minha vida depois de assistir a um filme com a Barbra Streisand e sei que fico contaminada muitos dias depois de sofrer impressões visuais e verbais fortes. Mas tenho certeza de que já não sei mais viver como sempre vivi.

Ontem estive conversando com o Bispo, e ele me disse que tenho um pé em algum lugar, e por isso não me jogo no rio... Tenho sim. É minha auto-preservação que me detém diante das paixões humanas.

Tenho trabalhado exaustivamente na construção do conceito Napacan, uma obra de Deus. Às vezes me sinto só e tenho medo da grandiosidade da responsabilidade que é comandar este barco.

Em um sábado, solitária como sempre, eu penso olhando para o céu. Começa a chover, e quando olho para o infinito, vejo um arco-íris duplo de tanta luz colorida que ilumina o céu. Nesta hora eu tenho certeza de que Deus está falando comigo. Eu digo que estou cansada e quero uma trégua. Peço para Ele segurar firme em minhas mãos porque o vento está forte e o barco balança em alto-mar.

Tiro um dia de domingo para ler velhas cartas e poemas. São sonhos e verdades que nasceram em corações amorosos, que me faz bem relê-los sempre. Assim vou retomando o meu centro e organizando minhas emoções.

Recobro minhas forças para fazer minhas tarefas racionais.

São textos de *e-mails* que vieram parar misteriosamente em meu endereço eletrônico há três anos.

São palavras poéticas de uma beleza rara. E é um espelho através do qual me vejo melhor, me diz muito.

“Quinta-feira, 24 de Dezembro de 1997 00:45h...

Algumas vezes eu penso em começar qualquer história com *“Era uma vez...”*, não importando o que venha depois, se delírio, sonho ou fato contado, mas sim o simples prazer da fábula.

Assim te conto...

Era uma vez uma alma insone, uma decisão louca, uma cartola preta e dentro dela uma outra cartola se descobrindo. Era uma vez um novo dia de um ano-novo, sem ser Cinderela ou sapo, perto das cinco da manhã, peguei a estrada sem olhar para trás.

Foi mais simples do que pensei. Deixei Branca de Neve dormindo, e ao lado dela uma carta para que não se preocupasse comigo, como se realmente adiantasse. Vestindo o meu velho *jeans*, camiseta branca, bota nos pés, disse adeus a Óbidos. Adeus à Igreja Matriz e ao poeta Saladino. Tive até vontade de brincar um pouco. "Óbidos, Óbidos, eis que uma filha tua parte". "Óbidos, Óbidos, Óbidos". "Não, definitivamente, não soou bem".
A.B."

UM ANJO ME AJUDOU A CRUZAR O RIO

É assim que se muda uma cultura fraca e oprimida, enfrentando a opressão com a consciência do direito que se tem e gritando este direito com voz de Deus. Não dá para mudar um sistema sem luta e dor. Mesmo que no fim de tudo eu veja que nada muda e que ninguém é sério quando está no poder. O poder por si só já é um sintoma. Eu fiz minha parte como meu Mestre mandou.

ESTADÃO

Quinta-feira, 9 de Agosto de 2001 23:18:18

ONG move ação para liberação de droga para leucemia no país Reuters.

SÃO PAULO – A organização não-governamental

Núcleo de Apoio ao Paciente com Câncer (Napacan) vai entrar na segunda-feira com uma ação civil pública contra o Ministério da Saúde e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para obter a liberação do Glivec, medicamento usado no tratamento da leucemia mielóide crônica. Devido a uma disputa de preços entre o governo brasileiro e o laboratório Novartis, a droga ainda não teve sua entrada aprovada no país.

“A ação pedirá uma liminar junto à Justiça Federal autorizando a comercialização imediata do medicamento e a indenização dos pacientes com a criação de um fundo”, disse o advogado do Napacan, Ricardo Tosto, à Reuters.

“O impasse está na negociação do desconto para o SUS”, disse.

A última oferta do laboratório foi de 1.700 dólares para o tratamento mensal, mas o ministério ainda não se manifestou, de acordo com Branderley. “Esse seria um preço razoável para nós”, disse.

.....

Dois meses de negativas do ministro da Saúde para receber o Napacan e o apelo de 5 mil cartas de pacientes com leucemia fizeram com que a presidente do grupo, Graça Marques, tomasse a decisão de mover a ação civil pública.

“Eu me senti no dever de fazer algo pelos pacientes”, disse Graça Marques. “Queremos atender os pacientes que precisam da droga que lhes dá sobrevida, algo de valor inestimável”, acrescentou ela. Marques espera que no máximo dentro de 15 dias, o juiz responsável pelo caso dê uma liminar autorizando a comercialização do Glivec. A droga, de uso oral, tem como alvo a principal causa da leucemia mielóide crônica — uma proteína presente praticamente em todos os pacientes com a doença — e bloqueia os mecanismos que sinalizam a ordem de crescimento das células tumorais. Por isso, uma das principais vantagens da droga é que, ao contrário dos tratamentos tradicionais, ela atua especificamente sobre a célula cancerosa.

Entre estas e outras notas, conseguimos a liminar do Juiz Dr. Paulo Alberto Sarno, da 18ª Vara Federal, no dia 6 de setembro de 2001. Esta liminar eu faço questão de publicar aqui e as outras notas você poderá ler no www.napacan.org.br/noticias, vale a pena. Esta foi a nossa espada da vitória que nos deu a legitimidade e o reconhecimento legal de nossa luta.

Melhor resposta de Deus para o Napacan não poderia haver.

Minha luta não é minha, é de Deus, e só Ele é capaz de nos guardar de injustiças e impunidades.

Eu ousei caminhar sobre as águas, apesar da advertência do meu amigo Chaer (meu Mestre nas palavras) para não fazê-lo!

O **Ricardo Tosto foi meu samurai**, o Guilherme, a **Sandra** e o Alcides, guerreiros enviados por Deus para me ajudar nesta batalha. Os anjos do mal me cercam até hoje, mas esta luta serviu para mensurar meus deveres e meus méritos.

18ª Vara Federal

Ação Civil Pública nº 2001.61.00.021369-4

Autor: NAPACAN – NÚCLEO DE APOIO AO PACIENTE

COM CÂNCER Réus: UNIÃO FEDERAL, AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA

SANITÁRIA, JOSÉ SERRA E LUIZ MILTON VELOSO COSTA Vistos em decisão interlocutória.

Trata-se de Ação Civil Pública, com pedido de antecipação de tutela, proposta por Napacan – Núcleo de Apoio ao Paciente com Câncer em face da União Federal, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, José Serra e Luiz Milton Veloso Costa, visando a pronta aprovação, liberação para comercialização e distribuição através do SUS do medicamento denominado “Gleevec”. Afirma a autora que é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem por finalidade “ser o porta voz do paciente oncológico do país, com vistas a um atendimento médico adequado, à orientação educação e defesa de seus direitos (art. 2º dos Estatutos Sociais)”(fl s. 03). Aduz que tomou conhecimento, através da imprensa, da existência de uma nova droga denominada comercialmente “Gleevec”, desenvolvida pelo Laboratório Novartis. Sustenta que o “Gleevec” é um novo e promissor medicamento no tratamento da Leucemia Mielóide Crônica, com registro de “pouquíssimos efeitos colaterais” (fls. 04) e que a comercialização foi liberada em outros países do mundo. (vide texto na íntegra no site www.napacan.com.br)

DECIDO.

Analiso a preliminar de incompetência absoluta, articulada pela União às fls. 1022/1023.

O artigo 109, § 2º, da Constituição de Federal, dispõe: “§ 2º As causas intentadas contra a União poderão ser aforadas na seção judiciária em que for domiciliado o autor, naquela em que houver ocorrido o fato ou o ato que deu origem à demanda ou onde esteja situada a coisa, ou ainda, no Distrito Federal.”

No caso dos autos, verifico que a autora é domiciliada em São Paulo, sendo, portanto, este Juiz competente para conhecer e decidir sobre o pedido formulado nesta demanda

Passo ao exame da preliminar relativa à ilegitimidade ativa. O artigo 2º do Estatuto Social da autora prevê : “Artigo 2º - O NAPACAN tem por finalidade ser o porta voz do paciente oncológico do país com vistas a um atendimento médico adequado, à orientação, educação e defesa dos seus direitos, colaborando com as Autoridade constituídas no Brasil e no Exterior, com Entidades e Hospitais Filantrópicos, com a Sociedade Brasileira de Cancerologia – SBC e com outras Instituições Públicas e Privadas, podendo (...)” Como se vê, a autora tem por finalidade a defesa dos direitos dos pacientes oncológicos, inclusive quanto a um atendimento médico adequado.

No caso dos autos, a autora postula a liberação de medicamento novo ainda não registrado. Busca, assim, defender os direitos dos pacientes portadores de câncer. Nesse contexto, há o reconhecimento de uma relação jurídica base, de natureza coletiva. (artigo 7º, inciso IV, da Lei 7.347/85.)

Sobre o tema, José Afonso da Silva, em sua obra “Curso de Direito Constitucional Positivo, páginas 804/805, ensina: “A saúde é concebida como direito de todos e dever do Estado, que a deve garantir mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos”. O direito à saúde rege-se pelos princípios da universalidade e da igualdade de acesso às ações e serviços que a promovem, protegem e recuperam.

(...) O sistema único de saúde, **integrado de uma rede regionalizada e hierarquizada de ações e serviços de saúde**, constitui o meio pelo qual o Poder Público cumpre seu dever na relação jurídica de saúde que tem no pólo ativo qualquer pessoa e a comunidade, já que o direito à promoção e à proteção da saúde é também um direito coletivo.” (Grifei).

A saúde, portanto, é um direito social (art. 6º da Constituição da República), que tem subsunção na quadra de expressão dos interesses coletivos. E, nos termos do artigo 196 da Constituição da República, é direito de todos e dever do Estado.

.....
Por todo o exposto, **DEFIRO PARCIALMENTE O PEDIDO DE TUTELA ANTECIPADA** para:
a) autorizar a participação de novos pacientes, com o oferecimento gratuito da medicação pelas réus, no "Programa de Acesso Expandido" relativo ao prot. 161 tratamento Gleevec, programa este previsto na Resolução – RDC 26, de 17 de dezembro de 1999, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, desde que esgotadas as possibilidades de melhora ou de cura pela utilização de medicamentos convencionais, observadas as restrições a seguir expostas: Determino a citação dos réus, que deverão ser intimados do teor desta decisão. Providencie a autora cópias de todos os documentos para instruir a contrafé, de forma a evitar eventual alegação de nulidade. Expeça-se edital para habilitação de eventuais litisconsortes, nos termos do artigo 5º, § 2º, da Lei nº 7.347, de 24.07.85. Remetam-se os autos ao SEDI para exclusão de José Serra do pólo passivo. Intime-se o Ministério público Federal. Int.
São Paulo, 06 de setembro de 2.001.
PAULO ALBERTO SARNO
Juiz Federal Substituto

Eu estava em Ilhéus – BA, quando a decisão foi tomada oficialmente. Recebi a notícia por telefone e fui chorar no mar, agradecendo ao Senhor, meu Deus, pela vida de tantos pacientes de LMC!

TANTAS HISTÓRIAS PARA CONTAR

"Em todas as histórias, há material que se pode ser compreendido como um espelho a refletir as enfermidades ou a saúde da nossa própria vida interior. Também nas lendas ocorrem temas míticos que podem ser considerados como descrições dos estágios e das instruções necessárias para a manutenção do equilíbrio tanto do mundo objetivo quanto no subjetivo."

(ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. – Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1994)

Estou examinando todas as palavras e ações que construí em poucos anos e vejo que sou um canal que está se purificando para contar sempre mais e mais histórias de anjos que sobrevivem aos demônios.

Gosto de cantar e fazer poemas e ainda tenho que fazer política para justificar minhas ações. Tenho que conviver com covardes e bater de frente com as resistências desumanas que tomam meu tempo vampirescamente.

Entretanto, sei que estou aprendendo, vivendo e sabendo que transformações são feitas com coragem e dor.

Hoje, estou certa de que Deus permitiu que eu vivesse todas as lutas que vivi para me fortalecer na Sua palavra e repousar à sombra do Onipotente, sem dúvidas a respeito da importância do bem e do mal no caminho da vitória.

O conceito Napacan está plantado sobre rochas e receberá as pessoas prontas para continuar defendendo e apoiando os injustiçados e solitários pacientes de câncer, mesmo que seja em outra dimensão.

Muitos fugiram na hora da tormenta, e eu, incrédula, fiquei olhando e decepcionada, mas certa de que só ficaria dentro do barco quem soubesse nadar.

Tenho vivido milagres e revelações santas que me mantêm firme, apesar de todo terror e incertezas.

Eu oro à noite, e pela manhã chega uma solução.

Deus fala comigo, e o Homem tenta me confundir. Eu oro, medito e fico forte. Ligo para minha amiga e digo que serei a última a sair e apagar a luz se for preciso.

Minutos depois, chega um amigo e me dá a mão!

Eu choro e agradeço a Deus por sua infinita bondade sobre minha vida. Ele fala comigo por meio de sinais tão eloqüentes que vejo o milagre brotando aos meus pés!

O jornalista quer minha cabeça, quer que eu conte quem foi que *furou o bolo da festa*. Eu mando um *e-mail* para ele e me esquivo de atender aos seus telefonemas.

"Prezado Amigo, Se o que tenho para lhe falar for uma história interessante, mando-lhe e espero que você fale comigo antes de escrever.

Vai aqui um artigo que eu e o M.C. escrevemos e existe a chance de um elemento deste jogo sórdido contar detalhes da história que ninguém contou até hoje... Eu espero, e se não der vou me calando por aqui e explico o porquê: No Brasil falar sério dá trabalho e é inútil. O poder está recheado de incoerências e inadimplências que ninguém resolve e nunca a justiça será feita.

O fraco e oprimido sempre será um sem-voz e *sem-direitos* respeitados enquanto o Brasil for comandado por corruptos e vendidos.

Eu não falo o que sei a respeito do escândalo do registro do medicamento em pauta, porque serei trucidada por este sistema mafioso podre e hipócrita.

Os profissionais que me cercam e sobem *nos palcos* dos congressos de oncologia e cancerologia para apontar as falhas do Sistema de Saúde estão cansados de saber sobre **o mar de podridão que circunda o universo dos hospitais e pacientes com câncer do Brasil** e nem por isso falam neste momento sobre o caso dos pacientes de LMC porque não é de interesse de nenhum deles a dor do paciente, tudo se resume a posições políticas e nada mais!

Todos os profissionais da oncologia e fora dela que tomaram contato com algum tipo de corrupção vinda de cima ou de baixo, jamais falam porque não interessa comprometer-se com as necessidades de pacientes, neste universo cada um cuida de si e defende seus próprios interesses. E aqueles que não se importam com nada nunca, são a grande maioria!

Afinal, câncer é uma doença que só dá em pobre e paciente!

Quando criamos o Napacan foi para dar voz aos pacientes com câncer, e achei que eu seria forte e séria o bastante para enfrentar um mar de lama e todos os desvios existentes neste sistema. Fui procurar leis e portarias que beneficiassem os pacientes e corri para criar um programa de educação continuada em parceria com dois profissionais da oncologia e uma teóloga, acreditando que estaria fazendo um bem enorme para a sociedade brasileira.

Foi mais um motivo de estresse por parte de alguns profissionais da saúde (oncologia) e hospitais, que não queriam o material distribuído em seus serviços porque não seria apropriado. Os hospitais do Inca foram os primeiros a boicotar a circulação do manual e fazer o possível para queimar a importância dele para o paciente (uma estupidez sem tamanho porque o manual ajuda o hospital a fazer o seu trabalho melhor). Depois, outros da mesma magnitude e importância política fizeram o mesmo.....

.....

Cantilenas

Meu herói passou por cima de todas as malas em
Atlanta, para me abraçar na frente de todos.
De lá para cá nem sei, faço longas caminhadas...
Minhas cartas vão ficando guardadas com sua imagem.
Escrevo mais de mil palavras por semana.
Os textos chegam prontos de uma fonte de Luz.
Tudo fica mais fácil.
Até escrever para o ministro trevoso eu consigo, sem ter urticárias.
Levo uns dias para enxergar que *os caras* são uns ratos.
Que nenhum pensa na dor de ninguém.
O menos bandido põe no bolso um oitavo de milhão.
E aquela fundação se finge *de morta* depois da minha carta.
O *Tcheco* finge que não sabe de nada, mas pagou um preço alto...
Que vergonha, só tem larápio nesta praia!
Eu quero ser madrinha da bateria da escola do meu coração.
Beber caipirinha na favela do Neguinho do Pó.
Ser protegida pelos traficantes de drogas.
Vou levar minha foto para colar na porta do ministério.
Quem sabe assim o urubu some de lá.
Eu ainda guardo a carta que conta tudo sobre o pedágio.
Nove cópias estão espalhadas pelas pastas de advogados.

Um bandido guarda minha porta.
A polícia arquivou aquele inquérito sobre o furto.
Eu vou contar tudo que sei para Deus.
Estes caras vão se dar mal.
O árabe me espionava no hotel dizendo que me admirava.
Fez cara de bonzinho, perguntando o que eu achava dos genéricos.
Só um idiota não sabe responder esta pergunta.
De pende, se for do acordo feito na Basileia, foi bom para o Zé...
O pobre ainda tem que achar que ele é um anjo.
E o Lalé se diz *fazendo caridade* tirando o dinheiro da indústria.
O árabe me seguiu como uma sombra, me chamando de antipática maravilhosa,
achando que era fácil me seduzir para *eu confessar um crime* que não cometi!
O Tcheco liga para *me explicar* que não fez nada.
Pede para eu ficar calada.
Fala sério, homem!
Eu sou do bem e não falo por mim.
Minha voz está gravada em fitas vendidas nas igrejas do mundo.
Sou protegida pelo santo da justiça.
A transparência é minha bandeira!
Vou contar esta história em tiras coloridas do André.
Vou pixar todos os muros de verdades.
Vou assinar todas as cartas do Chaer.
Ainda plantarei lírios nos túmulos dos cafajestes.
O homem que quis me destruir ficou de joelhos pra mim.
Não foi por falta de avisos.
Eu disse que ninguém mandava em mim!
Meu sorriso está filmado nos corredores do Planalto.
E o café eu bebi sem açúcar.
O André pintou minha alma.
Eu pendurei na parede da sala.
Um curso em milagres abriu meus olhos.
O Ricardo é meu samurai.
A lei está do meu lado.
Eu digo o que faço, eu faço o que digo.
A marca de batom eu deixei de propósito.
Sinto muito se não fiquei para a festa.
Não faço alianças com covardes!
Não vou morrer na cruz por hipócritas.
A calunista da revista do tempo é amante de sua fonte.
Ele quer ser o governo deste país.
Eu mereço viver esta encarnação cercada de ladrões traidores.
Todos se vestem de sérios.
Mas são pagos para fazer programas.
São prostitutas de luxo.
Os ratos que mandam na casa decidem mudar as leis.
Eles se beneficiam com suas assinaturas.
O safado governa com medidas provisórias.
Eu quero a ditadura de volta.
Minha amiga diz que vivemos numa.
Eu sonho com Imperialismo trazendo a ordem e a beleza para meu país.
O Tcheco me encontra em Paris para devolver minhas jóias.
Foi aí que eu vi de onde nos conhecíamos.
Ele me deve uma vida.

Foi ele quem assinou o papel que me condenou ao fuzilamento.
Mas ele chorou por quase cem anos.
Procura-me no meio da multidão para perguntar se preciso de algo.
Nada, apenas tudo que me pertence e que ele me tirou.
Mas ele é um esquecido de tudo que sua alma prometeu.
Tenta me salvar das mãos dos lobos.
Bate na mesa, chuta o balde, grita e me manda um *e-mail*.
Eu respondo que subi as montanhas pela sua memória.
Ele mal entende o que digo, nem lembra que me deixou sozinha.
Tenta salvar nossas promessas, mas seus compromissos são maiores.
Chamou-me de *moça enganada* “*você não entendeu, menina, calma...*”
Calma para quem? Todos já viram o filme.
Meu silêncio lhe constrangeu.
Ficou roxo de medo.
Então resolveu falar sério comigo.
Pela primeira vez sorriu para mim.
Sorriu da minha coragem de estar olhando nos seus olhos frios.
Aquele olhar azul não tem mais vida, só enxerga poder.
Eu voltei de Brasília desolada.
E minha amiga só piora as coisas.
Deus fala comigo e os homens me confundem!
O jornalista da revista semanal me seduz por uma capa.
Eu fujo das luzes e *rajadas de balas* do inimigo.
Sinto cheiro de sangue e me protejo nas palavras do Chaer.
Ele vive me dizendo para não dar minhas preces para bandidos.
Falo para Deus derrubar as muralhas do Centro-Oeste.
Eles estão se destruindo como previ.
Eu apostei todas as fichas nesta cena!
Acordo com minha imagem na televisão falando que viver se aprende vivendo.
Só -vendo, só-frendo, só -sendo, só-nhando, só-rrindo.
É difícil de acreditar, mas sobrevivo.
Acreditando nas minhas palavras.
Minha mãe rezou a vida toda pela minha boa sorte.
Eu tenho sorte para viver muitas vidas.
Meu pai, minha mãe, minha avó, Dodó e tio Cruca estão vivos dentro de mim.
Eu tenho que estar viva!
Sou mulher, sou dragão.
Sou seu irmão limpando o sangue das suas mãos.
Quero Gandhi lutando por mim.
Faço guerra, sou política e faço religião!
Não fico mais aqui por misérias e mentiras, basta!
Chega de mentiras!
As aparências desmoronam, mostra tua cara pessoa.
Para de enganar, eu vou contar tudo.
Depois eu saio voando das montanhas e ninguém me alcançará.
Partirei para a eternidade.
Cumprir minha missão!

UMA PALAVRA BASTA PARA MUDAR

.....Como tudo que peço ao Senhor de Todas as Coisas, alcanço exatamente como pedi ou desejei. Amém!

Hoje moro em um lugar com tantas árvores no caminho que faço que quase me sinto morando fora de São Paulo. Na frente de minha sacada tem uma verdadeira floresta verde que me hipnotiza quando a olho todos os dias. Aliás, olhar para fora pela minha sacada é como olhar para um tapete de luzes. O verde é tão intenso que chego a pensar que Deus sabia que sem esta paisagem eu não conseguiria sobreviver às tempestades que me cercaram até hoje.

Eu sonhei muito em viver em um lugar novo e verde, com mais espaço do que o que eu vivi por onze anos no Campo Belo. Deus me deu quase o dobro de espaço e mais que o dobro de natureza.

Volto para casa todas as noites sentindo prazer em percorrer este caminho e nunca me canso, apesar da hora – quase sempre em torno das 23 horas.

Estou feliz. Minhas filhas estão felizes morando na Inglaterra (Billa) e na Austrália (Nessa), apesar da guerra. Eu fico em paz porque somos donos de nossos destinos e temos o direito de viver em qualquer lugar do planeta independentemente de onde mora nossa mãe. Não existe distância com telefones e Internet.

Meus dias são cheios de tantas atividades que raras vezes penso na falta que elas me fazem.

Certamente farei um novo caminho no próximo ano em tudo na minha vida.

Hoje é dia 1º de dezembro de 2001 e o tempo passou com tanta pressa, que quase não senti. Claro que fiz tantas coisas que nem dava tempo de perceber o tempo passar. Na verdade, falta tempo para eu fazer tantas coisas novas que surgem todos os dias na minha vida pessoal e profissional.

Como eu disse no início do livro, o tamanho de nossos projetos é o tamanho da força de viver que temos.

Eu quero agora fazer mais coisas para mim mesma e ficar olhando para o nada por algumas horas.

Quero voltar a fazer teatro e dançar. Estou escrevendo um ensaio para teatro que eu mesma quero encenar com um bom diretor. Quero retomar meu segundo livro, este que ficou na gaveta, pois me chegou como uma mensagem de vida na hora da morte.

Não tenho medo da morte, nem sofro pela vida.

A morte, dependendo da hora, é presente de Deus.

A vida é teste e lapidação.

Brilha como ouro, mas não é.

Muita ilusão.

Muita montanha para subir.

Poucas horas para dormir.

E Ashtar ainda põe aquele tipo no meu caminho!

Eu não falo mais nada.

Minha amiga ficou santa depois que eu saí de São Paulo.

Não precisa ter medo, eu não conto seu segredo.

Quem trai o outro está traindo a si mesmo.
Ela me traiu e nem sentiu.
Seres humanos perdem a sensibilidade
Pelo excesso de egoísmo.
Meus olhos se fecharão.
Olhe para mim!

PENSEI QUE TINHA CHEGADO AO FIM

Por mais que eu tente passar para o futuro sem medir meus passos, meus cabelos me puxam para o passado de uma forma inexorável. Eu quase morri neste fim de 2001, para entender que uma mudança de rumo em minha vida tinha que ser radical e catastrófica. Um vento da intensidade de um tornado me arrebatou por várias noites e madrugadas em meu apartamento, em São Paulo, que me fez correr como louca perdida no deserto do Saara por 75 exaustivos dias, sem paz e tão cansada e agoniada como se corresse de um tigre selvagem sob um sol de 40 graus com 30 quilos em cada mão!

Fiz de tudo para resolver o desastre misterioso.

Pastores evangélicos todos os dias pregavam em minha casa a palavra de Deus. Uma monja zen budista, um diácono da Igreja São João Brito, e nada... Amigos deram todos os tipos de palpite até os mais absurdos e impossíveis. Eu cantei, gritei, orei, meditei e não dormi em paz um só dia em 75 dias com exceção dos dias em que fui dormir num *flat*. Havia noite em que eu não suportava o barulho das janelas batendo sem parar até o dia amanhecer e era obrigada a sair para dormir fora. Senti-me mais só que um filho de ninguém no meio do mundo com uma mala na mão!
Foi o caos!

Até um pastor evangélico em Paris me atendeu entre os dias 30 de dezembro de 2001 e 2 de janeiro de 2002. Fez o impossível para me ajudar, mas os sintomas voltavam horas depois. Tudo em volta de mim estava explodindo e por isso tudo estralava e batia misteriosamente.

Sem direção e completamente agoniada, resolvi pegar um voo para Paris no dia 24 de dezembro de 2001, sozinha para fugir de tudo.

Parece que o frio intenso de 0° que fazia me ajudou a desacelerar meu ritmo e a paz começou a voltar lentamente. Sozinha, procurei pelas ruas um sinal de solução, até que resolvi entrar num cabeleireiro da Rue Tolbiac e mandei raspar minha cabeça. Pronto! Cortei tudo aquilo que me puxava para o passado e para a dor, e senti o corpo mais leve e os olhos mais claros. Entrei na Igreja de Santa Anna, aonde estive no ano anterior e chorei até não ter mais lágrimas, não sei porquê.

Depois disso, li a Saga de Nova Friburgo e todo o sofrimento dos emigrantes suíços e me senti no lugar deles. Passei horas com as gatas da Mona Lisa em meu colo e pensei em toda a minha vida mais uma vez.

Desta vez, novamente em Paris, no Boulevard Lannes, em uma casa quase estranha. Afinal, só fui ter com a Mona Lisa no último dia em Paris. Mas parecia que algo estava se resolvendo dentro de mim. Pensei: "Estou voltando para casa e tudo pode estar bem outra vez como sempre estive até o dia 2 de dezembro de 2001".

Tem que ser assim ou terei perdido o controle da vida... talvez seja para ser assim mesmo... então vou permitir que a vida me empurre em alguma direção..."

Eu vi o ano de 2001 acabar, e eu, junto com ele, soterrada sob os escombros da demolição da minha gestação alienígena de 30 anos. Exata gestação é um processo cósmico pelo qual todos nós passamos, mas poucos se apercebem. Desde que passei em Goiânia, em 1971, um rumo novo minha vida tomou, estou retomando.

Agora, eu quase me desintegrei ou me reintegrei, pois a dor é semelhante e a sensação de perda e desorientação é a mesma. Meus amigos me viam como uma maluca viajando para todos os lados, mas ninguém veio me perguntar se eu precisava de ajuda para suportar a dor de crescer. Ninguém veio me oferecer um copo com água

ou um cafezinho quentinho debaixo de um edredom macio, com exceção da Mazetti e do Diniz, (meus amigos) que me puseram para dormir algumas noites enquanto a dor aliviava, depois disso só vi olhares frios e distantes olhando para mim.

E lá em Paris, numa noite de três graus, perambulando pela Champs-Elisées com os pés congelados, indo parar em Madeleine procurando um sol à noite, encontrei um amigo brasileiro que me ofereceu uma xícara de café para me aquecer e me fazer parar de chorar.

— Por que chora...? ...nada sei fazer melhor que você, só oferecer um café... — falou.

— Eu choro de saudade das minhas partículas cósmicas que estão longe de mim, choro por estar outra vez aqui, revivendo minha vida passada, choro por saber que devo consertar meus erros, deixados pelos caminhos que andei. Choro por estar só novamente em 83 anos no mesmo lugar. Este frio que entra na minha pele é o mesmo frio que senti de 1876 a 1917 (Margaretha Geertruida Zelle), e todas estas lembranças me emocionam e enchem minha mente de questionamentos.

Tudo passa, até meus pés sobre este solo frio. Agradei pelo café e fui ter em Ile de Saint Louis para comer uma pasta com vinho e olhar o rio. Sentei-me sozinha num canto de um café para comer e ler um jornal que uma amiga deixou no apartamento em que estava hospedada. Eu comecei a ler um recorte do jornal *Le Monde*, na verdade um artigo de um escritor apaixonado pelo mito Mata Hari. Era uma nota do dia 16 de outubro de 2001. Dizia que o caso Mata Hari deveria ser revisto diante de tanto mistério em torno de sua condenação e morte por fuzilamento, acusada de praticar espionagem. Ele dizia da força do mito da maior espiã do século que marcou o período de 1894 a 1917. Que grande e belíssima mulher que envolveu a todos e ganhou poder sobre tantos e por tantos deve ter morrido!

Quase da para ouvir minha voz rouca gritando por socorro.

Perdi a voz duas vezes em que estive em Paris, perdi totalmente por cinco dias. Até hoje minha voz não é a mesma e passei uns 8 meses fazendo exercícios para melhorar e exames para investigar, e nada.

Mas o Pai Nosso que eu achei no livro da Sandra Regina (*A Cabala e as Empresas*), eu quero dizer aqui. Ela disse que o marido ganhou como cartão de Natal:

PAI NOSSO NO ORIGINAL DO HEBRAICO

“Pai-mãe, respiração da vida, fonte do som, ação sem palavras, Criador do Cosmos!

Faça Sua Luz brilhar entre nós, fora de nós e que a possamos tornar útil.

Ajude-nos a seguir nossos caminhos, respirando apenas o sentimento que emana de Você. Nosso eu – no mesmo passo – possa estar com o seu, para que nós possamos caminhar como reis e rainhas com todas as criaturas.

Que o Seu e o nosso desejo sejam um só, em toda luz assim como todas as formas, em toda existência individual, assim como em todas as comunidades.

Faça-nos sentir a alma da Terra dentro de nós, pois assim sentiremos a sabedoria que existe em tudo. Não permita que a superficialidade e a aparência das coisas do mundo possam iludir-nos e nos liberte de tudo aquilo que impede nosso crescimento.

Não nos deixe sermos tomados pelo esquecimento de que o Senhor é o Poder e a Força do mundo, a canção que se renova de tempos em tempos e a tudo embeleza.

Possa o Seu amor ser o solo onde cresçam nossas ações. Amém.”

340 DIAS DE SOLIDÃO: DEPOIS DISSO EU VI DEUS

O processamento de seus corpos físicos teve **início em 14 de março de 1994**, envolvendo a liberação de antipartículas chamadas miasmas. Todos vocês têm miasmas no corpo, os quais precisam liberar. Eles são massas etéreas que contêm a memória de padrões de doenças genéticas ou de vidas passadas; **memórias de doenças da vida atual** não removidas devido a vacinas que impediram que vocês as manifestassem e as apagassem; ou memória de doenças que vocês empurraram profundamente para dentro de seus corpos por meio de antibióticos, radiações, outras drogas... que impediram que o corpo se curasse sozinho.”
(CLOW, Bárbara Hand – A Agenda Pleiadiana)

Desde o dia 2 de dezembro de 2001, tenho voado tanto entre São Paulo e Brasília, que só não tenho o cartão vermelho da TAM ainda porque algumas vezes fui de cortesia e outras de RG. Corri tanto de um lado para outro, que meus pés ficaram feridos literalmente.

Eu vi meus dedos quase rachados ao meio de tanto correr (por dentro e por fora). Eu corria para mim e de mim mesma, e não encontrava o meu lugar.

Que saudade! E tinha que trabalhar pela segunda causa de morte no mundo, para ouvir do relator técnico, P.E.R, da Câmara dos Deputados, que era ilícito pedir isenção de IRPF – Imposto de Renda Sobre Pessoa Física sobre drogas oncológicas, o que me faz chorar de revolta! O cara não tem noção do que isto significa e nem que o câncer é a segunda causa de morte no mundo. Não tem noção de que o maior custo em tratamentos e medicamentos é o do paciente com câncer.

Meus pés ficaram feridos por 4 meses e meu coração batia diferente. No íntimo ninguém sabia o que se passava comigo, e depois da CPI que eu enfrentei, ficou mais dolorido ficar neste lugar de porcos despídos de corpo espiritual. Mas, por necessidade fiquei profissional, até que um ET me resgatou em São Paulo em uma das minhas viagens. Ele me deu o mapa do caminho de volta para casa.

Tudo para me desviar da rota, e então me senti sem estímulos para escrever e fui rabiscando em papéis tudo que percebia e entendia, mas o que me fez voltar a escrever meu livro foi o filme que assisti, sobre a cortesã mais conhecida da história, na Idade Média³, em Veneza, Itália — Verônica, a poetisa.

Diante do deserto que foi sua vida, apesar de todos os homens que teve, eu me enxerguei no deserto de Brasília como se fosse um filme só, com a diferença de que eu já não estava sendo condenada e julgada por amor e liberdade de expressão.

Então, eu encontrei o Alex na padaria da QI 11 do Lago Sul, comprando pão em um sábado à tarde por volta das cinco e meia do dia 8 de junho, e nem o conhecia. Ele havia mandado um *e-mail* pedindo para falar comigo às 16:45h e não acreditou quando me viu ali, na sua frente, perguntando se ele era o Alex.

Ele disse: “Sou por quê?” Quase branco de susto, o rapaz me olhou com dois olhos redondos, esbugalhados, gaguejando coisas sem nexos. Eu pedi seu telefone e

passsei o meu. Ele disse que queria falar comigo com urgência, e eu disse que tinha tempo e falaríamos. Falamos tantas vezes depois disso, que entendi logo que se eu não fosse esperta, seria usada para destruir a candidatura de um homem que eu já sabia que não teria chance alguma. Seria perda de tempo e nem que fosse por outra razão, a minha história eu só contaria por uma causa mais que justa, nunca para fazer politicagem sórdida.

Fiquei decepcionada e corri para meu canto para orar e pedir a Deus que me guardasse das tempestades e da fome.

O A.? Nunca mais falou comigo e andou se fingindo de morto e até fugindo de mim com medo de que eu lhe pedisse dinheiro. Nunca faria isso, pois seria mais uma na agenda dele! Depois que lhe mandei este *e-mail*, ele apagou de vez meu nome de sua agenda.

Já não sou uma capa de *Veja* contando para o Brasil quem é o cachorro do Zé! Ele tem suas razões e eu as minhas, agora eu quero ver o Brasil ficar verde. Aqui tem um *e-mail* que trocamos em rápidas palavras:

Prezado Sr. A.,

Demorei exatamente 38 dias corridos para responder ao seu *e-mail* por vários motivos que eu passo a relatar abaixo. Não me alongarei em escritas hoje porque tenho dores fortes nas mãos e um linfedema que limita o uso da minha mão esquerda (seqüela do câncer que tive em 1999).

Este *e-mail* é mais um relato para o Napacan e para o Senhor do que propriamente uma resposta formal.

Antes de mais nada, eu já respondi de várias maneiras ao seu *e-mail* **porque, inexplicavelmente, nos encontramos naquele dia 8 de junho de 2002 na padaria da QI 11 do Lago Sul, às 17:45h quando eu chegava do aeroporto, vinda de São Paulo e o senhor comprava pão.**

Apesar de nunca tê-lo visto antes, pelas fotos de revistas (do ano passado) eu o reconheci e me aproximei dizendo:

— “O senhor é o A.?, Sabe quem sou eu?

— Graça Marques, do Napacan...”.

Claro que o senhor ficou pálido de surpresa, e pasmo perguntou-me:

— “O que a senhora está fazendo aqui?

— Eu enviei um *e-mail* para a senhora hoje às 16:44h, pedindo para conversar... mas a resposta veio muito rápida! Bem...”

Eu não fiquei menos surpresa que o senhor, mas argumentei que coisas do gênero acontecem com frequência comigo. Tirei um cartão da bolsa e lhe entreguei, colocando-me à disposição para conversar sim quando fosse possível. O senhor escreveu seus telefones em um papel da padaria e me entregou, pedindo uma conversa para logo.

No dia seguinte nos encontramos para a primeira conversa (eu, por motivos óbvios, estava um tanto constrangida) no restaurante La Torre (acho).

Para falar a verdade, tive muito medo de ser vista em sua companhia e ser mal interpretada pela *opinião popular*, mas apostei na certeza de saber nunca tê-lo visto antes deste dia 8 de junho de 2002.

Desde lá, conversamos muitas vezes e fui aprendendo a confiar no senhor e estive atenta aos seus gestos para conhecê-lo o melhor possível – ainda não sei se consegui, mas consegui enxergar em suas palavras verdades e pragmatismos.

Compreendi o tamanho da possível injustiça que lhe atinge e me sensibilizei o tempo inteiro, embora o senhor nunca tenha percebido. Não sei até que ponto o senhor é vítima de uma situação criada para encobrir algumas **verdades embaraçosas** que

colocariam os seus perseguidores (*algozes*) em *cheque*, mas percebo que **tentaram jogar no seu quintal** todo **lixo radiativo** do cenário armado por estrategistas bem articulados e protegidos **pelo sistema que orquestrou** o caso de *lobby* no M. da Saúde na ocasião do registro do Glivec.

Mas, sei que uma parte da história ainda não foi contada e nem será, porque não vale a pena hoje e quem sabe da história não falará por razões vitais. Logo, o senhor não é o **lobo mau** que pintaram e tentam pintar ainda hoje.

Bem, continuamos conversando por vários dias e, na medida em que estas conversas aconteciam, eu compartilhava de partes dela com um amigo da minha confiança, que hoje me protege e me orienta em Brasília.

O senhor foi generoso, me orientou. Eu sou eternamente grata por tudo. O que o senhor doou foi de grande ajuda, obrigada.

Lembro-me sempre de suas palavras assustadoras por vezes: "Graça, se você der um espirro em Brasília, será um *espirro nacional*..."

Não sei se já estou isenta do risco de dar um espirro e ser interpretada como *um grito de socorro*, mas já me sinto fortalecida *para caminhar sobre as linhas traçadas pelo imaginário deste povo* que habita *este lugar*.

Este meu amigo tem me dito para que eu fique tranqüila porque *o incêndio estará virando cinzas*.

Na verdade, lhe escrevo mais para documentar nossos contatos e seu papel hoje em nossa entidade.

Tudo o que faço ou penso, tenho que escrever para minha segurança, no entanto, fique certo de que não estou copiando este texto para mais ninguém.

Mesmo que o fizesse, não haveria problema algum.

Bem, senhor A., esta é minha resposta ao seu *e-mail*. Mais que resposta, um resumo de uma história que iniciou dia 8 de junho de 2002 em uma padaria da QI 11 do Lago Sul, em Brasília.

Por hoje é só. Até breve.

Atenciosamente,
Graça Marques

----- Original Message -----

From: NNN

To: napacan@napacan.com.br

Cc: grazia@napacan.com.br

Sent: Saturday, June 08, 2002 4:44 PM

Subject: Solicitação de Contato

Sra. Graça Marques,

Eu, A., sou Diretor Presidente da NNN Consultores & Associados (Brasília-DF) e estou respondendo a um Inquérito Policial, desde outubro/2001, sendo acusado por assessores do ex-Ministro J.S. de possível prática de extorsão para a aprovação do registro e liberação do medicamento Glivec.....

Ele foi tentar reconstruir sua vida agora com um novo homem de fibra no poder que governará este país como poucos.

Minha mãe tinha saudades de Juscelino, e eu beijei o chão que ele pisou e construiu a cidade, **a Billa pintou o retrato dele** no Eixo Monumental debaixo de um sol de 40 graus. Agora só falta irmos visitar *a sua pirâmide no Egito*.

Brasília foi um estágio para esta mudança que comecei a viver no dia 2 de dezembro de 2001. Ali, eu receberia a energia certa para achar meu rumo sem surtar e depender de amigos ou de uma camisa de força.

A CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) foi arquivada e parte da comissão nem foi reeleita. Sabemos que ela foi desculpa para não deixar passar a CPI da corrupção, mas eu fiquei forte depois desta e aprendi muito, inclusive, a não confiar em nenhum político, sem exceção. Ironicamente, a CPI foi uma oportunidade excelente para eu contar oficialmente o que o Napacan faz, por quem, contra quem, com a ajuda de quem, sem dever a ninguém!

Foi bom porque eu contei tudo que podia e sabia, foi uma festa! Eu me senti no palco da minha primeira festa de rainha da primavera com 11 anos...

Todos olhando para mim, esperando minhas palavras sensatas ou meu escorregão. Nada, só fiz gol, fiz 11 a zero sem prorrogação por 3 horas e 45 minutos! A sala lotada, a bancada de senadores, todos armados até os dentes. Eu os desarmeí, contando a verdade simples, verdade do paciente pobre sem assistência... A minha história, a história da minha mãe, de onde eu vim (Rondônia), porque faço o que faço e quem são os homens de bem que me ajudam.

Também sugeri que aquele sistema (A.C.M.S) cria dificuldades para vender facilidades, foi uma saia-justa...

Só ouvi suspiros no fundo da sala por uns 15 segundos, e meu advogado ficou pálido. Eu sorri paras as lentes dos fotógrafos e para as câmeras da TV Senado, adorei!

Claro que eles achavam que eu não sabia do que estava falando ou que estava tirando no meu pé. Ah, que alívio! Desmantelei a máfia que agia dentro do MS fazendo lobby pesado e roubando os cofres públicos. O Lalá foi preso, eu orei agradecendo pela Força de Deus que me conduz!

Apesar de que a causa pela qual eu levava uma bandeira na mão é uma causa pesada e caótica demais.

A FALTA QUE VOCÊ ME FAZ

Finalmente, o uso do coração para fazer brotar uma nova vida e a fusão do corpo e da alma.”
(ESTÉS, Clarissa Pinkola – *Mulheres que correm com os lobos*, Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1994.)

A saudade da minha vida em São Paulo me dói tanto, que olhar através da janela do avião no dia em que me mudei de lá, me fez chorar. Parecia que eu tinha 10 anos, partindo para a Vila Murquinho, ou quando voltei de Paris, por ocasião da primeira viagem para lá.

Partiu meu coração. São Paulo e suas ruas iluminadas, cheias de cafés e livrarias dia e noite, ah, que falta me faz. Para meu ritmo de vida, é lá que eu devia continuar vivendo, mas algo mudou meu rumo.

Qualquer coisa que eu dissesse ou escrevesse, em São Paulo ficaria melhor; aqui nem inspiração eu tenho. Nem viver no Lago Sul e tomar café na QI II, único lugar requintado 24 horas de Brasília, me despertava a chama da poetisa. Fiquei muda quatro meses.

Apesar de saber que vim para o centro do Brasil para me curar, me acalmar, me aquietar... sinto que ainda falta algo. Estou só, apesar de ter agora os pés bem plantados no chão. Eu vim para um auto-exílio.

Mas a falta que tudo me faz me inspira a reescrever um texto de abertura de um vídeo apresentação do meu primeiro programa de TV em São Paulo, que tão bem expressa o que sinto hoje.

Sinto que cada ser humano que busca ajuda em mim, faz sentido para minha própria vida, e que tudo o que tenho para lhe falar é da própria autoria dele, eu só elaboro. E por meio desse encontro nós crescemos juntos.

Sobretudo, eu entendo que a dor que leva o Homem a procurar ajuda é o seu próprio instrumento de crescimento, portanto, deve ser vista como uma potência psíquica que indica seu Tao (caminho), que a partir do momento que ele enxergar assim, liberta-se e cresce. Como é possível enxergar esse fenômeno?

Reconhecendo os espelhos que constituem sua imagem idealizada. Ou seja, é imprescindível que haja disponibilidade afetiva e intelectual para não transformar o outro na extensão de sua vida, ou responsável pela suposta felicidade ou infelicidade que você desenvolveu e depositou nele, sob pena de que se isso acontecer, você perde a sua liberdade psíquica e passa a responsabilizar o mundo pelo seu fracasso (em todas as áreas de sua vida), tornando-se um dependente.

Contudo, hoje já sei que vim parar em Goiânia para me curar de corpo e alma. Há 30 anos fiz este mesmo caminho, o que mudou o meu rumo por 30 anos. Aqui eu respiro fundo, caminho, escrevo, leio e ouço músicas como há 20 anos não fazia. Tenho mais tempo para mim e meus planos. Se tenho saudades de Brasília, pego o carro e vou lá passar uns três dias olhando o Lago Sul, falando com os homens que estão documentando minhas palavras (com a assinatura deles, só Deus sabe) e volto para meu apartamento na Nova Suíça. Olho da sacada para uma única montanha que tem aqui e falo com Deus!

Eu mereço uma pausa para sonhar e fazer mais um poema para encerrar esta fase de auto-exílio com luz no coração. [Outubro de 2003]

Um poema apenas

Montei um puro-sangue árabe para *saltar* sobre meu velho ego
Montei o meu velho cavalo alado para voar sobre as montanhas
Passei por cima do meu passado só para contar minha história...
Meu pai **voltou da eternidade para assinar** minhas pautas
Escrevi uma pauta para falar de banalidades
Publicaram num **outdoor** minhas partes íntimas
Um homem se ajoelha **para rezar dizendo que sou santa**
O povo ri da coragem dele, **eu rio de constrangimento** por viver neste mundo...
O rio da minha cidade transborda enchendo Notre-Dame
Eu corro com um lenço na mão para secar **os tapetes do palácio**
O Rei acorda com fome gritando que quer comer meus olhos
Eu vi coisas demais, eu sei coisas demais, eu pintei a face da miséria no muro do cemitério...
Meu pai brigou comigo outra vez
Mergulhei no lago da Atlântida para limpar minha memória
Meus ancestrais me empurraram de cima da ponte de São Francisco
Uma borboleta dourada me segurou em suas asas...
Passo meu tempo **flutuando entre mil dimensões**
Perdi a dimensão da minha existência para fingir que sou mortal
Para viver perto de você, para saber mais de você, para ser parecida com você...

De você eu guardo uma tênue lembrança
Nem lembro mais quando cheguei aqui
Nem lembro porque pedi para crescer...
Cresci dizendo que podia fazer festa para os santos
Passei anos dançando para passar na frente dos outros
Dancei para falar tudo que preciso consertar...
Quebrei meu dente comendo cajá
As árvores que vi no fundo da minha casa eram vivas
O quintal olhava para mim enquanto eu chorava de saudades da Maria Um anjo violeta me levou à eternidade de um minuto para eu ver que não estou só...
Só sabendo disso penso que ela voltará um dia para me abraçar...
Guardo o manto que enxugou o corpo dela
Esfrego meu rosto com força para esconder minhas lágrimas
Este é *um filme* que não tem fim
A música triste que tocou na sua partida toca meu coração todos dias...
Meu pai me conta que minha avó falava sempre a verdade
Minha mãe prometeu que voltava antes do ano-novo
Eu fiz um bolo de trufas com seu nome
O nome dos meus amores eu escrevo em tupi-guarani...
Visto uma tanga preta para a próxima festa
Uso o perfume que sobrou da Mata Hari
Quebro o meu espelho encantado
Calço as botas da Joana D'Arc

Apago as luzes do castelo dos meus sonhos
Durmo para lembrar de tudo que sei!
Recebo sua carta um século depois
Você me conta que viu minha biografia na Internet
Pintei o Sol que brilha dentro do seu coração
Sou uma menina reinventando o romantismo
Subo na mesa para gritar que fiquei só depois daquela guerra...
Passaram tinta azul no muro de Berlim

Eu juro que não vi quem foi
Sou torturada **porque falo sozinha**
Fico só para cantar meus mantras

Canto minha canção de ninar:

"Agora eu era o herói, e meu cavalo só falava inglês, e a noiva do *cowboy* era você além das outras três, eu enfrentava os batalhões, os alemães e seus canhões, guardava o meu bodoque, ensaiava um *rock* para as matinês, agora eu era o rei, era o bedel, era também juiz e pela minha lei a gente era obrigado a ser feliz. E você era a Princesa que eu quis coroar era a mais linda de se admirar e andava nua pelo meu país...não, não fuja não, finja que agora eu era o seu brinquedo, eu era o seu pião, seu bicho preferido, vem, me dê a mão a gente agora já não tem mais medo, no tempo da maldade acho que a gente nem tinha nascido, agora era fatal que o faz-de-conta terminasse assim, pra lá deste quintal era uma noite que não tem mais fim..."
E AGORA???

Bem, estudo um roteiro do próximo filme que farei.
Escrevo *um final feliz* para todos
Pinto um quadro de beleza angelical
Ganho um brilho nos olhos do planeta de onde vim
O homem me olha do telhado do vizinho
Eu volto para casa voando para tomar minha sopa de aveia com bananas...
Gosto de viver grandes aventuras
Aventuro-me mais uma vez para viver nos seus sonhos
Vivo para aprender uma nova lição
Vivo por uma missão
Vivo porque a festa continua para além de todas as ilusões
Contudo e por tudo, **vivo e sonho um sonho *sonhado*** pelo sonho que minha mente criou...

Sorria, você está sendo sonhado!

QUANDO EU VOLTAR PARA CASA

A saudade de algum lugar se explica de tantas formas que eu me sinto melhor na medida em que leio novos autores e viajo por lugares novos.

Por isso eu fui ver o que tinha aquele morro no Mato Grosso do Sul e saí de lá quase integrada novamente dentro de mim. Não fosse a necessidade de voltar para a cidade, eu teria ficado lá uns 50 dias reconstruindo minha alma.

Lá, eu ouvi minha própria essência contando porque ando por onde ando e por quanto tempo ainda andarei. Lá, eu vi as sondas e as canéplas⁴ com luz e sem luz brilhante e me senti mais calma por saber que não estou tão longe de casa como pensei que ainda estivesse, e nem longe do dia de regressar, que alegria!

Também meditei sobre a teoria do ufólogo Aldomon, este escreve bem sobre o que discursa, e suas teorias não estão muito longe das dos meus velhos mestres da psicologia e da psicanálise, guardadas as devidas entonações verbais e adverbiais. Diz assim, bem abreviado, o que é alma gêmea:

(este texto do Aldomon é muito longo, leia no livro)

Aqui eu continuo minhas cantilenas:

A saudade é sentimento avassalador.

Causa tanta dor.

A falta é função para se rever.

Eu fiz muita pose para não ver meus erros, para não assumir minha missão.

Olhei no espelho errado.

Criei reflexos sem brilhos.

Fiquei roxa de vergonha.

Pedi um pedaço de pão, o cara quis me comprar.

Eu quero liberdade para falar o que penso.

Para falar tudo que dói...

Cansei de falar sério, vou cantar e rir da cara dos hipócritas.

Vou me vestir de cigana e ler a sua mão.

Você vai acreditar em mim porque eu vou contar toda a verdade.

Vou contar que o Alexandre não tem culpa de nada.

O bandido é o Zé, o candidato ao poder.

Vou contar que o cara que me ofereceu 500 mil dólares está livre.

O Alex não viu a cor do dinheiro, eu sei quem viu.

Mas isto não conto porque eles querem uma vítima com grife.

Minha grife quase custou minha vida.

E minhas células neoplásicas a FedEx extraviou.

Eu não tenho mais chance de fazer uma autovacina.

Estou correndo contra o tempo para finalizar meu livro da vida nesta encarnação.

Minha última encarnação no planeta terra!

Minha filha vai ter seu filho para embalar.

Vai adivinhar onde dói.
Vai crescer junto com ele para sentir saudades dele.
Eu saúdo sua vida, sua vinda!

Um filho da minha filha nascerá!

(escrevi em 2004)

Menino das Montanhas
Menino das Montanhas, Homem Karitiana,
Doce criança cheia de Luz,
Traz no olhar a força de seu espírito.
Enche de mel o coração da mãe.

Filho do pai que te elege o rei da floresta, joga capoeira!
Caçador de rara beleza.
Abre novos caminhos na história de seus ancestrais,

Chora a canção que adormecida estava na alma de sua mãe.
Borda uma nova colcha com fios de ouro,
Para velar seu sono.
Planta um *enxame* de estrelas em todos os corações apaixonados.
Nasce trazendo vida com força e verdade.
Jorra rara seiva de amor na alma da família!

Abençoado seja para sempre e por toda a sua existência.
Abençoado seja Menino inglês, filho de uma índia chorando em japonês...
Chora bem alto para desencantar sua Floresta!
Acorda o dragão de fogo que rege seu caminho e Seja Grande!

No dia em que escrevi este poema, sem querer adiantei o meu relógio do computador para o ano de 2046, interessante. Anotem, daqui a 44 anos saberemos.

E minha filha Vanessa continua na Austrália, enfrentando seus gigantes e mudando seus paradigmas. É um caminho árduo, mas é escolha espiritual. Guardei todos os seus poemas e alguns escrevo aqui em sua homenagem!

(Em dezembro de 2003 ela voltou ao Brasil e em março de 2004, voltou para Londres, onde está morando hoje – julho de 2004)

Finalmente in due

Libero finalmente i sospiri delle mie esperienze senza
dolore, senza nostalgia...
Tutto è calma ora, ed io non lo capivo...
Chene è stato di tutte quelle notti di inquietudine?
E di quella paura che il nuovo giorno arrivasse lasciandomi
verso il lato oscuro della vita?
Il cuore mi doleva...
Il sole non c'era...
Quella luce era illusione!
Domino ora tutte le certezze come mai prima.
Oggi mi basto! — non voglio altro da me...
Bevo del mio sangue, mi nutro di ciò che vedo,
Sono valorosa, guerriera, dragone!!!
Il fuoco della mia anima si arrende ad un'altra anima...
Confi do in questo incontro, il mio spirito è pronto ad
affrontare una nuova lezione...
Una vita trasparente come l'acqua più calda e scintillante
di spiagge più lontane
come mai ho incontrato nel mio itinerare...
Un giorno dissi di tornare a quelle acque... Eccomi!!!
E con me porto il più bello compagno d'anima!!!
C'è tutto lo sconfitto nato spazio del mondo per lui nel mio
mare!!!
Ancora ieri non sapevo condividere, ed oggi canto la
gioia di essere finalmente in due!
Non muoio per lui, ma con lui!
Ci offriamo al mondo per alimentarci l'uno l'altro.
Non ho paura dell'oscurità... ora che sono luce!!!
Ai miei genitori,
Devo l'audacia di provare anche il più dolce veleno
Sento che ora è il mio tempo
Ai miei fantasmi del passato,
Devo le taglienti parole che mi hanno insegnato il dolore,
che non dimenticherò più...
Ai precipizi della mia strada,
devo la certezza di avere vissuto gli estremi, di avere
venduto l'anima...
sapendo che sarebbe tornata...
A Dio,
Devo lo splendore di tutti i colori...
Al mio compagno d'anima,
devo il coraggio di amare...
A me,
Dovrò sempre la bambina più bella, nata per desiderare,
che si faceva carico e colpa,
che si faceva fragile per sognare e forte per piangere,
così temeraria nel lottare e altrettanto debole per farsi
sostenere...
Eccoli tutti i miei frammenti,
Ecco il mio essere,
Non ho più da lamentarmi...

Ho lasciato che la vita mi forgiasse!!!

Um pulo aqui e finalizo o livro!

Meu amigo diz que sou o resumo da vida *num gesto noturno* de fim de história que liberta para quem escreve e para quem lê!

Eu queria muito que minha mãe estivesse viva para ler meu segundo livro. Ela nem acreditava que eu me daria ao trabalho de escrever tanto para explicar como se salvar de algumas frias e como se aprende ensinando.

Eu grito para o mundo ouvir minha segunda história e espero ser bem lida e apreciada com bom gosto e respeito.

Quero ensinar um só gesto novo que seja para meus leitores e dizer que escrever é mais que gerar e dar à luz um filho. É se demolir e se reconstruir sem anestesia.

Por isso insisto na importância de se fazer o caminho do Tao. Eu deslizo pelas marginais uma vez ou outra, mas luto pelo equilíbrio, pelo meio, pelo centro, pelo dentro, pelo certo.

Quando eu terminei a última frase do livro ***Quando Não Fallo, Adoeço***, eu acrescentei o seguinte: “Depois de tudo, vou morar na Suíça”. Olhei para a frase umas duas noites e deletei, achando que seria *muita viagem*, eu nem sabia se iria mesmo e nem para onde.

Hoje, moro no Setor Nova Suíça em Goiânia. Eu não disse Genebra.

Hoje é domingo e chove muito aqui, chega a fazer um friozinho saudoso de São Paulo. Tudo é tão silencioso que penso que o fim de tudo sempre é assim, quando é o fim de verdade.

Vou arrumar minhas malas para viajar a Campo Grande e comprar uma casa para morar e trabalhar por uns anos. Depois eu vou mudar para Paris, onde minha alma anda na hora da maturidade.

Goiânia, 1 de dezembro de 2002.

Depois deste dia eu já mudei para São Paulo de volta, fui para a Inglaterra e retornei em agosto de 2004. Estou aqui, estou de novo recomeçando tudo dentro e fora de mim!

Já fiz novas plásticas nas mamas, o Charles é um mestre mesmo, ficaram quase perfeitas! Arigatô, Arigatô, Arigatô!

Comprei um apartamento novo no Morumbi, faço clínica de psicoterapia e psico oncologia no Instituto Avanços em Medicina www.avancosemmedicina.com.br Retomo meu mestrado na USP e vou dar aulas.

Escrevo o terceiro e quarto livro — Meus melhores casos clínicos, Novos caminhos, novos paradigmas, e um ensaio de um roteiro para teatro, baseado neste livro que finalizo agora pela segunda vez.

Para onde vou agora? Não sei, só quero ser livre e feliz! Mas gosto da idéia de ir para China.

Nem para China nem Paris.

São Paulo e serei vereadora para trabalhar pela educação e saúde do povo.

Sou mais forte hoje e sei para onde vou depois daqui, e que viverei até os 86 anos escalando montanhas. Eu o Mustafá, meu gato siamês.

São Paulo, 16 de julho de 2004.

Se quiser comprar o livro inteiro, mande-me e-mail:
diretoria@gotadeluzdosol.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLEICHMAR, N. M. e BLEICHMAR, C.L. – A Psicanálise depois de Freud – Teoria e Clínica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- BEAUVOIR, Simone de. – A Força das Coisas. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1995.
- BENNETT, T. Goleman, D. – Alquimia Emocional. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- CHAUÍ, M. – Convite à Filosofia. São Paulo, Ática, 1996.
- CLOW, Bárbara Hand. – A Agenda Pleiadiana. São Paulo, Ed. Madras, 2001.
- CRUSEMANN, Frank. – A Torá, teologia e história social da lei do Antigo Testamento. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2001.
- DEL NERO, H. Schützer. – O Sítio da Mente. São Paulo, Collegium Cognitio, 1997.
- DOR, J. – Introdução à Leitura de Lacan. Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. – Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1994.
- FREUD, S. – Obras Completas – Trad. Cood. Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- GREEN, A. – Sobre a Loucura Pessoal. (Dir. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- HEMINGWAY, Ernest. – Paris é uma Festa. (1899-1961) – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- LACAN, J. – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise – Livro 11. (Versão Bras. de M.D. Magno). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1964.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. – Vocabulário de Psicanálise. Lisboa, Martins Fontes, 1970.
- LOWEN, A. – O Corpo em Terapia. São Paulo, Summus Editorial, 1977.
- LOWEN, A. – O Corpo Traído. São Paulo, Summus Editorial, 1979.
- MARQUES, Graça. – Quando Não Fallo, Adoeço. São Paulo, Textonovo, 1998.
- NASIO, J. D. – Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- REICH, W. – Análise do Caráter. São Paulo, Imago, 1989.
- TULKU, Tartangue. – Conhecimento da Liberdade. São Paulo, Instituto Nyingma do Brasil, 1990.
- VALDOMIRO, Francisco. – A Mensagem do Mestre. – BHAGAVAD-GÍTÂ trad. São Paulo, Ed. Pensamento, 1996.